

ISSN 2358-0119

Divulga Escritor

REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA

Especial Portugal 2016



Ano IV - Nº 23- out 2016



Isidro Sousa O Antologista da Lusofonia

Portugal

Amy Dine
Ana Maria Dias
Angela Caboz
Carlos Arinto
Estevão de Sousa
Jorge Manuel Ramos
Jorge Pincoruja
José Teixeira
Lucinda Maria
Manuel A. Mendonça
Rosa Marques
Sara Timóteo
Suzete Fraga
Teresa Morais
Paulo Lobo

Brasil

Felipe Abreu
Guadalupe Navarro
Marcella Reis
Ricardo de Lohem
Sandra Boveto



DIVULGA ESCRITOR: UNINDO VOCÊ AO MUNDO ATRAVÉS DA LITERATURA



Isidro Sousa
O Antologista da Lusofonia
Fotos: Dado Goes
Pág. 06

PORTUGAL

Amy Dine.....	20
Ana Maria Dias.....	24
Angela Caboz.....	30
Carlos Arinto.....	34
Estevão de Sousa.....	39
Jorge Manuel Ramos.....	44
Jorge Pincoruja.....	50
José Teixeira.....	56
Lucinda Maria.....	60
Manuel A. Mendonça.....	65
Rosa Marques.....	72
Sara Timóteo.....	76
Suzete Fraga.....	81
Teresa Morais.....	86
Paulo Lobo.....	113

BRASIL

Felippe Abreu.....	90
Guadalupe Navarro.....	93
Marcella Reis.....	97
Ricardo de Lohem.....	102
Sandra Boveto.....	108

Participação Especial

Rosa Maria Santos.....	22
João Paulo Bernardino.....	28
Alves dos Santos.....	38
Rosa Maria.....	43
Isabel Martins.....	48
Diamantino Bártolo.....	54
Joana Rodrigues.....	59
Marcelo Garbine.....	63
Helena Santos.....	70

Coninter.....	75
Fernanda Comenda.....	79
Noka.....	84
José Lopes da Nave.....	88
Ironi Jaeger.....	92
Blog Um Minuto, Um Livro.....	101
Nell Morato.....	106
Frederico Rochaferreira.....	112

Colunas

Solar de Poetas – José Sepúlveda.....	19
Poetas Povoeiros – Manuela Bulcão.....	32
Mercado Literário – Léo Vieira.....	96

Livros em Foco

Isidro Sousa.....	118
Guadalupe Navarro.....	119
Suzete Fraga.....	120

Rosa Marques.....	122
Antologias Sui Generis.....	123

Revista Divulga Escritor
Revista Literária da Lusofonia

Ano IV
Nº 23
Edição Especial - Outubro 2016

Publicação:
Bimestral

Editora Responsável:
Shirley M. Cavalcante
DRT: 2664

Diagramação
EstampaPB

Para Anunciar
smccomunicacao@hotmail.com
55 – 83 – 9 9121-4094

**Para ler edições
anteriores** acesse
www.divulgaescritor.com

Os artigos de opinião são de
inteira responsabilidade dos
colunistas que os assinam, não
expressando necessariamente o
pensamento da Divulga Escritor.

ISSN 2358-0119

**Shirley M.
Cavalcante (SMC)**
Editora e Coordenadora
do projeto Divulga Escritor
www.divulgaescritor.com



Com enorme orgulho e satisfação,
apresentamos a edição especial Portugal
2016 da Divulga Escritor: Revista
Literária da Lusofonia.

A edição de N. 23 está composta
por mais de 40 autores participantes,
estes em sua grande maioria de
Portugal, divulgando entrevistas,
livros, textos em prosa e em versos...
LITERATURA.

Agradecemos o apoio do autor,
editor e antologista Isidro Sousa que muito nos auxiliou com a edição especial
Portugal 2016.

Vamos juntos ler e divulgar a Revista Literária da Lusofonia, apoiar os
nossos escritores e escritoras contemporâneas.

Muito obrigada equipe Divulga Escritor, administradores dos grupos:

Obrigada, Jose Sepúlveda, apoio em Portugal.

Obrigada Amy Dine, apoio em Portugal.

Obrigada, Helena Santos, apoio em Portugal.

Obrigada, José Lopes da Nave, apoio Portugal.

Obrigada, Giuliano de Méroe, apoio Brasil.

Obrigada, Ilka Cristina, apoio Brasil

Obrigada, a cada um dos escritores que participam contribuindo com
suas maravilhosas trajetórias literárias, apresentadas em entrevistas.

Obrigada, colunistas, que mantém o projeto vivo!

MUITO OBRIGADA, por juntos estarmos Divulgando LITERATURA.
por juntos estarmos dizendo ao mundo, EU SOU ESCRITOR, EU ESTOU
AQUI.

Divulga Escritor: Revista Literária da Lusofonia, uma Revista elaborada
por escritores, com distribuição gratuita para leitores de todo o mundo.

Disponibilizamos abaixo as edições especiais Portugal 2014 e 2015, é só
clique na imagem para acesso as edições no ISSUU.



Boa Leitura!

Conheça nossa proposta de participação, enviando email para: smccomunicacao@hotmail.com

ISSN 2358 0119

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



FREDERICO ROCHA FERREIRA
Filósofo rescreve a história revelando segredos e enigmas, no mais profundo esforço para o nosso entendimento

Brasil
Antonio Carlos
Arlindo Azeiteiro
Antonio Costa
Alexandra Mendes
Fernando Mendes
Carlos Monteiro
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Portugal
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



JACKMICHEL
A ESCRITORA 2 EM 1

Brasil
Carol Dine
Thiago Machado
Rita Souza
Fátima Foz
Eduarda Cordeiro

Portugal
Mário Soares
Mário Soares

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Autor João Leles Martins,
preservando a Cultura, cativa público adulto e infantil

Brasil
Alvaro Nunes
Dora Maria
Fernando Tava
Frederico Rochaferreira
Hélvio Fós
JC Pires
Miguel Queiroz
Mário Lopes
Osama Wazouzi
Tânia Alves M. e Rafael
Vanderlei Guimarães
Wilson Siqueira

Portugal
Alvaro Nunes
Albertina Correia

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Paul Richard Ugo e sua
estreia literária que merece a saudação: "Incrível! Fantástico! Extraordinário!"

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Portugal
Paulo Manuel
Pedro Paulo
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Amilton Costa:
o dentista que enxergou além da boca, se torna diferencial literário

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Portugal
Paulo Manuel
Pedro Paulo
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



“O Solar de Poetas é uma referência cultural em Portugal e no mundo, uma escola de poetas”

Portugal
Alvaro Nunes
Albertina Correia
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Escritor português J. Pedro Baltasar afirma: **Todos estamos ligados... por linhas invisíveis**
Pode qualquer um de nós, tornar-se num assazio Impácto?

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Portugal
Paulo Manuel
Pedro Paulo
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Daniel Deusdete
o Pastor Literário:
buscando a Deus, fazendo história, escrevendo vidas

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Portugal
Paulo Manuel
Pedro Paulo
Mário Soares
Luís António
Mário Soares
Luís António

Divulga Escritor
REVISTA LITERÁRIA DA LUSOFONIA



Melchisedes Montenegro
ESCRITOR E ATIVISTA CULTURAL
É DESTAQUE LITERÁRIO COM O LIVRO: **FELICIANA**
Um Olhar no Infinito

Portugal
Alvaro Nunes
Albertina Correia
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Brasil
Adriano Lima
Arlindo Azeiteiro
Carlos Monteiro
Cláudia Isidoro E. de Oliveira
Gustavo Santos
José Carlos Mota
Lúcia Araújo
Mário Sérgio

Conheça nossa proposta de participação, enviando email para: smccomunicacao@hotmail.com

ISSN 2358 0119



Primeiras Edições da Divulga Escritor : Revista Literária da Lusofonia



Fotos: Dado Goes

Isidro Sousa

O Antologista da Lusofonia

Entrevista

com o autor e antologista

Isidro Sousa

Por João Paulo de Oliveira

Isidro Sousa nasceu em 1973, numa aldeia remota das Terras do Demo, concelho de Moimenta da Beira, em Portugal, e reside em Lisboa. Jornalista e editor de publicações periódicas desde 1996, fundou, dirigiu e editou revistas, jornais e guias turísticos, publicou a primeira antologia em Fevereiro de 2001, colaborou com diversas editoras, participou em duas dezenas de obras colectivas, foi distinguido num concurso literário e é o responsável pelos projectos da Sui Generis, que criou em Dezembro de 2015. Tem 14 antologias organizadas (algumas editadas, outras a decorrer) e dois livros de sua autoria: «Amargo Amargar» e «O Pranto do Cisne».

O que o levou a lançar a editora Sui Generis?

Antes de mais, devo esclarecer: a Sui Generis não é uma editora enquanto empresa constituída. É uma marca registada que dá nome aos nossos livros e um serviço de apoio à edição, sendo mais correcta a designação Edições Sui Generis (edições remete para serviços e editora para empresa). Começou por ser o nome de uma colecção de antologias; evoluiu para obras individuais. Os livros Sui Generis são editados pela EuEdito. A parceria estabelecida com esta editora permite, em todos os aspectos, publicar as nossas obras. Em Agosto de 2015, recomeçando a organizar antologias, bati à porta errada; cometi o erro de buscar o apoio de uma editora pouco ortodoxa, cujo único objectivo era apoderar-se dos meus projectos. Estando «A Bíblia dos Pecadores» já prestes a ser impressa, negaram-me o contrato de edição. Não permiti ser ludibriado. Decidi relançar-me como editor. Criei, então, a Sui Generis cujos projectos associei à EuEdito, uma empresa transparente que merece toda a credibilidade. Esta parceria satisfaz-me, é para manter.

Um ano depois, que balanço faz da sua nova actividade editorial?

Muito positivo! A luta para singrar tem sido árdua. Abdi quei de certos privilégios que me proporcionavam mais conforto, como por exemplo do emprego cujo vencimento pagava contas ao fim do mês. Mergulhei de corpo e alma na literatura, buscando a realização de sonhos. Sonhos antigos. Sonhos literários. Meus e não só. De outros autores também. Ao longo do último ano, organizei 12 antologias literárias; algumas já editadas, outras ainda decorrem. E comecei a preparar, nos últimos meses, o lançamento das primeiras obras in-

dividuais: o meu «Amargo Amargar» e os livros de Rosa Marques e Suzete Fraga. A autora Guadalupe Navarro, residente no Brasil, também confiou a sua obra nas minhas mãos. «O Pranto do Cisne», meu segundo livro, foi lançado na Amazon, com o selo Sui Generis, em ebook Kindle; a versão impressa fica para mais tarde. Dou Graças a Deus por todas estes êxitos e conquistas. A Sui Generis está no bom caminho.

Que temas abordam os seus livros e em que diferem? O que os distingue?

Ambos incluem contos nas suas páginas. Estórias longas e complexas; quase pequenas novelas. «Amargo Amargar» é dedicado ao universo feminino; debruça-se sobre as vidas de seis mulheres. Seis contos, seis mulheres. Mulheres que amam, mulheres que sofrem, mulheres que amargam amargamente o cálice do sofrimento. «O Pranto do Cisne», por sua vez, reúne cinco textos homoeróticos. Existe um fio condutor entre eles e são protagonizados, todos sem excepção, pelo mesmo personagem. Os dois livros apresentam temas actuais e fracturantes; abordagens profundas bastante polémicas. Pontos fortes na minha escrita: sensualidade, romantismo e dramaticidade. Cada estória de «Amargo Amargar» mostra isso, embora a sensualidade esteja mais latente. Os próprios títulos, tal como as capas, sugerem dramas. Reflectem os conteúdos dos livros. O segundo, além do drama de o protagonista ver o pai assassinado pela própria mãe que o abandonara em criança, tem um teor erótico

deveras acentuado. Não se recomenda a almas sensíveis.

Mas quais são os temas abordados nas obras?

Quatro estórias de «Amargo Amargar» são contemporâneas; duas ambientam-se no início do século XX, entre o Regicídio e a Implantação da República em Portugal. Estas abordam o valor da fidelidade e as consequências do adultério em famílias aristocratas; numa delas, distinguida num concurso literário, há uma mãe sem escrúpulos que disputa o amor do genro com a filha. Doação de olhos (córnea) para devolver a visão à pessoa amada, a camponesa alvo do preconceito de famílias poderosas, gravidez na adolescência, amor com membros do clero, aborto em meios assaz religiosos e poliamor são temas vincados nas outras narrativas, ambientadas em idílicos cenários campestres. «O Pranto do Cisne» apresenta outras abordagens: homossexualidade no futebol, considerado o desporto-rei, todavia viril, para machões, relações abertas, a futilidade das celebridades, incesto e muitas aventuras libidinosas, mescladas com a tragédia familiar que envolve a morte de um pai cujo filho, uma alma sensível e apaixonante, se refugia em amores de ocasião para atenuar a dor que lhe corrói o coração e tudo fará para se vingar da mãe assassina.

Que autores lê regularmente?

Tenho o culto da leitura, de todos os géneros, estilos e temas, mas não existe um padrão definido. Tanto leio Eça de Queiroz, Humberto Eco, Camilo Castelo Branco ou Óscar Wilde como pego num

livro de Jorge Amado ou Dan Brown. Os últimos que li: Robert Graves e Guillaume Musso. Varia muito. Aprecio particularmente temas históricos. Na adolescência, devorava os policiais de Agatha Christie, Erle Stanley Gardner e Arthur Conan Doyle, que releio às vezes. Tendo a reler livros de que gostei. De Nikos Kazantzakis ou Mary Renault, por exemplo. De Genet e García Lorca também. E do saudoso Guilherme de Melo, em cuja escrita me revejo. Mas não são os autores que me fascinam. Aprecio, acima de tudo, bons textos. Pegando no livro de um autor menos conhecido, leio a síntese e as primeiras páginas. Se cativar, prossigo a leitura. Só depois procuro saber quem é o autor e que outras obras escreveu. Não aprecio José Saramago e Lobo Antunes, embora reconheça que são bons. Privilegio leituras menos complexas, ou menos densas.

Quanto tempo dedica à leitura e à escrita?

Bem menos do que gostaria. Desde que organizo antologias, mal posso respirar, o tempo é escasso. Em Agosto, passando um fim-de-semana no seio da Natureza, na zona de Sintra, li novamente um livro até ao fim. Aliás, nesses dias, li dois ou três. De regresso a Lisboa, o trabalho não me permitiu concluir a leitura do último. O mesmo sucede com a escrita. Presentemente, escrevo textos curtos: prefácios, crónicas e contos. Não há tempo para mais. Noutros tempos, dedicava imensas horas à leitura e à escrita. Até no metro ou em autocarros apinhados de gente barulhenta conseguia centrar-me

na leitura. Se leio um bom livro, não sei parar – esqueço, inclusive, de alimentar-me. É um fascínio que prende. Só respiro após virar a última página. Na escrita, idem. Envolver-me no enredo como se estivesse num filme. Imensas horas mergulhado naquela trama, escrevendo, desenvolvendo, re- vendo. Só faço pausas quando o cansaço me vence. Sou assim: entrego-me de corpo e alma. Não há uma média de tempo, desconheço qualquer disciplina relacionada.

Concorda que o escritor deve ser testemunha do seu tempo?

O acto de escrever acarreta responsabilidades. Escrevi o meu primeiro romance em 1999, ambientado na revolução de costumes que ocorreu em Portugal no final dos anos 90. Permanece inédito e contém fortes referências aos eventos dessa época. Alguém sugeriu: porque não adaptá-lo à realidade actual? Rejeito totalmente. Além de retratar contextos de tempos passados, perderia a essência. Os tempos correm, as sociedades evoluem. Há tradições que se mantêm, outras não. Se hoje temos um mundo melhor, talvez mais facilitado, houve um percurso, muita luta, evolução. Existe História! Existe identidade! É como no hospital: que será do paciente que surge na consulta de urgência sem ter historial clínico? Os médicos vão redobrar esforços até que vislumbrem a razão do mal presente.

Porque não publicou ainda esse romance? Alguma razão especial?

O título é «Juno e Java» e é a obra mais antiga que levei a cabo; so-



nhei publicá-la desde sempre. Quando senti chegado o momento de editar um livro, tencionava fazer a estreia com esse romance. Anunciei, inclusive, no início deste ano, a sua publicação numa entrevista. Razões financeiras fize-

ram-me optar por uma obra mais pequena. O romance ultrapassa 300 páginas. «Amargo Amargar» tem um terço dessas páginas. «O Pranto do Cisne» também. É mais acessível começar a lançar livros pequenos do que obras volumo-

sas. Não obstante, chegará a vez do romance. Em 2017, se Deus quiser.

Na sua perspectiva, para que serve a literatura?

Há quem defenda que é uma arma. Não discordo. Pode-se denunciar através dela e eu fi-lo recentemente num conto para «Os Vigaristas»; essa antologia foi a melhor resposta para enfrentar a perseguição desenfreada por parte do grupo editorial que pretendia prejudicar-me. Bastou divulgar o regulamento para recuperar a paz. A antologia será brevemente publicada com estórias interessantes: casa-se a realidade com a ficção e diz-se o que houver a dizer ficcionando a verdade. Mas a literatura é muito mais: acima de tudo, é uma fonte de aprendizagem! Ela cria referências, cria identidade, cria cultura! Veja-se «Os Lusíadas», por exemplo. Além do deleite que uma boa leitura proporciona, ensina muito. Vejam também «Os Maias» e «Viagens na Minha Terra», leituras obrigatórias na escola. E outros clássicos do mesmo nível. Quem deseja escrever bem, aprende muito com esses livros. A nível pessoal, a literatura é uma paixão; não me preocupa para que serve, desde que me preencha a alma e me realize. Preocupa-me escrever... escrever bem!

Escreve por impulso ou sofre para escrever?

Sou capaz de iniciar um texto por impulso, pegando na ideia disparatada que surge no momento. Porém, a ideia ganha forma, transforma-se num enredo que vai ficando mais complexo à me-

da surgem novas situações, conflitos ou personagens. Chego ao ponto em que já não sou eu que escrevo; é o próprio enredo que me conduz, desenvolvendo-se espontaneamente, assumindo proporções muitas vezes inesperadas; mas é preciso seguir aquela linha até ao desfecho e nenhuma ponta pode ficar solta. E sim... sofro muito. Quer na concepção da obra ou nas revisões, quer nos eventos mais marcantes ou emocionantes que nela ocorrem. Se o personagem chora, eu choro; se ri, eu rio; se grita, eu grito. Há um episódio, no meu romance, sobre a morte de uma criança, em que o pai, desesperado, tenta reanimá-la. Escrevi-o durante uma noite inteira; passei essa noite lavado em lágrimas – não conseguia conter-me. Era como se fosse real e eu próprio vivesse aquele acidente horrendo. Na minha mente, o filme era real e o protagonista era eu.

Por falar em revisões, emenda muito?

Só me satisfaço quando vejo todos os pontos nos iis. Gasto horas a analisar uma frase, um parágrafo. Gasto semanas ou meses num capítulo. Só largo o texto se tiver certeza de que a vírgula fica bem colocada, ou deve desaparecer. A vírgula pode influir no sentido da frase. Odeio gralhas e outros lixos visuais. Não suporto erros ortográficos. Detesto pontas soltas; as ideias têm de bem ficar arrumadas e os factos bem explicados. E as repetições? Palavras repetidas, expressões repetidas, ideias repetidas... Afligem-me! Dedico mais tempo à revisão do que a escrever. Rever não se limita a corrigir er-



ros; vai muito além disso. Criar a estória é fácil; difícil é estruturá-la, compô-la, revê-la. Só sossego quando tenho certeza de que nada mais se emenda. Ainda assim, é bom que outros olhos leiam o texto; pode escapar algo, de tão saturada que a mente já está. Isso sucedeu no meu prefácio para «A Bíblia dos Pecadores»: publiquei «fraticida» em vez de fratricida.

Tem o livro na sua cabeça ou ele vai surgindo a partir de uma ideia inicial?

O livro no seu todo nunca está na mente. No início, há a ideia... um esqueleto ou uma nuvem ainda indefinida. A trama começa em Roma, passa pelas Arábias e termina no Japão. Esboço essa linha condutora e defino conflitos que devem ocorrer, mas ignoro como se fará o percurso. É sempre uma surpresa. Como se viajasse mes-



mo! Sim, desenho sempre a espinha dorsal da narrativa. Mas nunca sei como se desenvolverá o enredo. Só no acto da escrita, seguindo a linha de raciocínio, é que ele vai surgindo, desenvolvendo, ganhando vida própria. Como sucedeu em «Juno e Java», cuja estória havia planeado para um conto de dez páginas (no máximo), com quatro personagens e uma criança. À medida que o escrevia, perdi o controlo. Resultou numa obra com mais de 50 capítulos e cerca de 30 personagens. Não consegui o conto para aquele objectivo, ficou o romance.

Quanto tempo medeia entre a escrita de um livro e a sua edição? Publica com frequência ou prefere deixar a obra amadurecer?

Não é fácil responder de modo fidedigno porque a edição dos meus livros é recente, embora publique

textos, literários e jornalísticos, há 20 anos. Tenho dois livros editados, por enquanto. E imensos textos escritos há anos no arquivo. Relidos inúmeras vezes. Escrevi as estórias que compõem «O Pranto do Cisne» entre 2001 e 2008. Os contos de «Amargo Amargar» surgiram nos meses iniciais de 2015. Os livros saíram agora. Tendo em conta outras experiências, detesto escrever e publicar logo. Não gostei de fazer isso com o prefácio para «Lágrimas no Rio», de Manuel Amaro Mendonça, apesar de ter sido elogiado. Sim, prefiro amadurecer. Sempre que possível! Prefiro manter o texto intocável durante algum tempo e tornar a pegar nele com outros olhos, a mente distanciada. Capto melhor coisas insignificantes, pormenores que não interessam, eventuais incorrecções ou ideias mal explicadas. Se porventura nada mudar, o texto está bom. Aí, posso publicá-lo.

Como vê o panorama da literatura portuguesa actual?

Há boa literatura, livros menos bons e coisas em livro que não passam de lixo. Bons livros perduram, o lixo esfuma-se. Escrever para publicar é diferente de escrever no caderninho. E existem editoras menos transparentes que são, na realidade, gráficas disfarçadas de editoras cujo único objectivo é imprimir. Quanto mais imprimirem, mais facturam! Publicam tudo o que lhes cai na rede e nem tudo o que vem à rede é peixe. Sei que é verdade! Enquanto agente literário, vi coisas que repudio. Chegam ao cúmulo de publicar textos repletos de erros ortográficos, sem sequer os sub-

meterem a algo tão básico como o corrector do Word; o livro pode ter a capa apelativa, mas os erros permanecem nas suas páginas. Há editoras que fazem propostas de edição sem lerem os manuscritos. Limitam-se a contabilizar páginas, fazer contas e enviar propostas com os seus orçamentos. Se o autor aceitar, imprimem os exemplares designados de “oferta” para o autor, imprimem mais meia dúzia para qualquer eventualidade e ficam por aí. Dizem que vendem... não vendem! Iludem o autor com falsas promessas. Depois de lhe sugarem os euros, abandonam-no à própria sorte; ele que venda os livros! Infelizmente, é verdade. Por isso, não canso de alertar: prestem atenção às queixas de outros autores. Eles podem ter razão!

É essa a sua perspectiva global?

Global, não. Claro que não! Refiro-me a pequenas editoras que grassam como cogumelos, embora algumas sejam realmente honestas e tenham procedimentos correctos. Não se pode generalizar... dez árvores não fazem a floresta, mas essas dez existem. Com grandes editoras e autores consagrados, situações dessas não sucedem, seria o fim da picada. No pequeno meio editorial, sim... com vasta frequência. Por outro lado, há pessoas vaidosas que têm disponibilidade financeira para imprimir um livro sem o menor cuidado, cheio de erros, gralhas, palha e coisas assim, e depois arrogam-se de escritores. E não aceitam críticas! Se vejo um livro desses, ponho-o de lado. Quanto às críticas, é bom que aprendam a aceitá-las. Eu evolui com a crítica. Sempre a procurei.

Positiva ou negativa, desde que construtiva, é bem-vinda. Pois, como diz o ditado, estamos a morrer e a aprender.

Como editor, qual considera a sua principal responsabilidade?

Lançar obras bem cuidadas! Quer na apresentação, quer nos conteúdos. Que interessa ter uma capa divina se o conteúdo não lhe faz jus? Preocupa-me verificar os pormenores, por mais ínfimos que sejam: se a obra está bem estruturada, bem narrada, bem revista. Mesmo que o autor diga que já fez revisão, revejo sempre. O conteúdo, para mim, é sagrado! Não basta ter uma capa apelativa. E também a paginação, o papel, impressão e acabamentos com qualidade, boa promoção e não só. Porque o livro é um luxo, não um lixo. Não pode ser banalizado com maus textos. O editor tem de saber orientar, corrigir, favorecer, colaborar. O autor requer bom acompanhamento, desde o início. Entre mim e os autores Sui Generis, existe uma forte cumplicidade; amizade também. O acompanhamento é constante; na organização de textos, revisão, escolha do título e da imagem adequada para a capa... eu cuido de tudo isso! Para que o livro seja lido e o leitor anseie pelo próximo. A propósito, a autora Sandra Boveto escreveu, há tempos, no Facebook: «O Isidro não se contenta com o seu próprio sucesso; quer também o nosso sucesso!» É verdade! Não sou egoísta. Todos os livros que passam pelas minhas mãos são tratados como filhos.

E como escritor?

Não me identifico com esse epíteto, embora possua o dom da escrita. Prefiro autor. Ou editor; é o termo que melhor me caracteriza. Enquanto autor, preocupamo-me escrever bons textos, seja qual for o género, ou tema. Textos que cativem, despertem interesse, transmitam alguma mensagem. Textos que toquem na alma. Que sejam lidos e que perdurem. Sou



aos autores que participam nas Antologias Sui Generis. Conhecendo-os, facilita muito o meu trabalho.

Por falar em corrente literária, qual é a sua?

Não sei até que ponto é legítimo falar em corrente literária. Isso faz-me lembrar movimentos de outros tempos, como as Conferências do Casino ou Geração de 70, os Vencidos da Vida ou mesmo a Questão Coimbrã. Nessa época, havia objectivos políticos e inexistiam outros meios além da literatura para protestar. Presentemente, podem-se reflectir certas realidades actuais na literatura, mas raramente se fazem protestos; pelo menos, de modo organizado ou colectivo. Na parte que me toca, a experiência no meio literário, com outros autores, é recente. Eu sou bastante eclético e as antologias reúnem diversos estilos, sensibilidades e culturas. Aliás, é nessa variedade que reside a maior riqueza de uma antologia, algo que aprecio. Surgem cada vez mais autores nas Antologias Sui Generis, portuguesas e brasileiras, cada um com a sua particularidade. Mesmo os poetas... cada um tem o seu modo de poetar. Nas obras individuais, também não pretendo adoptar uma linha específica. Acima de tudo, que tenham qualidade. Desse modo, pode-se considerar que a minha corrente literária, se é que tenho alguma, seja eclética.

Durante 12 anos, dirigiu a revista Korpus, a única que em Portugal se dirigia a um público homossexual e que marcou uma época. Essa experiência reflecte-se na sua escrita de hoje?

A Korpus enriqueceu-me sobremaneira a bagagem do saber; foi a minha maior escola. Quando a fundei, em 1996, os meus conhecimentos em jornalismo e noutras áreas editoriais eram nulos. Porém, rodeei-me de bons jornalistas e outros profissionais, do Direito à Antropologia.

Tropeçando e aprendendo, fui evoluindo. Aprendi a rever, a coordenar, a organizar, a paginar, a promover, a fotografar, a vender, tudo! Com o tempo, tornei-me minucioso, perfeccionista. Obviamente que tudo isso se reflecte nas tarefas actuais. Doze antologias lusófonas e cinco livros individuais num ano não é péra doce. É preciso ter estofos para gerir diversos projectos desta envergadura em curtos espaços de tempo. E com qualidade! Esta capacidade de trabalho é um reflexo da longa experiência adquirida com a Korpus. Não haja a menor dúvida! Sem essa experiência, dificilmente conseguiria dar conta dos projectos, tantos e variados, que tenho, presentemente, com a Sui Generis.

Voltando à sua faceta de editor... Tem sido fácil o percurso? Ou tem encontrado muitos obstáculos?

A vida sem obstáculos torna-se monótona. Obstáculos são o tempero de um bom percurso profissional. Temos é de saber contorná-los, e nunca desistir das metas. Aprendi a fazê-lo. Com muita luta e sacrifício, claro. Hoje, não permito que me pisem, não aceito que me derrubem, não me rendo facilmente. Eles marcaram sempre presença na minha trajectória editorial, desde há 20 anos. Calejaram-me. No contexto actual, um dos mais flagrantes surgiu no ano passado, quando o grupo editorial, com o qual então colaborava, quis apoderar-se do meu projecto e tentou desmoralizar-me. Não me acobardei com pressões, ameaças e perseguições. Pelo contrário! Arregacei as mangas, fiz das tripas coração e fui à luta. Contra ventos e marés, lancei a Sui Generis, sem qualquer hesitação, e vejam-se os resultados volvido quase um ano. Um obstáculo, quando ultrapassado, fortalece-nos.

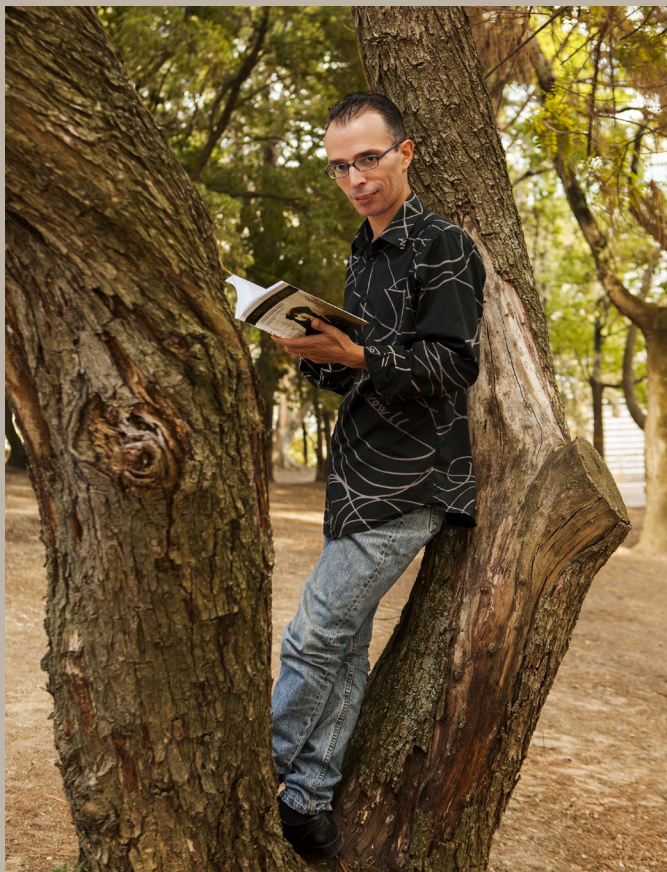
E desilusões? Deslealdades?

Imensas! Mas os anticorpos criados raramente me deixam afectar. Entristecem

e exigem cuidados redobrados; quanto mais prudente, melhor! Contudo, há que prosseguir. No final de Setembro, vi uma antologia Sui Generis, «Anjos & Demónios», copiada por uma editora no Brasil e denunciei logo a situação. Não a obra em si, ainda não concluída, mas a ideia do projecto: mesmo tema, mesmo título, mesmas regras, mesmos prazos de submissão, regulamentos muito idênticos. Que nome dar a isso se não cópia? Coincidência? Pois se o meu trabalho é conhecido na referida editora e participei, inclusive, em projectos da mesma... Há várias maneiras de elaborar regulamentos que transmitem a mesma coisa. Meia dúzia de palavras cortadas ou alteradas não escondem um copy/paste. De igual modo, também certos autores, nos quais julgava poder confiar, desiludem. Há quem se aproxime visando saber o que se faz por cá, para relatar sabe-se lá a quem. Tipo espionagem. Se julgam que eu não percebo, enganam-se. Posso fingir que fecho os olhos, porém, não durmo. Bem pelo contrário: vou-lhes dando corda até que se enforcuem nela. Tenho procedimentos específicos para conhecer os terrenos pantanosos em que me movo.

Quais são os planos para os próximos tempos?

Lançar, ainda este ano, as antologias finalizadas: «Ninguém Leva a Mal» (estórias carnavalescas), «Sexta-Feira 13» (contos assombrosos), «Saloiros & Caipiras» (contos, causos, lendas e poesias sobre as ruralidades portuguesa e brasileira) e «Torrente de Paixões»



(poesia lusófona). Seguem-se «Os Vigaristas» (crónicas, poemas e contos do vigário) e «Devassos no Paraíso» (contos eróticos). Estão a decorrer «Anjos & Demónios» (contos sobrenaturais), o segundo volume de «A Bíblia dos Pecadores» (inspirada em episódios bíblicos) e «Graças a Deus!», uma Acção de Graças, em prosa e poesia, para o Natal. Não sou religioso, mas tenho muita fé em Deus e esta antologia é o melhor agradecimento. Há mais antologias, com temas distintos, para organizar e novos livros individuais no horizonte. Em 2017, desejo um maior envolvimento de autores em projectos Sui Generis e dedicar-me aos meus livros que ficaram de lado. Tenho três para editar: «De Lírios» (contos), «Feiticeiro do Amor» (poesia) e «Juno e Java» (romance).

CONTACTOS

Email – letras.suigeneris@gmail.com

Facebook – www.facebook.com/isidro.sousa.2

Blogue Pessoal – <http://isidelirios.blogspot.pt>

Sui Generis – <http://letras-suigeneris.blogspot.pt>

DADO GOES: UM FOTÓGRAFO SUI GENERIS

Por Isidro Sousa



O fotógrafo Dado Goes é perfeccionista em todos os trabalhos que faz. Embora concretize a maioria deles na moda, desenvolve um projecto “autoral” com corpos humanos, procurando (sempre) um equilíbrio que consiste em combinar «o bom traço com as linhas do corpo, tudo em harmonia com luz e volume». Na sua obra, busca referências das artes plásticas, tanto para uma campanha de moda, publicidade ou retratos. «O que mais me influencia são os desenhos, os traços, a luz, a sombra, a expressão e os sentimentos que o modelo às vezes revela, mas que também esconde; por isso, temos de interagir com paciência, para tirar dele o máximo», revela, frisando que procura fazer imagens com «uma luz bonita que revela sentimentos e segredos. Eu gosto disso!».

Para atingir este nível de perfeição, Dado desbravou um longo percurso. Natural do Brasil, ingressou num grupo de teatro da cidade de Taubaté, em 1990, onde morava com os pais. No ano seguinte, partiu para São Paulo, buscando novos sonhos e abrir a visão artística, onde continuou a “vida dura” nos palcos dos teatros. «Todo o dia era diferente; cidade grande, sonhos grandes, boas perspectivas», afirma, desvendando que fez «vários cursos de arte, desenho, xilogravura,

modelagem em argila, escultura em pedra sabão... queria conhecer ferramentas que me possibilitassem uma maior atitude na arte da representação gráfica e que eu pudesse desenvolver mais a capacidade criativa».

Mais tarde, desistiu do teatro. E porque «precisava de pagar as contas» para se manter em São Paulo, passou a trabalhar como “office-boy” num escritório de advocacia. Não obstante, foi “feliz” nesse emprego porque o ajudou muito «a tomar contacto com a cidade que estava me recebendo, e conhecer a cidade de São Paulo foi uma aventura maravilhosa!».

Nesse período, um amigo ofereceu-lhe uma câmara fotográfica analógica. «Estávamos ainda nos idos dos anos 90; não existia o digital!» Seguiu-se, então, a fase experimental «recheada de medos e curiosidades, ansiedade e muitos gastos com filmes, revelações e ampliações das fotos que realizava nos finais de semana. Meu coração e minha mente ficavam em festa quando via as fotos sendo ampliadas no interior dos laboratórios».

Após a fase inicial, de entendimento e namoro com a fotografia, fez o curso de Design Gráfico na Universidade Anhembi-Morumbi. «Um novo universo se abriu para mim; pude aplicar o meu dote de desenhista, e sonhador das artes plásticas, num meio com imensa visibilidade, interagindo com novas mídias, novos programas de ilustração, conhecendo outras pessoas que comungavam o mes-

mo desejo de criar e adquirindo conhecimentos com professores maravilhosos». Durante o curso, experimentou lançar na fotografia mais formas e traços, compor com a Natureza e contrabalançar com grafismo, testar a cor, fundir foto com desenhos, fazer experiências com “deformações”. «Isso fazia sentido para mim. Começava a sentir-me completo com essas ferramentas... Sentia que o meu universo era mais nas artes plásticas do que ser só fotógrafo ou design gráfico».

Concluído o curso de Design, a fotografia chamou-o para os estúdios e a vida apontou o caminho a seguir: «Me tornar fotógrafo!». Entregou-se «de corpo e alma», laborando em vários estúdios. «Precisava ter vivência como assistente, experimentar o dia-a-dia do estúdio, saber lidar com o cliente, preparar o set de luz, pintar os fundos, montar câmaras e lentes. Existia ali uma engenharia que eu não dominava, por isso, estive seis anos como assistente fotográfico e, dessa forma, pude apurar a técnica fotográfica, aprender sobre a câmara, física, química, óptica, luz, sombra, direcção de modelos e desenvolver uma linguagem fotográfica.» Em estúdio era como estar «na produção de um filme: maquinaria, camarins, maquilhagem, modelos, luzes coloridas... fotografando o modelo com fundo colorido, fumaça no cenário, produtora... todos no mesmo clima, na mesma sintonia... ávidos por aprender como se faz uma foto, como se monta um look...».

Embora a fotografia seja, presentemente, o ofício de Dado



Goes, ela é, acima de tudo, «uma ferramenta para eu contar histórias, revelar emoções e sentimentos e tentar fazer imagens com uma boa estética, apuramentos de cor, de uma luz madura e bonita,

onde os “objectos” retratados possam se sentir bem e bonitos». Gosta da fotografia contemporânea, porém, não descarta referências dos grandes mestres da arte fotográfica. Nos trabalhos que mostra,

podemos apreciar imagens fortes, expressivas, frontais, intensamente emotivas, de um fulgor visual inigualável, contrastando luzes fortes com sombras pronunciadas, provocando efeitos intensos quase irrealis, misturando o classicismo de fotógrafos como Irving Penn com a ousadia de Helmut Newton.

«Uso o passado para aprender e recriar uma linguagem... nas ruas, numa paisagem, em estúdio, na moda...», explica Dado. «Quem trabalha com artes visuais tem de estar sempre com a mente, olhos e coração abertos para as transformações da vida: o brilho do Sol, a sombra das árvores, a textura das plantas, os movimentos das pessoas, a arquitectura, o cinema... precisamos estar com todos os sentidos abertos para absorvermos tudo!» Garante que o “verdadeiro” fotógrafo, antes de clicar, já tem a foto formada na sua cabeça. Para isso, é necessário «amadurecimento e a humildade de entender que não se consegue uma boa fotografia no primeiro clique, mas após várias tentativas, erros e acertos». E conclui: «Fotografia para mim não é comércio. Fotografia é arte! Eu escolhi ser fotógrafo! É um estilo de vida, um sentimento que carrego dentro de mim, como o pintor carrega nos braços o seu cavalete, os pincéis e as tintas na bolsa.»

Após trabalhar no Brasil, Dado quis experimentar o “clima europeu”, buscando novas fontes de inspiração: na arquitectura, nas artes e no modo de vida dos europeus. Viajou para Portugal e reside em Lisboa, «uma cidade linda, com bela arquitectura e uma luz extraordinária», onde desenvolve



trabalhos e está ligado a agências de modelos, “prospectando” novos clientes e «criando meu network para montar uma equipa sólida e criativa para trabalhos futuros». Sente-se à vontade na capital portuguesa, fotografando constantemente, enquanto profissional.

Dado Goes está disponível para qualquer trabalho fotográfico. Pode ser contactado pelo telefone 968691556, através do email (dadogoesimagem@gmail.com) ou pelo Facebook (Dado Goes).

CONTACTOS:

Telefone: (+351) 968 691 556

Email:
dadogoesimagem@gmail.com

Facebook: <https://www.facebook.com/profile>.



Portal Literário – Um Mundo Literário ao seu alcance



www.portalliterario.com



SOLAR DE POETAS

Por José Sepúlveda

A Arte

*“A Arte é tudo,
O resto é nada”
Eça de Queiroz*

Quando os artistas dão as mãos, a magia acontece.

Tem sido assim nos saraus e tertúlias que vão proliferando para além destes espaços cada vez em maior número onde, com o pretexto de se falar de poesia, de música ou de pintura, os artistas se reúnem para partilhar emoções e mostrarem um pouco da sua arte.

Curioso notar-se que um artista raramente desenvolve uma só arte. É vê-los na sua criação poética, muitas vezes com belas ilustrações que cria dedicadamente ou mesmo trauteando de improviso os sons mágicos extraídos dos textos que dedicadamente cria. E lá está o artista fotógrafo para registar esses momentos únicos.

Mas, o interessante, sem dúvida, é quando os artistas se unem, qual simbiose, para partilhar experiências e interpretar-se entre si. Tem sido comum entre os eventos a que tenho assistido e nos quais venho participando esse desejo, esse impulso de partilha (in)vulgar, em que os poetas interpretam artistas plásticos ou estes os poetas

nas suas criações, ou os músicos se colam aos seus instrumentos e, muitas vezes improvisando, interpretam esses companheiros de arte, exibindo ali as suas criações, em certames cada vez mais concorridos, ao som do piano, do violino ou da viola, delícia de todos os aqueles que têm o privilégio de partilhar esses momentos.

E é nesta partilha constante que a alegria surge e que o incentivo às artes se pode ler em cada gesto, criando em cada um momentos de excelso prazer e desejo de partilha.

Se bem que cada arte tenha as suas características muito peculiares, esta interligação entre artistas motiva toda a gente, levando-nos a viver e a partilhar as emoções uns dos outros.

Como seria bom que estes pequenos nada em favor da arte pudessem prosseguir com entusiasmo e que pudessemos continuar a ver poetas, escritores, músicos, pintores, escultores e demais artistas envolvidos nesta onda de cultura que a todos beneficia e a quem proporciona momentos de prazer, de convívio e de amizade que tornará a vida mais agradável e ajudará a erguer mais alto o estandar-

te daquilo que mais vale a pena no percurso da nossa peregrinação, tendo sempre presentes essas palavras sábias de Eça de Queiroz: A arte é tudo, o resto é nada.

A cor o som e a poesia

*A vida, a cor, estendem-se no espaço
Com gestos de pureza e fantasia,
São filhos que te saltam do regaço
Num cântico de amor e de alegria*

*Ouçõ teus gritos, sigo-os passo a passo
Até ao infinito e se algum dia
O sonho se estender num longo abraço,
Eu cantarei um hino à poesia*

*Deixa vibrar o sonho e a quimera,
E seja grande ou não a tua espera,
Que a cor e o amor em telas se desventre.*

*E aos céus eu lançarei este meu grito
Para que viva o sonho, a paz o mito,
A cor e a poesia eternamente!*



ESCRITORA AMY DINE

Tendo começado desde os três anos a tomar contacto com a poesia que a Mãe me ensinava para depois recitar nas festinhas do colégio onde ela trabalhava desde logo mostrei algum jeitinho para declamar. Mais tarde por mim própria integrei festas da Igreja aonde também cantava e representava. No liceu tomei contacto com os clássicos da literatura portuguesa e como quase todos os adolescentes comecei a ensaiar alguns poeminhas muito incipientes ainda. Ao conhecer meu marido verifiquei ter ele um jeito nato para a poesia que após sua reforma desenvolveu bastante ao formar os grupos do Solar de Poetas e dos Poetas Póveis nos quais me integrei tendo então recommençado a fazer poesia agora mais consistente. Entretanto após uma grave doença de um de nossos filhos editei um pequeno livro com o título O Toque de Sua Mão. Irei lançar a 12 de Novembro meu primeiro livro de poemas.

Boa leitura!



O livro terá a ilustrar alguns poemas e as páginas temáticas alguns desenhos meus mas na sua maioria desenhos feitos por meu filho Miguel quando tinha a idade entre os nove e os treze anos.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Amy Dine é um prazer contarmos com sua participação na Revista Divulga Escritor, conte-nos em que momento se sentiu preparada para publicar o seu livro “Nuances Outonais”?

Amy Dine - Agradeço o vosso convite. Quando me comecei a dedicar mais à poesia sempre pensei

que um dia chegaria também minha vez de deixar algo para familiares e amigos. Já desde o ano passado que decidi que lançaria um livrinho este ano pois entro numa fase da vida marcante (a que chamam de terceira idade...).

Como foi a escolha dos textos poéticos que compõe a obra?

Amy Dine - Não foi difícil esco-

lher os poemas pois tinha reunidos desde há muito todos os poemas que ia escrevendo e que considerei serem uma forma de transmitir aos outros minha forma de ser e estar na vida.

Que temas são abordados?

Amy Dine - Meus poemas são muito suigêneris tanto nos temas como na forma pois abordo di-

versos temas ora em soneto, ora em poesia livre, tanto em quadras como em sextilhas.

Como foi a escolha do Título?

Amy Dine - Nuances (diversidade de tons) tem a ver com a diversidade de temas e a forma como são abordados. Outonais porque na véspera do lançamento do livro completo 65 anos entrando assim no outono da vida.

Para quando está previsto o lançamento, conte-nos um pouco sobre as expectativas para o evento?

Amy Dine - O lançamento do livro será no dia 12 de Novembro pelas 21h no Diana Bar (local emblemático da Póvoa de Varzim) onde os Poetas Póveiros e Amigos da Póvoa costumam realizar seus saraus e lançamentos de antologias. Tenho previsto que meus amigos e poetas estejam presentes pois preparei tudo para que seja um evento agradável.

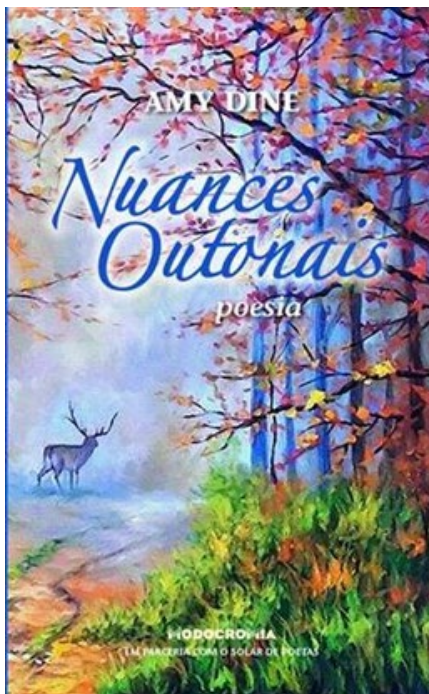
Se alguém desejar adquirir o livro e não puder estar no evento poderá fazer o pedido através do meu chat.

O que mais a encanta em “Nuances Outonais”?

Amy Dine - O livro terá a ilustrar alguns poemas e as páginas temáticas alguns desenhos meus mas na sua maioria desenhos feitos por meu filho Miguel quando tinha a idade entre os nove e os treze anos.

Pode nos deixar um dos poemas que compõe o livro?

Amy Dine - Certamente. Deixo este que fiz para a minha Avó materna



*Querida Avó
Como eu te recordo, Avó
Com teu cabelo branquinho...
Hoje sinto-me tão só
Pois falta-me o teu carinho.*

*Recordo as brincadeiras...
A nossa cumplicidade
E as minhas maroteiras...
Ai Avó, quanta saudade.*

*Longa foi a tua vida
E também muito sofrida
Com a perda do filho teu.*

*Mas com o meu nascimento
Abrandou-se o sofrimento...
Teu coração foi só meu.*

Você é gestora do grupo “Poetas Póveiros e Amigos da Póvoa” conte-nos um pouco sobre os projetos do grupo, quem pode participar.

Amy Dine - No grupo dos Poetas Póveiros só entram pessoas da zona Norte do País, com quem

podemos inter agir. Há exceções para algumas pessoas (comentadoras e uma Administradora) mas costuma dizer-se que a exceção confirma a regra... De seis em seis meses o grupo tem eventos, ora o lançamento de uma antologia ora O Mar à Tona em poesia que conta com a participação de poetas de todo o país e estrangeiro.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor “Nuances Outonais” da poeta Amy Dine. Agradecemos sua participação no projeto Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para nossos leitores?

Amy Dine - Gostaria de dizer que não deixem de ler e de escrever e sonhar pois quem sabe mais cedo ou mais tarde seus sonhos se tornarão realidade. Uma vez mais agradeço vossa disponibilidade e desejo-vos muito êxito para a revista Divulga Escritor.

Amy Dine
<http://amydine.blogspot.pt/>

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritora Rosa Maria Santos

Participação especial



Saudade!...

Hoje não oiço o ranger de portas nem as gargalhadas de crianças que percorriam os corredores de casa, desde o amanhecer até o término do dia.

Que tempo! Sempre ansiosa pelo chegar das vespertinas horas para voltar ao meu silêncio, um tempo para mim. Sorrateira, pé ante pé, entrava no quarto para vos ver adormecer. E então pensava o que me levava a procurar a noite para me encontrar com o meu silêncio. Olhava-vos um após outro, uma lágrima peregrina escorria-me pela face. Quanta ternura, quanto carinho, quando sobre vós estendia as minhas asas de galinha. Como era bom o contemplar o vosso olhar sereno, olhos fechados, silentes, no sono dos anjos!

Fecho os olhos, algo na minha mente me perturba. Este silêncio sepulcral me inquieta. Aonde estão os vossos gritos lancinantes e rebeldes de crianças que amam a vida é a quem viver no calor do seu esplendor? Saudades das vossas inquietudes. Às vezes, irritada, barafustava. Tiravam-me do sério, mas, com um sorriso nos lábios, acabava por ceder e deixava-vos nas vossas tropelias, sem nada fazer.

Aí, longe vão os tempos louças da escola, das tropelias, arrelias pela manhã, ao romper do dia, quando o sino da igreja nos dizia estar na hora de correr sacola aos ombros para a escola!

- Mamy! - Gritava um de um lado... - Papy -

gritava o outro! E corríamos desenfreados de um quarto para o outro, tentando obviar aos pequenos preciosos que sempre aconteciam.

Como voa o tempo, como queria voltar atrás e abrir essa caixinha de saudade onde guardas esses pedacinhos de mim, que saudades dessas vizinhas lindas de criança, dessas vossas tropelias em cada amanhecer!

Santo Deus, como o tempo passa! Deixa-me voltar, volver no tempo!

Saudades! Olho o vazio dos quartos, dos sorrisos, das primaveras à chuva e ao vento, dos deveres não feitos, das traquinices, das gargalhadas francas... Tudo tão perto... Tão distante! ... O tempo no tempo que não mais voltar!

Olho através da vidraça, a rua sem graça, sem jovens traquinas a brincar. - Olha o berlinde! - O meu abafador? Aonde estão as meninas de tranças encurta saia a correr ao esconde-esconde? Saudade! Como o tempo passa!

- Alexandreee! - gritava aquela mãe pela janela - Vem para casa, o pai está a chegaaaaar!

- Paulinhoooo, onde estás, meu filho, está a escureceer!

Saudade. Espreito pela janela e um vazio invade a minha alma. Nem o homem dos gelados e da língua da sogra, nem os gritos das crianças, nem os cães que ladravam e brincavam ao redor.

Silêncio! Quanta pressa para que o tempo passasse para sentirmos um pouco de descanso. E ele passou. E o descanso levou, apenas deixou saudade.

Como era bom volver no tempo para num momento levar este sentimento de saudade! Chegou, sim, arrastou consigo um sentimento de frustração e medo que magoa o peito.

Hoje penso como era bom volver no tempo. O preço da vida. A vida tem o seu tempo. Por vezes não damos valor a certos momentos e quando abrimos o baú de memórias fica a saudade. E a nostalgia é o nosso pão de cada dia...

Hoje desejei voltar no tempo. Folhee o velho álbum de fotos. Ei-lo na mão, amarelecido pelo tempo, vivendo cada momento, cada emoção, cada sentimento... Chora a minha alma tão cheia de saudade. Uma lágrima peregrina escorre pelo rosto... Fecho meus olhos, e recorro... que saudade!

FRANCISCO MELLÃO LARAYA



Francisco Mellão Laraya, também conhecido por Tito, natural de São Paulo, Brasil, nasceu em 1957. Católico apostólico romano, advogado civilista, formado pela Faculdade de Direito do Largo São Francisco.



"(...) Sinto-me hoje propenso e disposto a viver uma aventura, que não sei bem qual será e como será, é como se alguém que passa o ano trancado em seu escritório, sai a procurar emoções, que nas férias acha que terá! Viver emoções tem diversas formas possíveis de fazê-lo... (...)"



"(...) O seu texto é a expressão verbal da peregrinação por dentro de si próprio. É um caminho que se faz dia a dia, no próprio ato de caminhar. Dizem os lamas tibetanos e os gurus indianos que é lá a sua morada, no mais profundo da alma. Boa viagem! (...)"

no prefácio de "A Descoberta – O Não Tempo" de Elizabeth S. Marcovitch



"(...) Exames é um grito apaixonado de um apaixonado pela vida e pelo sexo feminino. No seu limiar de poemas e orações enxergamos um articulador lúcido e ébrio de amor. À luz da psicanálise podemos chegar ao ego e super ego de sua vulcânica Maura Cristina (...)"

no prefácio de "Exames" de Flávio Ribeiro Coutinho Neto



"(...) A leitura deste livro leva-nos calmamente a saborear a sua poesia e prosa poética e identificamos com a descrição da sua alma inquieta. (...)"

no prefácio de "Um Sonho Dentro de Um Sonho" de Maria Esther

contacto com o autor: larayaescritor@hotmail.com



ESCRITORA ANA MARIA DIAS



Pelo que creio, os leitores da Divulga Escritor serão, também, autores, e, para eles, um apelo: não deixem morrer a verve, não esmoreçam se um dia não sai tão bem”

Ana Maria de Oliveira Dias nasceu no centro de Moçambique, em 1952. Com cerca de quatro anos começou a ler, por imperativo pessoal de tentar fazer companhia aos pais, que aproveitavam os tempos livres esmiuçando tudo o que lhes pudesse proporcionar algum conforto e actualidade no mundo em que se movimentavam. Boa aluna, foi sempre estimulada pelos professores. Escrevia por gosto, sedimentado na paixão da leitura. Por contingências várias veio para Portugal para fazer a sua Licenciatura em Filologia Germânica. Como professora tentou inculcar o gosto quer pela leitura, quer pela escrita, nos alunos. Escrever por vezes é compulsão, outras vezes necessidade de expurgação. Um espírito crítico, rejeita situações desconformes. Na mole imensa, há necessidade de nos fazermos ouvir e “abanar os alicerces” que descambam para vias inadmissíveis ou “encapotam” males subreptícios. Inquieta, insatisfeita, perfeccionista – sintomas que não permitem dormências. Estar-se vivo é uma benesse gratificante.

Boa leitura!

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Ana Maria Dias, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. O que mais a encanta na arte de escrever?

Ana Dias - Tenho, antes de mais, que agradecer a deferência e a oportunidade que me foi concedida pela Divulga Escritor. Dependendo do estado de espírito, ou das vicissitudes, escrever é quase um dever, aliciante, apaziguador, de preenchimento de

vazios, uma forma de me projectar para além da solidão, do desespero, da minha desconexão com o mundo circundante. É muito variável cada momento de escrita; há sempre uma razão a despontar na ponta do aparo...

Em que momento se sentiu preparada para publicar o seu primeiro livro solo?

Ana Dias - A primeira vez que tencionei publicar o meu espólio (já lá vão cerca de trinta anos), tive que desistir por incapacidade de cumprimento das exigências da editora (em termos monetários). A primeira obra surge como meio de ultrapassar uma profunda depressão, e depois de ter rejeitado os tratamentos que me eram impostos pela psiquiatra. «Contos em Noites de Lua Cheia» (2012) resulta numa crítica de costumes; é um retrato com toda a “cor local” da Lourinhã – inacreditável para muita gente, mas absolutamente verídico: doeu-me escrevê-la, mas foi a melhor opção que poderia ter assumido. Muito mais haveria para expor, já a tenho tentado revisar, mas não sou capaz hoje – teve a sua pertinência; resultou como terapia.

Você tem vários livros editados pela EuEdito. Qual dos livros lançados pela EuEdito demorou mais tempo para ser escrito?

Ana Dias - Não é fácil indicá-lo. Tudo depende dos envolvimento exteriores. Mas as críticas e/ou ensaios obrigam a estudos mais rebuscados. Trabalhar fechada numa concha – vivo só e, apesar de ser hiperactiva, há uma concentração que se perde na minha

inquietação saltitante, e na minha inconformação constante. Tudo é variável. Mede-se o “tempo” pela delonga que nos criam as vicissitudes?

Ana, nos apresente “Lisboa Anos 70”, pode ser?

Ana Dias - «Lisboa Anos '70» reúne uma série de escritos realizados durante essa década, desde que cheguei a Portugal. A maior parte (a primeira) contém prosa; e a segunda, poesia. Era muito jovem, mais na minha forma de encarar o mundo que em idade física. Uma sonhadora, alegre enamorada da vida. Vim para Portugal sem outra alternativa, digamos assim, mas quis sempre voltar a Moçambique, onde sempre fui feliz; a vida era descomplicada. Em inícios de Dezembro de 1971, escrevi isto:

Vou partir

Eu quero partir, esquecer... esquecer...

*O manso marulhar dos coqueiros
Chama-me*

*E eu sinto uma nostalgia indizível
Que me empurra, que me atrai
magneticamente*

Com força brutal para o berço negro da terra africana

*Não queiras prender-me à morte:
Deixa-me ir – eu quero partir!...*

Quero sentir minhas veias impadas de sonho cafreal,

Quero ouvir o som longínquo do batuque na sanzala

E imaginar-me rebolando-me ao som trepidante dum Kwela,

Quero drogar meu cérebro com o odor das acácias em flor

Deixa-me partir... esquecer,

Esquecer o ano perdido no caos de uma ilusão

*Que se escoou morosamente ao rítmico matraquear da revolta
Deixa-me, deixa-me partir, fugir, esquecer*

Tenho os olhos cheios da maresia luarenta da Baía,

Tenho o peito adormecido nas asas das gaivotas bailando dengosamente na ressaca,

E sinto-me morrer ao apelo clangoroso do bananal...

Quero rasar meus braços na lonjura,

Quero abraçar-me à sombra resinosa do eucalipto...

Mas é tão vasto o mar, tão distante o sonho

E eu quero!, quero-me em terra africana!

Quero a nostalgia transformada em poesia!

Com relação aos livros que são peças de teatro, qual é a mensagem que você quer transmitir ao leitor através dos enredos que compõem a obra?

Ana Dias - As duas peças de teatro estão insertas num mesmo volume, muito ligeiro, que surgiu por um desafio a que, depois, não respondi. «Rosário de Contas» – peça com XIII cenas relatando vivências e confrontos entre jovens, estudantes universitárias, ou não, de procedências e expectativas bastante diferenciadas. Decorre, principalmente, num lar de raparigas. É de alguma forma autobiográfico, mas o “volte-face” é dado pelas saídas por que cada personagem busca. Um alerta para que as raparigas não se percam nos seus intentos, quaisquer que eles sejam, ainda que as tentações à volta conduzam a desgastes, por vezes desnecessários.

«Café-Concerto» – peça em II actos: tentativa de libertação da mulher das grilhetas impostas pela sociedade: é passada essencialmente num bar, onde se acoitam almas solitárias em busca de sons para adormecerem o espírito num copo, que inebrie os sentidos e ajude a aligeirar a pressão da vida.

Onde podemos comprar os seus livros?

Ana Dias - A maioria das minhas obras pode ser solicitada à EuEdito, que tem Livraria On-line e que as remete com bastante presteza. Com a EuEdito estabeleci um acordo, que me agrada sobremaneira – serviço limpo, rápido e que não é nada oneroso (para o que se pratica por aí, com as editoras que se conhecem). O meu principal problema é deixar editados, e registados, os meus exercícios de escrita.

Você já participou de várias antologias e colectâneas. Qual foi a participação que mais a cativou? Por quê?

Ana Dias - Há várias, todas de poesia. As razões são comuns: os desafios lançados ou me cativaram sobremaneira ou me “apanharam” em maré proveitosa. A das «Décimas», dos Horizontes da Poesia, a «Quatro Poetas», da Papel d’Arroz, a algarvia «Terra Luz» e outras mais que, de momento, não me ocorrem.

Quais são os seus principais objectivos como escritora?

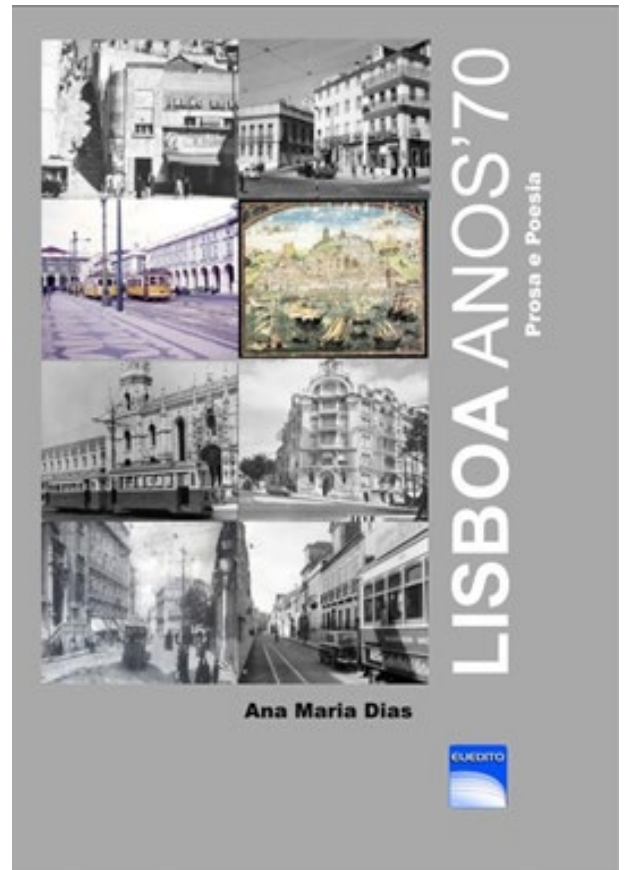
Ana Dias - Dizer que não nos importa sermos, ou não, conhecidos, é absurdo – é evidente que todos os que escrevem gostam de

ser reconhecidos pelo seu mérito. Os meus principais objectivos prendem-se com o facto de querer deixar tudo “arrumado” e evitar tropeçar em papel disperso por pastas e/ou gavetas – ainda manuscrovo, primeiro, e só depois passo ao computador. Vou sendo (re)conhecida através das Antologias em que participo, o que é bastante recompensador.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Ana Maria Dias. Agradecemos a sua participação na Revista

Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Ana Dias - Pelo que creio, os leitores da Divulga Escritor serão, também, autores, e, para eles, um apelo: não deixem morrer a verve, não esmoreçam se um dia não sai tão bem; há muitos e mais felizes momentos na vida de um(a) escritor(a). Desistir é que nunca. Muito obrigada à Divulga Escritor. Foi uma honra para mim poder figurar nesta Revista. Bem hajam.




Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



DIVULGA *****
ESCRITOR

OS MELHORES **ESCRITORES** ESTÃO AQUI!



LER, uma nova forma
de ver, pensar e sentir

www.divulgaescritor.com

Todos os dias novos textos com os colunistas Divulga Escritor!

COLUNISTAS

EVENTOS

ENTREVISTAS

LIVRARIA

REVISTA

Contato Geral: smccomunicacao@hotmail.com



“Carta de

«Estimado marido, não queria precisar de escrever esta carta para que me pudesses compreender mas esta foi a única forma que encontrei. Com ela quero dizer-te o que me corre na alma sem receio, pois na vida há momentos em que precisamos falar com coragem.

«Escrevo-te por considerar justo dar-te a conhecer os motivos da minha ausência. Não valerá a pena procurares-me pela casa porque não me encontrarás nela. Saí com as crianças logo após a tua chegada, ébrio e saciado com as tuas amantes.

«Depois de tantos anos de infelicidade a teu lado, a sofrer com os teus desvairados prazeres nocturnos e maus tratos, deixando-me com os nossos filhos ao deus-dará e à mercê da nossa sorte, sabe Deus quantas vezes passando fome e frio, acordei resolvida a acabar com esta farsa de casamento. Não penses que te odeio ou nutro algum sentimento de repulsa. Apenas não consinto mais que me humilhes ou me desiludas constantemente, que me magoes física e espiritualmente ou que me consideres até tua serva. Exijo respeito! Jamais permitirei que continues espezinhando os meus sentimentos e caminhos sobre a minha dor.

«Desde que me conquistaste e tivemos as nossas crianças, em que construímos esta casa e aqui fizemos vida, todo este tempo vivi apaixonada e deslumbrada por ti. Durante anos suportei este casamento porque queria mostrar o

quanto te amava e que o nosso casamento seria para sempre. Decidi esperar-te nos últimos anos mas a solidão tomou posse de mim. Se eu tivesse o teu amor não teria dor! Todas as noites rezei para que não saíesses desta maldita casa e te amantizasses com vagabundas sem vergonha que apenas levam o teu dinheiro, o meu dinheiro, o nosso dinheiro. Não aguento mais, não aguento! Vivi sempre na ilusão de que um dia abdicarias de gastar o teu tempo com quem não devias e me amarias de novo. Sem dúvida que não passou de um logro, já que nem sequer te dás ao trabalho de dissimulares as tuas saídas. Sonhei que em algum momento me compreenderias, acordarias a meu lado e me beijarias como um marido digno e honrado. Quão estúpida fui em pensar nisso! Quão ingénua, meu Deus! Só sonhando poderia ter tal assombro. Sinto-me humilhada!

«Não, não quero sofrer mais! Sou mulher e não me fazes feliz, viva. Estou farta dos maus-tratos que me infliges e não quero voltar a encarar novas discussões. Não tenciono continuar a ter por ti um respeito profundamente temeroso e não derramarei uma única lágrima que seja de angústia e opressão. Não quero sequer ver-te, pois és a causa de toda a minha infelicidade! Este meu coração despedaçado e as profundas feridas que me infringiste levarão a que não te possa esquecer tão rápido como gostaria. Tu foste o homem da minha vida e, simultaneamente, a maior decepção! Apenas te pedía amor mas isso não se

Participação especial

despedida”

pode querer dos outros quando a cabeça é fraca ou está noutra latitude. Ou, quiçá, quando não se tem para dar. Essa realidade que vives não é a minha e tu já não és quem eu pensava. Deixares de te importar com o que penso ou com o que falo é sinónimo de desprezo e ausência, e disso não preciso.

«No teu lugar quem me dera que existisse alguém que me amasse e me orgulhasse com a sua generosidade e paixão, que me preenchesse como mulher e não como uma marioneta. Apesar de ainda te amar e estar sozinha, na vida tudo tem um tempo e o teu acabou e não ficaste na minha vida. O destino assim escreveu. Hoje, sem ti, sentir-me-ei uma mulher mais feliz, esperando encontrar em outros braços o amor que entre nós não vivemos.

«Não espero perdão mas também não perderei. Não tenho mágoa mas, se a sentires por mim neste instante, estou certa de que não será maior do que a que tive ao longo de todos estes anos que vivi a teu lado. A despedida é sempre triste de anunciar, que não deveria sequer existir, mas despeço-me de ti com o coração livre de mágoa e sem rancor, nem que seja pelos filhos que me deste e que amarei até à morte. Não precisarei baixar a cabeça para não ver os teus olhos e passarei por ti sem rancores como se entre nós não houvesse adeus.

«Trouxe os nossos filhos não por raiva ou qualquer sentimento de provocação ou maldade,

mas porque sei que assim terás mais tempo para te deitares entre as pernas das tuas petulantes amantes. Os teus filhos terão oportunidade de te ver sempre que esse seja o desejo de parte a parte. Assim acontecerá perpetuamente e não colocarei obstáculos mas hoje, inexoravelmente, chega o dia do adeus, fechando todas as portas para uma possível reconciliação, sem que com isso possa sentir alguma saudade do tempo em que estivemos juntos. Não obstante já não fazer parte da tua vida, seguirei o meu caminho sem qualquer saudade tua, sem o teu olhar e indiferença. Apenas seguirei cicatrizada de todas as feridas que me infligiste.

«Poderás ficar com tudo o que aí deixei. Não quero nada que não seja minha pertença. Nesta combinação de desilusão com uma sensação de alívio, desejo apenas que sejas feliz e encontres alguém que te complete. Deixa-me viver o que me resta e procurar o amor. Afinal, quantas pessoas passam uma vida à procura de um verdadeiro amor? E quantas realmente encontram? Apenas busco por dignidade, nada mais. Amei-te, sim é verdade, mas não me esperes mais, pois amo-te ainda demasiado para continuar a sofrer... Para terminar, peço-te um único favor que gostaria que cumprisses: se me quiseres encontrar, desiste! Ou prova-me que me amas e que és o homem da minha vida.

«Até sempre, me despeço...»



ESCRITORA ANGELA CABOZ



Ângela Maria C. Gaspar Caboz tem 49 anos, é natural de Tavira (Santiago) e apaixonada desde sempre por leitura, música e cinema. Escreve com o “coração nas mãos” sobre os sentimentos que lhe habitam na alma e que reflectem a sua maneira de ver e sentir o mundo real, que a rodeia. Publicou, em Setembro de 2014, o seu primeiro livro exclusivamente de poesia, «À Procura de Um Sonho»; em Julho deste ano, publicou «Amo-te Miúdo Tonto» e tem várias participações em obras colectivas.

Boa leitura!

Queria que existisse, na história, a ideia de que os amores nem sempre são perfeitos, mas que, mesmo assim, podem ser grandes amores e marcar momentos que nos fazem felizes.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Ângela Caboz, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Após o sucesso com a publicação do seu livro «À Procura de Um Sonho», está com novo lançamento. O que a inspirou a escrever «Amo-te Miúdo Tonto»?
Ângela Caboz - Este novo livro é um projecto num formato diferente. Depois de um livro exclusivamente dedicado à poesia, que é a minha grande paixão escrita, agora decidi arriscar um pouco e editei um livro que apresenta alguns textos, todos eles pequenas

crónicas. Já há algum tempo que escrevia neste formato e resolvi escolher alguns que poderiam estar interligados entre si de modo a construir uma história. E o resultado está aí: o meu novo livro «Amo-te Miúdo Tonto».

Conte-nos um pouco mais sobre este novo livro.

Ângela Caboz - Conforme já referi, este livro conta uma história, ou, pelo menos, deixa que o leitor idealize essa história, através de pequenas crónicas. E essa história conta a história de um amor entre duas personagens, a miúda gira e o miúdo tonto. Os textos falam de

como esse amor surgiu, como evoluiu e as mudanças que ele fez nas vidas de cada um dos personagens. Descreve as suas emoções, sonhos e até alguns receios que foram surgindo no dia-a-dia das personagens.

O que mais a encanta no enredo que compõe «Amo-te Miúdo Tonto»?

Ângela Caboz - O que mais encanta nestes textos é o facto de eles revelarem sentimentos profundos e o facto de cada um de nós se conseguir identificar com aquela maneira de sentir o amor. Posso dizer, sem grandes dúvidas, que já todos nós vivemos paixões iguais à que esta história descreve.

Quais foram os principais desafios

para a construção do enredo que compõe esta obra?

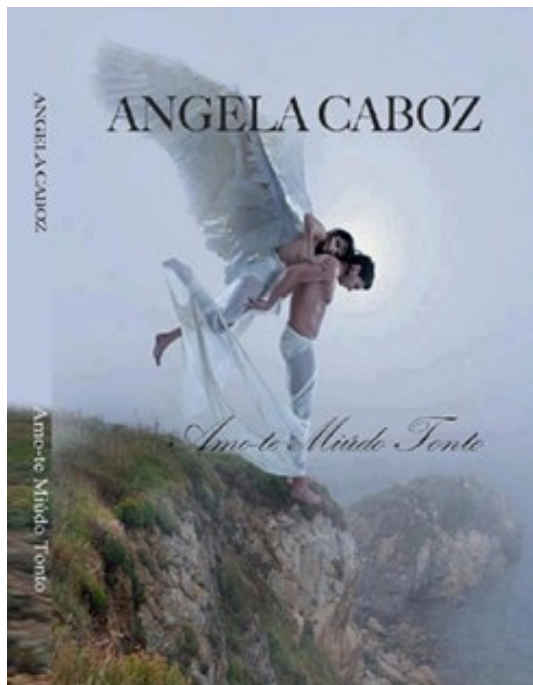
Ângela Caboz - O maior desafio foi construir dois personagens com vidas idênticas às de qualquer ser humano normal. Personagens que vivam sentimentos reais... em que nem tudo tenha um aspecto “cor-de-rosa” e um final feliz. Queria que existisse, na história, a ideia de que os amores nem sempre são perfeitos, mas que, mesmo assim, podem ser grandes amores e marcar momentos que nos fazem felizes.

Dizem que os personagens têm muito dos seus autores. Qual dos personagens de «Amo-te Miúdo Tonto» tem mais de você? Por quê?

Ângela Caboz - Claro que os personagens têm sempre algo nosso! Afinal, são construídos a partir dos nossos sentimentos. Neste caso, é óbvio que a personagem da “miúda gira” tem algo de mim. Existe nela muito da minha maneira de viver a vida, muito da minha maneira de sentir os amores. Ela é uma sonhadora e esse é um dos meus grandes defeitos.

Você já participou de várias antologias. Qual foi a participação que mais a marcou? Por quê?

Ângela Caboz - Sim, já participei em mais de duas dezenas de antologias. Sem qualquer desprestígio para as restantes, a que mais me marcou foi a primeira em que participei, «A Essência do Amor – Volume I», da Edições Vieira da Silva. E talvez por isso mesmo, porque foi a primeira e marca o meu arranque nesta aventura pelo mundo literário. Antes, nunca tinha arriscado a mostrar o que



escrevia, e o facto de esse poema ter sido aceite, para estar incluído nessa antologia, deu-me um incentivo extra para continuar. Mais tarde, entrei também no III Volume deste projecto, e esta participação no projecto será sempre muito importante para mim.

Onde podemos comprar o seu livro?

Ângela Caboz - Tal como o primeiro, também este livro, «Amo-te Miúdo Tonto», apesar de ser editado através de uma editora, é um projecto independente. Por isso, o livro está a ser comercializado por mim. Poderão adquiri-lo contactando-me directamente através de <https://www.facebook.com/angela.caboz> ou então <https://www.facebook.com/Angela-Caboz-escritora-1701926256699558/>

Qual o tipo de textos que gosta de ler?

Ângela Caboz - Gosto de ler poesia, como é óbvio. Mas também gosto de outros registos, como prosa poética, crónicas, romances e outros.

O que mais a encanta na leitura destes textos?

Ângela Caboz - Gosto especialmente de textos onde existam sentimentos. Porque, para mim, escrever é sempre para soltar os sentimentos que temos armazenados em nós.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Ângela Caboz.

Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que cada leitor pode fazer, em sua opinião, para ajudar a vencermos os desafios encontrados no mercado literário nacional?

Ângela Caboz - Se cada leitor comprar habitualmente um livro dentro do género de que mais gosta de ler, está, de uma maneira fácil e simples, a ajudar o mercado literário, porque o grande problema é que cada vez menos pessoas se sentem motivadas para ler, e depois os livros não se vendem e os escritores acabam por não arriscar a editar as suas obras.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



Poetas Poveiros

Por Manuela Bulcão

A Poesia

Poderia escrever um verdadeiro tratado sobre a Poesia e sobre todos os seus aspectos ínfimos. Contudo, acredito que tal seria uma tarefa titânica para alguém de tão pequena estatura como eu. Admito que pesquisei a temática, mas a frieza dos factos, datas e outras algemas históricas rasgaram-me a firmeza do meu sentir. Sempre fui alguém que não se conforma com os pedidos, reciclo-os segundo a minha vontade.

A Poesia não pode ser entendida através de factos, nem cronologias infundáveis e monstruosas.

Por isso, resolvi elaborar uma breve e simples exposição que vos apresento. Aviso que não trago nada de novo. Apenas quis sistematizar o que o meu intelecto, que se forma todos os dias, tem encaixado à força. Afinal, não absorvemos o conhecimento de modo definitivo. Temos de o viver...

Afinal o que é a Poesia?

Pessoalmente, defino a Poesia como transmitir o que nos vai na alma, retorcendo as limitações da linguagem humana, tanto no significado das palavras, como na sua ordem. A Poesia pode ser ordenada como uma fileira de soldados, rimando enquanto marcha às ordens da métrica, ou fluindo como um curso de água turva e torrencial.

Sinceramente, acredito que a Poesia é uma irmã da alma humana. Não é de admirar que

cada civilização tenha a Poesia como a expressão mais elevada da comunicação da alma. Só a racionalidade do Homem lhe dá essa capacidade de comunicar através da poesia.

Provavelmente, e como dizem muitos estudiosos nos seus longos tratados, a Poesia remonta ao início da comunicação do homem, ao jogo de sons semelhantes, às rimas que começaram a surgir de modo espontâneo e natural na interação entre um grupo de seres humanos, ou em direcção a uma Mãe Natureza que não compreendiam. Imagino um grupo, de homens e mulheres primitivos, sob o retalho de um céu estrelado, a jogar rimas, a brincar com o som das palavras, transmitindo uma forma antiga de poesia de pais para filhos.

Não esqueço que a Poesia vive de mãos dadas com a Música, essa forma de expressão tão melódica e sincera. É provável que tenham nascido juntas, como duas siamesas teimosas e desafiantes.

A invenção da escrita, graças a uma civilização esquecida do Crescente Fértil (lá para os lados do Iraque), os chamados Sumérios, solidificou a Poesia num suporte físico que mantém a sua identidade, longe das interferências e alterações da oralidade.

Como a Poesia se tornou a partir desse momento? Basta olharmos para a civilização grega. Toda uma cultura, tão forte nas suas ideias e

ideais, bebia toda a sua força dos poemas de um homem misterioso e polêmico (aos olhos dos letrados mais recentes que se chamava Homero. A Epopeia, uma forma poética, tão rígida, tão visceral na sua ordem, ordenava a alma do colectivo grego, como se tratasse de um professor meigo e carinhoso. A *Ilíada* (narra a guerra de Tróia) e a *Odisseia* (narra a viagem de Ulisses) inspiravam e educavam os gregos, e ainda marcam os poucos que ainda tem a coragem de a ler. Não é de admirar que os *Lusíadas* de Camões fossem uma imitação, mas no bom sentido, desse género, apesar de muitos de nós termos achado que era uma tortura de estudar e de ler palavras tão antigas e confusas.

A Poesia possibilita uma transmissão de pensamento e ideias, desafiando a própria limitação da linguagem. Eu, como poetisa, bem sei como é difícil transmitir o que me vai na alma. As palavras são tão limitadas, mas são também tão directas no modo como reflectem o pensamento. Este oposto é paradoxal e necessário na existência de cada homem e mulher.

Não é estranhar que o modo mais belo de falar com Aquele que está acima de nós, Deus, seja feito através dos Salmos. Esses poemas, segundo diz a tradição bíblica, escritos por um certo rei David, homem perfeito na sua condição de rei, mas com pés de barro no campo das paixões. Lembremo-nos do caso com Betsabé e do modo como Ele

enlouqueceu por ela, chegando ao ponto do possibilitar a morte do marido desta. Pena não termos nenhum poema acerca dela nos salmos!

Retomando os salmos! Que melhor modo para falar com Deus, do que através de um poema, no qual o poeta, ou neste caso específico, o salmista, coloca todo o seu coração naquelas palavras sentidas e verdadeiras!

Concluo, que independentemente do período histórico em que a civilização humana esteja, existiu sempre a poesia.

Afinal:

Como poderíamos cantar o Amor?

Como expressar aquele Amor secreto e impossível?

Como seria possível brincar com as palavras?

Como poderíamos expressar o Ódio?

Como poderíamos narrar tantas histórias que aconteceram a gerações anteriores às nossas?

Como poderia uma alma torturada como a Florbela Espanca expressar a dor ou um Bocage, nos seus laivos de matreiros, praguejar um conjunto de palavras?

Enfim...tanto se pode dizer!

Não nos esqueçamos que todos, que podemos expressarmo-nos através da Poesia?

Não precisamos de ser doutores, basta sentir, pegar num pedaço de papel, caneta, lápis e escrever...escrever...escrever...e abrir a alma a essa arte tão humana!!!



ESCRITOR CARLOS ARINTO

Carlos Arinto é o pseudônimo literário de Carlos Arinto, pessoa do sexo masculino. Arinto é uma casta de uvas, que serve para vinho, tendo a sua região demarcada em Bucelas e a maturidade do engarrafamento na Mealhada (em Portugal). Também existe como espumante. O autor que, além de ser um “rapaz” porreiro já é velhote, tem a ousadia de escrever fazendo-o com o descaramento das coisas que alegam a vida. Vejam bem a insolência, até se permite blasfemar contra a morte e tal sorte. Claro que procura a fonte da juventude deixando para a posteridade o seu testemunho, para além da herança genética e dos herdeiros (estes, sim, reais) das suas dívidas.

Boa leitura!



Um autor é um subversivo que se dedica a esmiuçar e a dissecar os cadáveres da alma.

Muitas vezes, repor a verdade, apresentar um ponto de vista, interpretar a realidade, defender uma orientação.”

Por Isidro Sousa

Carlos Arinto, é um grato prazer entrevistá-lo para a Divulga Escritor e desde já agradeço por aceitar este convite. A sua experiência na escrita é rica e o seu olhar em relação à literatura que se produz hoje em dia é um tanto ácido. O que é para si a arte de escrever? E como define a literatura que se produz nos tempos que correm?

Carlos Arinto - Isidro! Como é que você me descobriu aqui, no meio da selva? Sim, estou fazendo uma banda desenhada, com o Jim del Mónaco (boneco do Luís Louro). Claro que eu só faço os textos dentro daquelas bolinhas, tipo nuvem, que aparecem na cabeça dos desenhos. Escrever? É assim “a modos que” ir teclando deixando o espírito correr. Colocar em palavras cirúrgicas vagas ideias e criar imagens cristalizadas em palavras.

Ah, ah. Lamento desiludi-lo, Isidro, mas os tempos não correm. Quem corre somos nós. A literatura que se produz é boa. A outra, a que não presta, não pode ser apelidada de literatura, é rascunho e grunho. Berro e fantasia. Compadrio. Existem muitos bons autores portugueses que a História não esquecerá.

Tendo em conta a sua visão (bastante) crítica e analítica sobre a literatura actual, o que considera estar a ser menos bem feito? Quer pelos autores, quer pelas editoras e livreiros. E que sugestões de melhoramento?

Carlos Arinto - Todo o processo de execução é bem feito, os resultados é que podem não ser os melhores. Livreiros? Onde? Editoras? Um elogio para a minha amiga Zita Seabra. Uma editora de mérito e de capacidade histórica e cultura muito acima da média. Autores? Pois que comecem a escrever coisas interessantes, sem quererem reescrever os Lusíadas (qual Fausto Bordalo) ou recriar a Odisseia policial, procurando o tempo perdido, na versão light do José Rodrigues dos Santos. A Bíblia também já foi redigida, revista e aumentada. (estão agora a sair novos episódios, incluindo os do Richard Zimmer)

Lançou dois livros e escreveu uma peça de teatro antes da Revolução dos Cravos, o célebre 25 de Abril de 1974 que trouxe a Liberdade a Portugal, acabando com a censura em tudo o que se fazia. Hoje mostra-se avesso à publicação de um novo livro (ou, pelo menos, não divulga essa in-

tenção). Por alguma razão especial?

Carlos Arinto - Não tenho nada para dizer. Já tudo foi dito. Por isso, limito-me a ruminar e – por vezes – lá repito um ou outro conceito estafado com a graça de pretensas novas e engomadas roupagens acabadas de cozinhar, mas que, afinal, são cópia da cópia. (e que muitos outros já escreveram muito melhor do que eu)

Se tivesse a oportunidade de publicar novamente um livro, qual seria o tema predilecto que o faria vibrar? E que tipo de enredo criaria?

Carlos Arinto - Não sei. Não pensei nisso. Estou numa fase muito difícil, pensar é uma coisa terrível. Então uso o seguinte método: limpo o cérebro e a mente e sento-me ao computador. Escrevo uma frase qualquer, e depois parto à desfilada. Na revisão – dois ou três dias depois – acrescento umas graçolas e umas referências eruditas, que ficam sempre bem e dão pedigree. Elimino os erros, corrijo as desgraças, troco as vírgulas e elimino aquilo que nem eu entendo. No final, regresso ao princípio e apago a frase inicial.

Os seus textos são uma presença constante em variadas obras colectivas que se organizam, aquém e além-fronteiras. Participar nessas obras é uma necessidade ou terá algum objectivo concreto? E que importância lhes atribui?

Carlos Arinto - As obras colectivas são importantes porque permitem editar, sem se escrever muito (normalmente disparates).

O conto é um género que tem os seus adeptos. Participar em colectâneas é uma experiência e um gesto de preguiça.

Textos assinados por Carlos Arinto, todos eles, inclusive nas redes sociais, além de uma visão crítica, são impregnados de uma ironia refinada, por vezes um humor um tanto corrosivo. Esse sarcasmo sempre presente no que escreve é um dom ou influência? O que leva a manifestar-se através da ironia?

Carlos Arinto - Um dom. Não confundir com o “Dom Corleone” que, como se sabe, era um grande mafioso. O Dom Filipe de Espanha é um rapaz simpático por quem tenho a máxima admiração, embora o nome Filipe não me traga boas recordações, mas “prontos”, a Letícia é que sabe.

Influência, sem dúvida. Todos nós somos influenciados e influenciados. Os psicólogos chamam interação. Eu manifesto-me assim, porque sim. Afinal, como dizia O Outro, eu sou aquele que sou.

As notas biográficas que acompanham os seus textos são, no mínimo, sui generis; primam pela originalidade. Têm a ver com o gosto pessoal do autor ou são mais uma forma de sacudir a feira das vaidades que se vê no meio literário e não só?

Carlos Arinto - Também, embora sacudir não seja o termo certo, pois não chove há muito tempo e já estou farto de andar com o capote. (O Herman José explicaria que o capote é para sacudir a água... perceberam?... Eu não. Se não perceberam, sigamos para bingo.)

A minha biografia interessa a alguém? Posso contar um segredo? Sou descendente dos Ofis, que foram um povo, muito antigo, anterior aos lusitanos na Península Ibérica.

Enquanto autor, jornalista e colunista, teve um contacto muito próximo com vultos sonantes das artes lusitanas. Nas letras: Natália Correia, Ary dos Santos ou Cesariny, só para citar alguns; e na comunicação social, por exemplo, com Margarida Marante ou Fernando Dacosta. Convivências essas que seguramente terão contribuído para engrossar a sua bagagem de conhecimentos. Até que ponto terão influenciado no seu posicionamento actual face ao mundo que o rodeia em geral e ao meio literário em particular?

Carlos Arinto - É fantástico ter convivido com autores únicos e deslumbrantes, não só no plano literário como no plano pessoal. O Artur Portela, filho, um excelente professor. O Bernardo Santareno um amigo. O Carlos Alberto Moniz um compagão de route; Silvestre Fonseca e António Vitorino de Almeida, na música clássica... o Canto e Castro no teatro... Aprende-se muito com as pessoas cultas e com a humildade de se darem a conhecer aos outros.

Ler, ler muito é outra forma de aprendizagem. Se calhar, a mais importante. Depois, e se não for pedir muito, pensar um bocadinho e ir exercitando. Mexer o pulso e pensar maduro.

O Carlos Arinto está a organizar uma obra colectiva de âmbito re-

gional cuja publicação se prevê para finais de 2017. Pode descrever em que consiste esse projecto, quais os objectivos e quem poderá participar?

Carlos Arinto - Âmbito regional pela localização: Beira-Serra! Que é uma zona geográfica a que correspondem aos concelhos de Arganil, Gois, Tábua e Oliveira do Hospital. Pretendo reunir contos e lendas e tradições da região – que é muito rica em histórias contadas e em arqueologia – em duas vertentes: pelos naturais da zona, contando o que sabem e do que se lembram; por autores convidados a escreverem uma história, um conto, uma poesia, sobre a zona ou tendo a zona por cenário. Vamos ver se resulta em algo substancial. Terras de rallys que levantam poeira. Como sempre acontece, as autoridades que podiam apoiar estão a olhar para o outro lado, não sei se da fronteira, se dos picos da Serra da Estrela, e esquecem o turismo e o mais importante, que são as pessoas. Mas já agora revelo-lhe em sigilo absoluto – que lhe peço que divulgue o mais que puder – que existe a possibilidade de colaborar com a associação de amizade Portugal-Arménia para poder escrever sobre Portugal a divulgar na Arménia. Trata-se de um regionalismo de âmbito um pouco mais alargado.

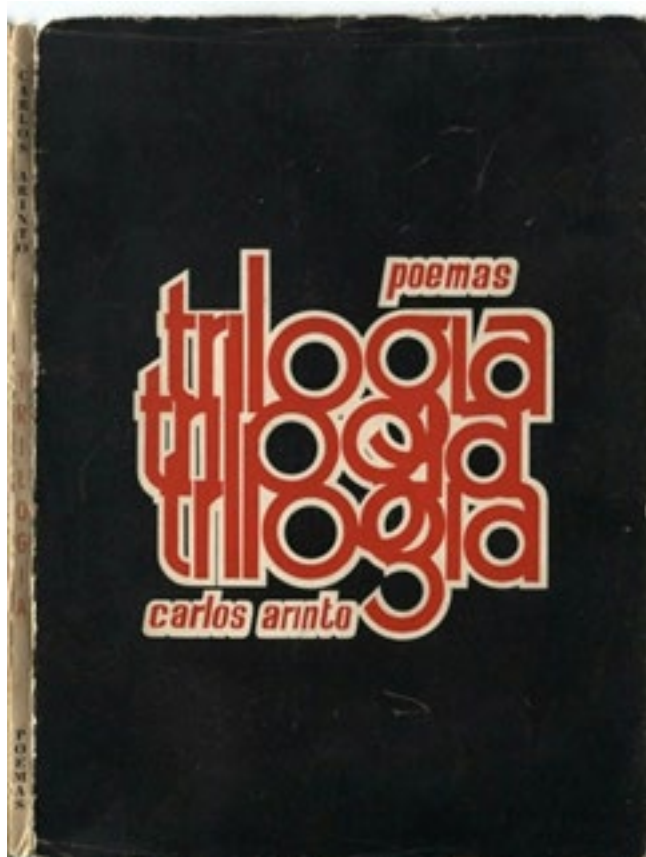
Para finalizar a entrevista: o que é que podemos esperar de um autor?

Carlos Arinto - Nada. Como a sua ferramenta é a palavra... apenas que o leiam. A história e o enredo são secundários, justificativo para chamar até si os olhos do leitor.

Um autor é um subversivo que se dedica a esmiuçar e a dissecar os cadáveres da alma. Muitas vezes, repor a verdade, apresentar um ponto de vista, interpretar a realidade, defender uma orientação. Mostrar. Tudo sem pretensões, com a clarividência do seu discernimento, na fatia da opinião que cristaliza o seu tempo. O gosto e a crítica chegam depois. Que venham. São a auréola da sagração e do apedrejamento, próprio dos que perturbam. O autor cria, dá forma, conteúdo e personalidade a uma ideia, deixando um rasto de opinião, de prazer e de arte, no espaço circundante à sua volta (como a ondulação concêntrica da pedra atirada ao lago). Se possível, atinge o belo e a perfeição no sombreado da sua escrita, que o leitor corporiza, idealizando e multiplicando em formatos e formas infinitas. O que podemos esperar de um autor? Que crie, que esteja calado e faça. Na literatura, que escreva.

De igual modo, pergunto: o que podemos esperar de um editor?

Carlos Arinto - Que acorde, que se levante, que seja motor e não funcionário. Que tenha meios para divulgar, promover, comercializar. Sim, que um escritor precisa de ser lido, criticado, apreciado ou detestado; para isso, tem de existir, estar no sítio certo. As livrarias deixaram de ter livros. Possuem produtos de consumo, para uso imediato, de acordo com a moda ou o marketing. É muito difícil comprar um livro: só existe em armazém ou na editora. Ora, se eu não sei que o livro existe, se não tenho nenhuma referência,



como é que o posso comprar e ler?

Sendo o Carlos Arinto um crítico bastante interventivo, qual é a questão que nunca deveria ter faltado nesta entrevista? O que gostaria de acrescentar que não tenha sido abordado?

Carlos Arinto - A literatura é uma arma. Não é um impulso, uma coisa bonitinha que se faz porque se gosta muito. A literatura tem um objectivo: mexer com as consciências, com as pessoas, propor soluções, desmontar factos tidos como invioláveis. Provocar inquietação. A forma como se escreve é importante porque... ou chega, ou não chega às

pessoas. Se é muito rebuscada e intelectualizada, não passa, ou existe apenas no pequeno circuito dos admiradores. Os admiradores, os seguidores e os apóstolos são a maior praga (perguntem ao Cristiano Ronaldo), mas se comprarem o produto e o consumirem já justificam a sua impertinência.

Alguma mensagem específica para autores e editores em particular e leitores em geral?

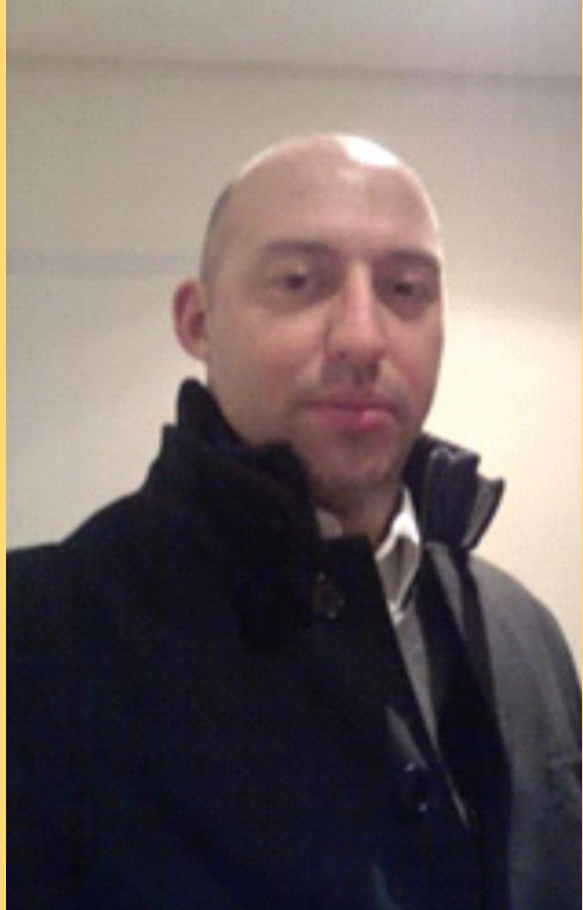
Carlos Arinto - Sempre. Agradeço o facto de não me ter chamado “escritor” porque não sou. Nem poeta. Gostaria que as editoras fossem verdadeiras editoras, que pagassem aos autores e que divulgassem e vendessem os seus livros: o que não fazem, salvo as excepções dos televisionados e dos “fa-

mosos”. Para os leitores, que sejam exigentes e que não se contentem com menos do que o abominável absoluto. Os autores que utilizem e usem temas que sejam razão suficiente para que se leiam, sem o recurso aos amores e à vulgaridade de considerar que António Guterres foi eleito secretário-geral da ONU por causa do seu bom coração (que, como se sabe, é um órgão interno, que nem pensa), conforme o senhor esquentador desenhado na mensagem de felicitação. Posfácio: São treze perguntas do arco-da-velha a que se respondeu com sinceridade e testemunho, joelho dobrado no chão, em genuflexão. Quando leio bons autores, apetece-me desistir, ir fazer agricultura ou limpar as pratas da família. Cumprimentos, caro entrevistador, Isidro Sousa. Felicidades, deseja-lhe o Feiticeiro de Oz, aqui ao meu lado. Nós por cá ficamos... bem!

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritor Alves dos Santos

Participação especial



A Espera

Em que momento a espera se torna um fim?

Sinto chegar esse momento
Como se fosse um perdigueiro
Todo o meu corpo me alerta para a sua chegada
Cada um dos meus sentidos
Desvairadamente me desperta
Numa confusão de sinais que não cessam

Eis o momento em que a espera se torna fim
Em que a madrugada desperta a consciência
Para uma espera que foi em vão
E agora está tudo perdido

O grande apogeu já se deu
E dele ninguém se apercebeu

A grande devastação que eu temia
Revelou-se um longo e penoso deserto

Afinal está tudo consumado
E o que era para ser nunca aconteceu

E estranhamente suporto essa desilusão
Com uma notável indiferença
Resignado por me ter sido reservada
Uma existência banal
Aliviado por ser apenas mais um
Aliviado por me sentir livre
De um destino que julgava exclusivo

E foi então
Quando julgava que a minha história
Nada tinha de singular
Que tu surgiste
Disposta a alterar sinas
Pronta para dissipar dúvidas
Capaz de fazer acreditar
Foste então Esconderijo, Abrigo e Lar

E então percebi
E nesse momento tudo fez sentido
E nesse momento chegou então o Fim
Onde verdadeiramente não havia mais espera



ESCRITOR ESTEVÃO DE SOUSA



Como sempre, procurei descrever com a máxima exatidão: os locais, os rios, as distâncias, as gentes e os seus costumes e até a fauna e a flora.”

Francisco Estêvão de Sousa nasceu em Lisboa a 17/07/1937. Ainda muito novo, foi viver para uma aldeia junto de Ferreira do Zêzere. Filho de pessoas humildes, estudou em Tomar, na escola comercial e industrial Jácome Ratton e no colégio Nuno Álvares, até que, aos 15 anos, foi com os pais para Angola. Aí, fez um curso de geologia e mecânica de solos, ingressando na Junta Autónoma de Estradas, como técnico de construção de estradas. Aos 36 anos regressou a Portugal, onde fez um curso de gestão e administração de empresas, tendo exercido funções de diretor administrativo em duas empresas da cidade de Coimbra. Já aposentado, dedicou-se à escrita. Tem três obras editadas: «Nesta Terra Abençoada», «Tráfico no Rio Geba» e «Irina – A Guerrilheira». Além destas, tem mais duas obras no prelo: «Rapto em Londres», policial, e «Ouro Negro», romance de aventura. Tem ainda trabalhos em cerca de quinze antologias e coletâneas.

Boa leitura!

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Estêvão de Sousa, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Os seus livros são romances de ficção, baseados em fatos reais. O que o motivou a ter gosto por este perfil de escrita literária?

Estêvão de Sousa - Antes de pas-

sar a responder às perguntas que me são formuladas, quero agradecer à revista Divulga Escritor a oportunidade que me dá ao conceder-me esta entrevista, dizendo que é com enorme prazer que respondo às perguntas que me são dirigidas por tão conceituada entidade, facto que muito me honra. Posto isto e passando a responder à pergunta, devo dizer que desde

muito novo que me interesse por romance, especialmente pelo romance de aventura. Lembro-me de que, com onze ou doze anos, passava noites inteiras a ler à luz de uma candeia. Isto, porque em casa de meus pais não havia energia elétrica. – É... ainda sou desse tempo! – Recordo-me de devorar toda a coleção do Emílio Salgari e quase todos os livros do A. Dumas,

etc, etc. Mesmo com o andar dos anos, o romance sempre foi o meu tema preferido. Daí que, quando resolvi escrever algo, tenha escolhido o romance de ficção, procurando, no entanto, baseá-lo sempre em factos e locais reais.

Em que momento pensou em escrever o seu romance passado em Angola, «Nesta Terra Abençoada»? Conte-nos um pouco sobre a obra.

Estevão de Sousa - Tendo vivido em Angola durante vinte e um anos – país onde casei e de onde são naturais as minhas três filhas – não mais deixei de acompanhar todos os acontecimentos ali ocorridos, tanto no período de guerra como no pós guerra, em que se verificou um desenvolvimento que muito me apraz registar e a que teço os maiores louvores, pois, embora sabendo que ainda falta fazer muito, reconheço ter sido necessário um enormíssimo esforço para, ressurgindo do nada, o país ter chegado ao estado em que se encontra, que é digno de ser conhecido e divulgado. Neste sentido, quis, através de uma forma romaneada, dar a conhecer esta nova realidade, através do livro «Nesta Terra Abençoada», no qual um jovem casal é confrontado com aquele enorme “boom” de progresso, quando um industrial Conimbricense se apaixona por uma linda jovem e vai com ela, numa viagem de negócios, a Angola. Aí, tem oportunidade de lhe mostrar, orgulhosamente, todos os locais onde havia passado a sua adolescência, antes de vir para Portugal. Algum tempo depois, os negócios prosperam, permitindo ao casal entrosar-se na próspera sociedade Angolana, levando uma vida de autêntico glamour. Após ser alvo de um rapto e andar perdido na floresta do Congo-Braza-



ville – onde chegou a passar fome e apanhou alguns sustos – foi salvo por um amigo, com a colaboração da sua amada. A partir daí, resolveram diminuir o ritmo dos negócios e fixaram-se, definitivamente, no país que tão bem os havia acolhido e onde eram tão felizes.

Depois de escrever um enredo Angolano, você presenteou o leitor com um romance de aventura, passado na Guiné-Bissau. Quais foram os principais desafios para a escrita de «Tráfico no Rio Geba»?

Estevão de Sousa - A Guiné-Bissau sempre me despertou interesse e curiosidade, não só por algumas peripécias ouvidas a pessoas amigas que por lá andaram cumprindo serviço militar, mas também, e principalmente, pelo prazer que me deu fazer apurada pesquisa para escrever sobre um país, para mim desconhecido, e seu maravilhoso arquipélago dos Bijagós. Como sempre, procurei descrever com a máxima exatidão: os locais, os rios, as distâncias, as gentes e os seus costumes e até a fauna e a flora. Para além

destas motivações, acresce dizer que: escrever sobre o narcotráfico nunca é demais! Dar a conhecer os seus meandros tenebrosos, malefícios e atividades do sub-mundo dos contrabandistas que, pelo enriquecimento fácil, não têm reboço em destruir milhões de vidas humanas.

O que mais chamou a sua atenção no enredo que o motivou a escrever um livro?

Estevão de Sousa - Como já tive oportunidade de dizer, o que mais me chamou a atenção no «Tráfico no Rio Geba» foi toda a atividade desenvolvida pelos traficantes e, acima de tudo, pelo personagem principal da estória, também ele, ex-traficante.

Abordando o seu último livro publicado, um romance passado no Iraque e na Síria, conte-nos: quem é «Irina - A Guerrilheira»?

Estevão de Sousa - A Irina é uma adolescente natural de Coimbra que, levada por um sonho de aventura, deixou que a convertessem numa guerrilheira, indo combater no Iraque e na Síria.

Como foi a construção do enredo que compõe esta obra?

Estevão de Sousa - A Irina, como acima disse, era uma linda adolescente de dezasseis anos que, através da Internet, foi aliciada com falsas promessas, por um Iraquiano de Mossul, que a conseguiu convencer a deixar os pais, os estudos e uma vida cómoda de classe média-alta e partir inesperadamente, sem que ninguém soubesse, para o Iraque. Aí chegada, enquanto os pais desesperavam, em Coimbra, sem saberem nada dela, converteu-se ao Islão, contraiu matrimónio e alistou-se nos Peshmergas (fação Curda que combate o Daesh). Submetida a intenso treina-

mento, tornou-se num valente e perspicaz soldado, entrando em várias batalhas, quer nos desertos escaldantes do Iraque, quer na Síria, de onde, desiludida e cansada de tamanha carnificina, conseguiu desertar, através da Turquia. Após várias aventuras, vividas na viagem da Turquia até Portugal – por quem, como ela, vinha fugida, sem dinheiro e com receio de ser apanhada – acabou por chegar a Coimbra, passando a dedicar a sua vida a: fazer-se ouvir através dos órgãos de comunicação social, nos quais alertava os jovens para os perigos de se deixarem engajar, pensando irem viver uma bela aventura. É um livro cuja leitura aconselho vivamente, tanto a pais como a filhos, quer pela atualidade do seu tema, quer pela delicadeza do mesmo.

Por gentileza, nos descreva cada livro em breves palavras, informando em quanto tempo cada livro foi escrito.

Estevão de Sousa «Nesta Terra Abençoada» – É um romance de amor e aventura passado em Portugal, Angola e Congo-Brazaville, o qual demorei cerca de quatro meses a escrever. «Tráfico no Rio Geba» – Romance de ação e aventura, passado em Portugal, Holanda, Guiné-Bissau e arquipélago dos Bijagós; levei cerca de cinco meses a concluir. «Irina – A Guerrilheira» – É um romance de ação e aventura, passado no Iraque, Síria e Turquia, que me demorou cerca de oito meses a terminar.

Onde podemos comprar os seus livros?

Estevão de Sousa - Podem ser encontrados em: www.bertrand.pt, www.boa-leitura.simplesite.com, www.wook.pt ou na página do Facebook de Francisco Estevão de Sousa.



Temos conhecimento de que tem mais duas obras de ficção no prelo, «Rapto em Londres» e «Ouro Negro». Quer levantar um pouco o véu sobre as mesmas? E para quando prevê a publicação destes livros?

Estevão de Sousa - Sim, neste momento tenho, de facto, mais duas obras que penso editar logo que o mercado o aconselhe. O «Rapto em Londres» é um policial que aborda o rapto, pelo próprio marido, de uma linda cientista, com o objetivo de a obrigar a construir uma bomba para um grupo terrorista. Trata-se de um thriller cuja ação se desenrola em Inglaterra, Brasil e Douro Vinhateiro (Portugal), sendo o personagem principal português. O «Ouro Negro» é passado em São Tomé e Príncipe e aflora a extrema pobreza do país que, sendo lindíssimo e com um povo maravilhoso, só poderá proporcionar melhores condições de vida aos seus cidadãos se a exploração das jazidas de petróleo, lá existentes, começar finalmente. Toda a estória gira à volta de um geólogo português que, contrata-

do para dinamizar a extração de petróleo, acaba apaixonando-se por uma linda São-tomense.

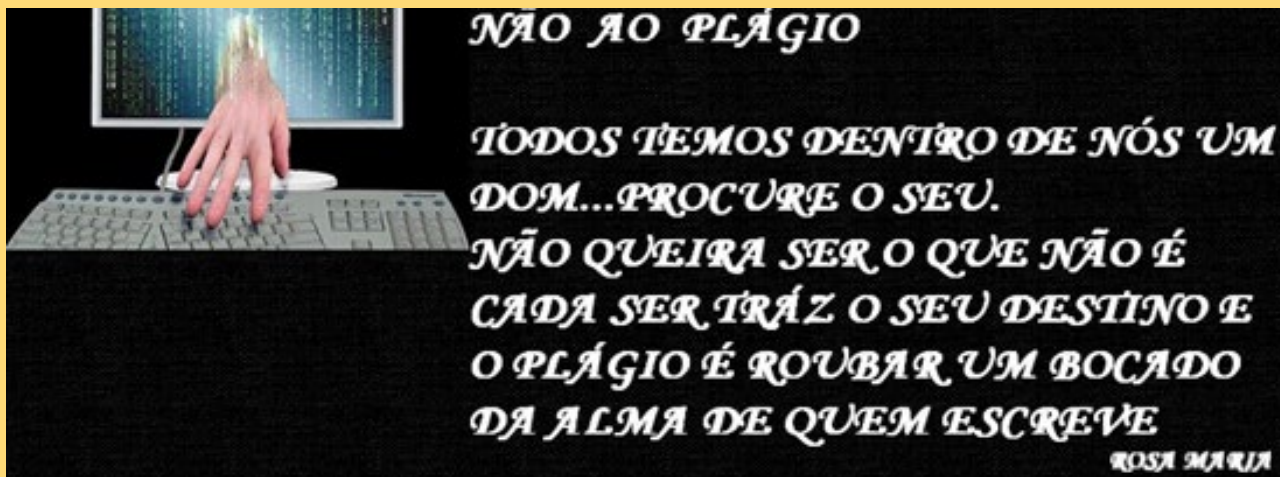
Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Estevão de Sousa. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Estevão de Sousa - Ao terminar a presente entrevista, que me deu o maior prazer, quero agradecer à revista Divulga Escritor esta oportunidade, afirmando que são iniciativas como esta que divulgam e prestigiam a cultura, para além de darem a conhecer autores que, como eu, são pouco conhecidos do grande público, fazendo com que não percamos a vontade de continuar. Bem hajam pela vossa iniciativa! Nos tempos que correm, em que as novas tecnologias, tão apelativas, especialmente para os jovens, lhes retiram hábitos de leitura, são cada vez mais de louvar ações desta natureza. Todos juntos ainda seremos poucos para fazer com que se readquiram os hábitos perdidos! Só posso deixar aqui o meu MUITO OBRIGADO!

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



LADRÕES



Falar sobre plágio é falar sobre “Ladrões de Almas”, porque quem escreve deixa um pedaço de si em cada palavra. São sentimentos tão pessoais e tão dolorosos de passar para o papel que por vezes nos despimos para o mundo. Um poema é um filho que sai de dentro de nós... um parto por vezes tão difícil que rasga o corpo e a alma.

Eu sei do que falo, tenho sido plagiada de forma contínua. Sabemos que a Internet é um pau de dois bicos, mas tem de haver respeito pelos autores e não podemos deixar passar impune quem faz de seu o que não lhe pertence. Quem assina com o seu nome um poema que outra pessoa escreveu é um ser sem dignidade nem amor-próprio. São parasitas do trabalho alheio que ali-

mentam o seu Ego com palavras ditadas por um coração que não bate no seu peito... uma alma que não é igual à sua... sentimentos que não são seus... lágrimas que escorrem de outros olhos... mágoas ou alegrias que se transformam em palavras por vezes escritas a sangue. Plagiadores são vampiros a sugar esse sangue que escorre das mãos dos poetas e se faz poema.

Na minha luta contra o plágio (e tem sido dura), o que me magoa muito é a falta de união dos poetas. Todos corremos os mesmos riscos, estamos todos sujeitos a ser plagiados e só quando é com eles é que sabem como dói. Esta luta é de todos e não podemos nem nos devemos calar, porque o plágio é um acto repulsivo que denota

Participação especial

DE ALMAS

falta de carácter de quem o pratica e que revolta quem o sofre.

O plágio não é um problema novo, todos sabemos isso, mas está a crescer a um ritmo assustador. Não há respeito pelos direitos de autor. Nada é de ninguém nesta terra sem lei que são as redes sociais, neste caso o Facebook que não actua quando o deve fazer.

Na blogosfera o plágio é punido mais facilmente, faz-se a denúncia ao Google e comprovado o plágio os textos são apagados e nos casos mais graves o próprio blogue é excluído (experiência própria). Mas perde-se a vontade de publicar. Eu tenho o meu blogue parado há quase três anos.

No meu caso foram plagiados na íntegra 209 poemas, retirados do meu blogue e publicados em duas páginas no Facebook e assinados pela dona dessas mesmas páginas que tem centenas de poetas lá plagiados.

Denunciei ao Facebook com os links do original (que é meu), recebi um e-mail onde me informavam que os meus poemas tinham sido apagados (o que não é verdade), uma vez que, passados meses de denúncias minhas e de outros poetas, as páginas continuam no ar e os poemas ainda lá estão, já que o Facebook entende que “SÃO PÁGINAS DE ENTRETENIMENTO”, palavras do Facebook.

Perante isto só me resta perguntar: Quem

nos defende desta praga que nos tira a vontade de publicar os nossos escritos?... Quem nos livra desta sensação de impunidade... desta ausência de escrúpulos... desta falta de justiça? PLÁGIO É CRIME e assim deve ser tratado e punido.

Eu não sou poeta... apenas me escrevo, mas não vou deixar de lutar pelo direito de ser dona das minhas palavras.

Esta luta não é só minha... é de todos que escrevem. A união faz a força e só unidos vamos conseguir combater estes parasitas que se alimentam do nosso trabalho e denunciar os plagiadores é a única arma que temos.

SOBRE A AUTORA:

Rosa Maria, pseudónimo de Maria Rosa de Almeida Branquinho, nasceu no Alentejo profundo (Portugal), a que chama com carinho “A Minha Planície Dourada”, na vila de Amareleja, a 13 de Dezembro de 1951. Não tem livros editados. Apenas tem participado em diversas Antologias. Escreve por prazer. Em cada palavra deixa a essência do que é.

PÁGINAS DA AUTORA:

<http://rosasolidao.blogspot.pt>

www.facebook.com/RosaSolidao



ESCRITOR JORGE MANUEL RAMOS

Jorge Manuel Ramos nasceu em Seia, na Serra da Estrela, Portugal. Os seus primeiros registos escritos remontam ao ano de 1983, mas só veio a editar pela primeira vez em Outubro de 2014, «As Palavras e a Vida» (Poesiafãclub), e seguidamente, em 2015, «Devaneando» (Artelogy).

Escreve, é músico amador, atualmente trabalha no sector têxtil e é animador de programas recreativos e desportivos de Rádio.

Participou também em várias antologias. As mais recentes foram: «Obsessões» da Lua de Marfim; «Vendaval de Emoções» (poesia), «A Bíblia dos Pecadores», «O Beijo do Vampiro» e «Saloiros & Caipiras» da Coleção Sui Generis, pela Editora EuEdito.

Boa leitura!



A vida não tem de ser propriamente uma utopia, porém, só quem sonha pode um dia ver o sonho tornar-se realidade.'

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Jorge Manuel Ramos, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Em que momento se sentiu preparado para publicar o seu primeiro livro a solo?

Jorge Manuel - Eu é que tenho de agradecer esta oportunidade, e o prazer é meu, não é todos os dias que estas oportunidades surgem aos autores. Escrevi muito na adolescência, depois interrompi por longos anos esse gosto pela escrita devido à atribulada vida profissional e a projetos para os quais

era convidado a participar: rádio, jornais desportivos regionais e instituições de solidariedade social e desportivas. Anos mais tarde, reencontrei as sebatas com muitos poemas que tinha escrito, e ao revê-los gostei do que li. Ao refazê-los, outras ideias iam surgindo. Comecei a partilhar nas redes sociais e gostei da reação que causaram. Em 2014, surgiu a oportunidade de editar, e não hesitei.

Conte-nos um pouco mais sobre esta obra literária.

Jorge Manuel - «As Palavras e a Vida» é um livro em que a tristeza e a desilu-

são caminham a par com a paixão, o amor e a amizade. São estes os principais ingredientes, de uma mensagem simples que se passeia pela vida do autor e que convida quem lê a identificar-se com cada poema, por forma a criar uma intensa interação entre quem lê e quem escreve. Por sua vez, «Devaneando» contém uma mensagem mais interventiva e figadal, é um livro mais à imagem dos tempos de crise que vivemos, mas principalmente é a minha dúvida entre o ser ou não ser poeta, é a revolta do meu eu, caminhando ao encontro de uma nova identidade, sempre duvidando e perguntando, até obter respostas concretas.

O que diferencia «As Palavras e a Vida» do seu livro «Devaneando»?

Jorge Manuel - São dois livros completamente distintos, tanto no conteúdo como na forma. O primeiro é um livro em papel e com capa dura e «Devaneando» é um livro objeto, uma outra forma de editar poesia, num frasco com 8 ml de palavras, com vinte pequenos poemas, imitando pequenos papiros que o leitor vai retirando do frasco, lendo e saboreando em pequenas doses, que o conduzem à paz interior e ao sonho que tão impregnado anda na sociedade e que, quanto a mim, faz bem à alma. A vida não tem de ser propriamente uma utopia, porém, só quem sonha pode um dia ver o sonho tornar-se realidade. Os sonhos que valem são os que se concretizam, depois é vivê-los para que a vida tenha sentido. Por isso, posso afirmar que o primeiro livro é o sonho concretizado e o segun-

do é a realidade global em que vivemos.

Qual é o tipo de textos poéticos que estão sendo apresentados em «Devaneando»?

Jorge Manuel - Normalmente, quando escrevo, não me preocupo muito com o tipo e com a forma, raramente altero substancialmente a primeira ideia, a minha escrita é muito espontânea, vem da alma e daquela razão que vem do meu eu, mas quando ela se transforma em livro há uma certa responsabilidade; por isso, em «Devaneando» a poesia aparece mais frequentemente em sonetos, sonetinhos, quadras e algumas quintilhas, sextilhas e sétimas. Tento sempre que a rima seja rica, seja ela emparelhada, cruzada ou interpolada. Preocupa-me que cada verso tenha sonoridade e musicalidade e que estrofe a estrofe o poema ganhe sentido e caia no ouvido de quem lê. É essa a imagem que quero manter enquanto autor.

Que temas são abordados em seus textos?

Jorge Manuel - A dúvida de me afirmar como poeta está patente, escrevo com frequência mas não me considero ainda escritor nem poeta. Não é falsa modéstia, nem acho um desprimor ser apelidado de poeta, mas é para não afligir os poetas mortos, aqueles que as grandes elites editoriais só aceitam como tal. Até porque, para alguns, o poeta ainda é um louco, um alucinado que escreve indefinidamente sobre tudo, e que, quando vai fundo nos problemas da sociedade, aflige as instituições políticas e religiosas, afronta o ego e as ideias pré-estabelecidas, por-

que vai vagabundeando por temas que são ainda tabus, e nisso sou como os outros: abordando a pobreza, a xenofobia, o racismo, as crises sociopolíticas, os preconceitos morais e intelectuais que ferem o ouvido dos poderosos e, claro, a desilusão, o amor, a pureza e a esperança, um pouco de sonho. Perde-se tanto tempo a escrever sobre a utopia que pomos de lado os problemas reais.

O que mais o encanta nos textos poéticos?

Jorge Manuel - A beleza da escrita, a sutileza na escolha da palavra certa para rimar, a musicalidade do texto e a mensagem quase sempre codificada que alberga um poema são o meu fascínio pela poesia, e é isto que me encanta, quer o texto se apresente pelos métodos tradicionais ou livres. Encanta-me essa subjetividade da linguagem associada à figura de estilo em combinações surpreendentes ao nível dos ritmos e dos sons, agrada-me imaginar os vários significados que quem lê pode atribuir à mensagem, porque a poesia é isto, é uma mensagem codificada que só um leitor atento e prazeroso pela poesia sabe descodificar.

Onde podemos comprar os seus livros?

Jorge Manuel - Ambos os livros estão ainda à venda na livraria da Corpos Editora, na baixa da cidade do Porto (em Portugal), e podem ser encomendados nas livrarias Porto Editora, Bertrand e Almedina, em Portugal. «As Palavras e a Vida» está disponível em papel (com capa dura) e ebook na livraria online da editora, atra-

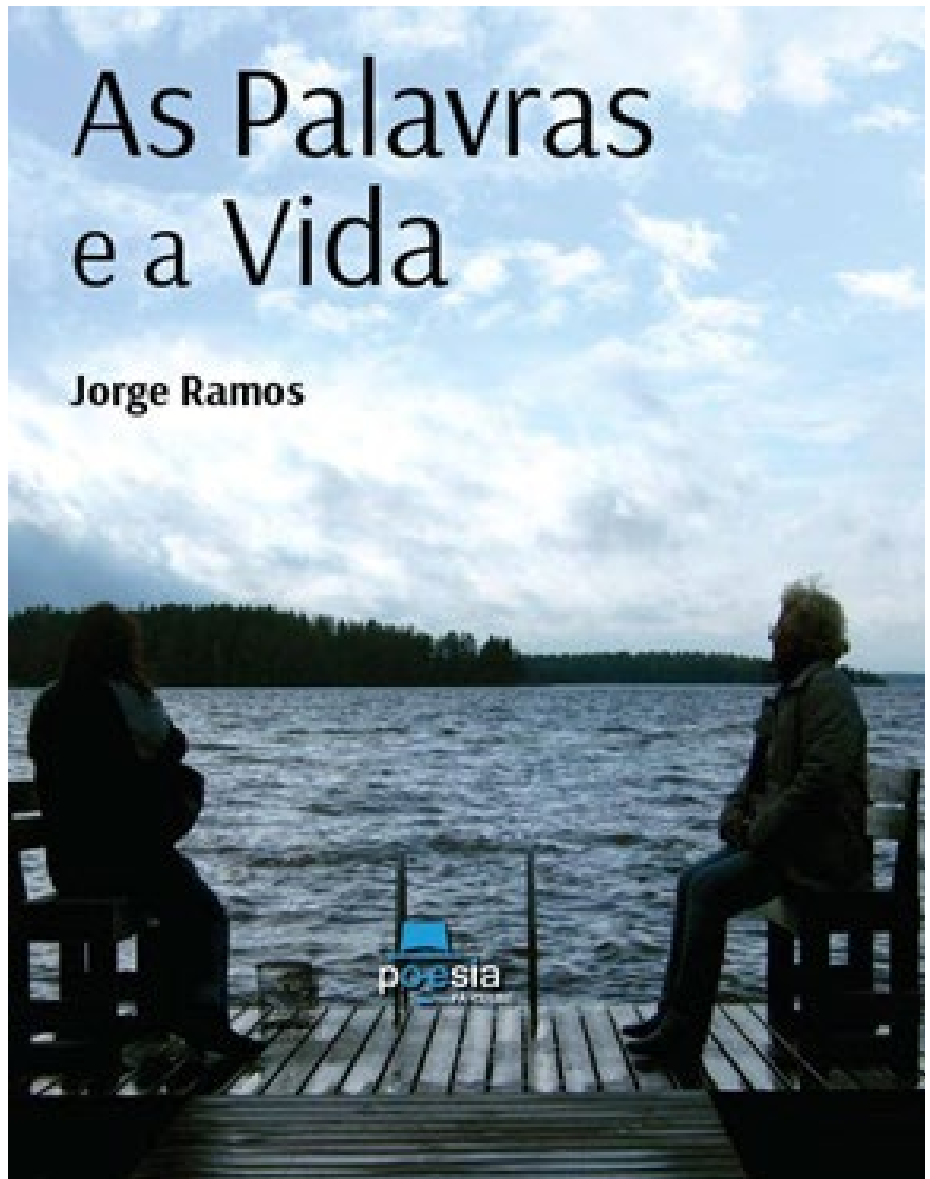
vés do link que se segue: https://facestore.pt/facebook/index.php/store/fdetails/product?app_data=%7B%22face_id%22%3A%22533998393279224%22%2C%22prod_id%22%3A%22237%22%2C%22stoid%22%3A%22393%22%7D E o mesmo se passa com o livro objeto «Devaneando»:

<http://www.artelogy.com/store/jorge-manuel-ramos-devaneando> Ambos os livros, se comprados através da livraria online, podem também ser adquiridos fora de Portugal. O leitor tem apenas de verificar, aquando da compra, o preço dos portes de envio.

Além de poesia, que tipo de textos gosta de ler?

Jorge Manuel - Sou um devorador de todo o tipo de leitura, quem escreve tem de ler muito, no sentido de estar informado, mas, por vezes, o tempo escasseia. Ainda na juventude e enquanto estudante, para fugir à leitura que me metiam pelos olhos adentro, daqueles autores que vêm nos compêndios escolares, e desculpem-me... deveras maçadores, li «Os Miseráveis» de Vitor Hugo e esse livro marcou-me, mas gosto do controverso, sou fã de José Saramago e Dan Brown, destes dois li tudo. Depois, «Cem Anos de Solidão» de Gabriel Garcia Marquez, e o ainda mais controverso Henry Miller, com os «Trópicos», ou Vladimir Nabokov, com «Lolita». Recentemente, tenho-me deliciado lendo novos autores, mormente os que participam nas antologias onde também vou participando.

O que mais o encanta na leitura deste tipo de textos?



Jorge Manuel - A vivência e a imaginação dos argumentos, e comparar as histórias, cada uma no seu tempo e espaço, aperceber-me que os problemas da sociedade de ontem prolongam-se no tempo, muitos sem resolução, agrada-me verificar que o que antigamente era normal, por exemplo a violência doméstica e o incesto, ou o assédio sexual de menores, hoje felizmente é crime. Gostos de livros sem tabus e que violem os preconceitos da sociedade. Mas gosto principalmente de entrar na ficção, para fugir um pouco da realidade e me abstrair um pouco dos flagelos da sociedade dos nossos dias.

Tem algum novo livro para editar brevemente?

Jorge Manuel - Quem escreve diariamente tem sempre algo que possa compilar, para apresentar em livro. Prometi a mim mesmo que editaria um livro de poesia por ano, e quero fazê-lo, principalmente agora que me acho mais preparado para me assumir, definitivamente, como poeta. Em prosa, tenho um diário romancado na gaveta há cerca de dois anos que pretendo editar. Estou a aguardar o momento certo. Talvez no início do próximo ano o livro se transforme em realidade.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Jorge Manuel Ramos. Agradecemos sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos: em sua opinião, o que cada leitor pode fazer para ajudar a vencer os desafios encontrados no mercado literário português?

Jorge Manuel - O leitor é o alvo de quem escreve. “Um livro para ser bom ou mau tem de ser lido”. O mercado literário, como qualquer outro, tem os seus vícios, os seus males, e os críticos e os canais de distribuição vão alimentando esses mesmos vícios. Quem escreve tem que estar à altura de satisfazer o desejo e o gosto de quem lê, porque quem escreveu um ou dois bons livros, não quer dizer que o faça sempre... é como um grande jogador de futebol: se não está em forma não brilha, é criticado e esquecido. Os novos autores estão por aí, na internet, nalgumas pequenas livrarias, com edições de autor, através das livrarias online, com edições das novas editoras com ideias inovadoras, por isso, o leitor tem hoje mais opções para adquirir livros. Faça listas, crie prioridades, escolha bem o que vai ler, não se deixe impressionar pela montra de uma grande livraria, por alguma razão há grandes autores que não estão a vender tanto como vendiam. É por aqui que deve começar o desafio de o leitor ir ao encontro dos novos autores.

Contatos:

Facebook:

www.facebook.com/jorgeramos.cme

Página de Poesia:

www.facebook.com/jorgemanuelramos.autor/

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



GOSTO

Não tenho o dom da palavra, nem falada, nem escrita. Gosto de ler.

Interessei-me, desde muito jovem, a partir do momento em que aprendi a ler. Comecei pela leitura dos “Cinco”. Daí, pulei para escritores portugueses, Eça, Júlio Dinis, etc. De repente, tinha nas mãos livros de poesia, José Régio, Mário de Sá Carneiro, Florbela Espanca, Fernando Pessoa e tantos outros. As minhas leituras passaram depois por autores estrangeiros, Camus, Kafka, Jean Paul Sartre, Paul Éluard, Marguerite Duras e autores ingleses, também. As férias eram dedicadas à leitura.

Fui crescendo, mas o aspecto profissional levou-me para outras leituras e um tipo de escrita puramente comercial, não sem de vez em quando me ver em tertúlias e convívios literários, bem como a fazer-me acompanhar por um livro, já com outros autores, para uma ida ao café, à beira-mar, até hoje.

E porque vos digo tudo isto? Porque, por mero acaso e através de uma amiga, fui convi-

dada a estar presente no evento de uma Editora. E fui como uma intrusa, pois apenas estavam presentes os autores da Antologia que iria ser apresentada. No final da mesma, trocaram-se algumas impressões e reparei em alguém, um jovem que, de olhar vivo e atento, observava, sem se manifestar.

Dirigi-me a ele. Falámos. Houve empatia. Despedimo-nos.

No evento seguinte, voltei a estar presente e, de repente, notei alguma agitação. Faltava alguém e, sem esse alguém, o evento não poderia começar. Mas quem seria? Perguntava-me. Porém, o mesmo começou sem a tão desejada presença. Eis senão quando o espectável surge, já o evento ia a meio. Percebi, então, o motivo pelo qual devia estar presente aquela pessoa, que, afinal, era o jovem com quem já tinha dialogado. Tinha que estar forçosamente, era um dos premiados. O segundo prémio! Nem mais nem menos que o meu e nosso amigo Isidro Sousa.

Li-o, com imenso prazer. As palavras saem-

Participação especial

DE LER

-lhe sem esforço e de tal forma que visualizamos o que transmite, e sem nos apercebermos levamos, deixamos ir, fazemos parte do que escreve, logo desde o início. Frases perfeitas, sem erros.

Por falar em erros, como é possível assassinar a língua portuguesa? Como é possível certas Editoras publicarem textos com erros? Ou não sabem também, ou não os revêem. Dá trabalho e perde-se tempo. Perdoem o meu aparte.

Ora, voltando ao Isidro. Após tê-lo lido e conhecendo um pouco do seu trajecto, e outros pormenores que não vêm agora ao caso, pensei: «Não vai ficar muito tempo publicando numa Editora de outrem. Tem pernas para andar sozinho. Já tem outras experiências.»

E teve. Foi com entusiasmo que mo transmitiu. Que alegria! E, contra tudo, surgiu o seu primeiro evento, num sábado invernos, dia 13 de Fevereiro deste ano, no restaurante Taska Real Portuguesa, em Lisboa. E eis-me presente!

A Antologia “A Bíblia dos Pecadores” de ex-

celente apresentação. Dei uma olhada nos textos. Sem erros. O evento? Uma delícia. Senti-me numa sala de convívio. Felicitaram-se os presentes, bem como os ausentes, por força da distância. Houve diálogo, houve partilha e convívio. Uma família. Fiquei a fazer parte dela. Não faltou a um.

Bem-haja, Isidro.

NOTA SOBRE A AUTORA:

Isabel Martins é uma leitora atenta, que acompanha diversos e variados eventos literários. Escreve pontualmente poemas, que divulga na sua página do Facebook. Reside em Palmela (Portugal).

PÁGINA DA AUTORA:

www.facebook.com/isabel.martins.395669



ESCRITOR JORGE PINCORUJA

Nascido na Beira Alta, no Outono de 1963, algures numa aldeia do distrito de Viseu, em Portugal. Cresceu com os olhos na Serra da Estrela e com os ombros fincados na Serra do Caramulo. Gosta de ser conhecido por Jorge Pincoruja, nome que adoptou como pseudónimo. Tem na alma os aromas do Vinho Dão, e no carácter as intempéries que assolam os granitos despídos das serras que lhe barravam os horizontes. Aos vinte e cinco anos, foi deabalada para o Reino Unido, e por lá ficou. Dedicase a escrever poesia e prosa poética... Não sabe porque escreve, mas é um hábito tornado necessidade. Habilitações literárias? Não tem muitas, mas sempre se cultivou. Como lema de vida, tem de se poder fazer muito; com pouco, haja boa vontade e tudo se consegue. Vive em Londres, onde acabou de crescer e se fez no homem que é hoje. A sua escrita abrange um vasto leque de assuntos e emoções, passando pelo amor e pela raiva. Mas seja qual for a emoção, é sempre tratada à sua tão própria maneira, sempre com um aroma poético.

Boa leitura!



Neste livro, falo de emoções, olhares, passos distraídos, angústias, coisas tristes, saudades e arrependimentos, às vezes com dor, outras com sarcasmo.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Jorge Pincoruja, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que mais o atrai na escrita literária.

Jorge Pincoruja - O que me atrai na escrita? É difícil dizer. Sei que escrever foi sempre uma forma de despejar as coisas que vão cá dentro. Atrai-me a ideia de que a escrita pode ser o veículo certo para se conhecer o mundo das outras pessoas. Atrai-me também saber que as pessoas se revêem naquilo que escrevo, o que me dá uma justificação ainda maior para escrever.

Em que momento se sentiu preparado para publicar o seu livro de poesia «Com um Olhar nos Oleandros»?

Jorge Pincoruja - De repente, deixou de ser uma questão de como, mas de quando editar. E a edição começou a fazer sentido devido ao imenso “feedback” dos meus leitores habituais da minha página do facebook. Assim nasceu o livro, em Novembro de 2014.

Como foi a escolha do título?

Jorge Pincoruja - A escolha do título foi difícil. Por se tratar de um livro de poemas que não tem um tema ou linha que se mantenha igual pelo livro todo. Neste livro, falo de emoções, olhares, passos distraídos, angústias, coisas tristes, saudades e arrependimentos, às vezes com dor, outras com sarcasmo.

Qual é o estilo de textos poéticos que está sendo apresentado na obra?



Jorge Pincoruja - Francamente, não sei que estilo uso no livro ou na minha forma de escrever. De certeza que uso um muito meu. Há momentos em que digo tudo declarado, de uma forma que pode magoar; noutros digo as coisas tão escondidas, tão camufladas, que é preciso ler várias vezes para se chegar ao cerne.

Pode apresentar-nos um dos textos publicado no livro?

Jorge Pincoruja - Absolutamente! Escolhi justamente o texto de prosa poética que dá o título ao livro: «Com um Olhar nos Oleandros». Nesse olhar vago, quase desfocado, há um desalento e uma dor de alma que se adivinha. É um olhar de distância, tão distante que parece

esquecido! Apoiar-se numa cadeira por falta de um ombro, e naturalmente por falta de melhor pouso. De lábios cerrados, tem gritos que se ouvem a milhares de anos-luz. É um retrato de mulher de cabelos brancos, ordenados como ficheiros, esquecidos numa gaveta. Uma dessas gavetas que ninguém abre... As mãos pálidas com unhas bem tratadas que saem dos dedos já arqueadas. Faltam-lhes as cordas das guitarras que um dia tocaram melodias nos acordes do coração. Hoje é um coração fechado, como um templo de uma religião esquecida. Nos parapeitos das janelas desse templo refugiam-se algumas pombas como um simbolismo de doces recordações... Tudo parece não ser mais do que recordações! Nesse olhar, há destinos que foram precocemente decepidos... arrancados pela raiz como se de ervas daninhas se tratassem. Pode-se dizer, às vezes, que a vida é injusta, cruel até. Será?!... Resta a consolação de que este olhar é o retrato de uma mulher que poderia ser amarga, mas em toda a sua compostura tem uma áurea de um amor por inventar... Uma doçura que vai muito além do aroma dos oleandros no jardim.

Onde podemos comprar o seu livro?

Jorge Pincoruja - A obra pode ser pedida à Chiado Editora. O link: <https://www.chiadoeditora.com/pesquisa?q=jorge+pincoruja>

Como leitor, qual é o tipo de textos que gosta de ler?

Jorge Pincoruja - Nem tudo me atrai para ler. Sou muito selectivo. Gosto de ler crónicas, mais do que

romances, aliás, romances não, de todo. A leitura que escolho é uma leitura rápida e leve. Não dispenso ler naquilo que escolho a beleza que o autor possa emprestar a um texto, mas palavras difíceis que ninguém usa, só para impressionar algum catedrático... e eu, não sendo catedrático... com certeza não fará parte da minha leitura tal coisa. Não aprecio elaboradas descrições das personagens e das cenas onde se desenrola a história. Há pessoas que gostam de todos os detalhes dissecados a bisturi... eu não. Fundamentalmente, se alguém escrever para eu ler, tem de o fazer de uma forma tão natural que não se possa distinguir de uma realidade... uma coisa que não tenha arestas de fabrico.

O que mais o encanta na leitura deste tipo de textos?

Jorge Pincoruja - O humor, o sarcasmo e a inteligência do autor que, forçosamente, se reflecte na obra.

Você já participou de várias antologias e colectâneas. Qual foi a participação que mais o cativou. Por quê?

Jorge Pincoruja - Sim, também eu já participei, e neste momento estou a participar de algumas antologias/colectâneas. Até ao momento, a participação que mais me cativou foi em «A Bíblia dos Pecadores», por diversas razões, que não somente a razão literária.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Jorge Pincoruja. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga

Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Jorge Pincoruja - Grato sou eu pela oportunidade de me dar a conhecer um pouco melhor. A mensagem que eu posso deixar aos leitores e, principalmente, aos mais jovens é: não se deixem vencer pela preguiça! Leiam tudo o que lhes passar pelas mãos! Quanto mais lerem, mais a faculdade de pensar se alarga. Mentes estreitas nem velas acendem. O saber não ocupa lugar. Às vezes, num simples parágrafo, há uma vivência inteira.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



DIVULGA ★★★★★ ESCRITOR

SOLAR  de POETAS

Eventos literários

www.divulgaescritor.com

Todos podem participar!

Vamos divulgar Eventos Literários!

DIVULGA ★★★★★ ESCRITOR

Divulgando escritores!

De todo o mundo, de todas as Editoras, escritor independente, divulgando literatura com você, por você, entre todos!

Participe do grupo no Facebook e divulgue eventos!

**Divulga Escritor –
Eventos Literários.**

Apoio:





A FORÇA DA PRUDÊNCIA NA VIDA BOA

Idealizar um projeto de vida perfeito é um exercício que não está acessível ao ser humano, desde logo porque a incógnita quanto ao futuro mantém-se angustiantemente em cada indivíduo, por muitas capacidades, competências e tecnologias que possua, além de que a ciência, a este respeito, também não tem condições objetivas para se pronunciar.

Esta limitação, aparentemente inultrapassável, não constitui obstáculo intransponível sob o ponto de vista das perspectivas que cada pessoa aguarda da vida, atentas as condicionantes existentes, as incertezas e a finitude esperada para cada percurso, apostando-se na esperança de vida e nas variáveis que, de alguma forma, se podem alterar por iniciativa do próprio ser humano.

A pessoa humana, enquanto tal, entre outros aspetos, distingue-se do resto da natureza animal, precisamente por ter horizontes de vida, que lhe permitem projetar-se no futuro, e elaborar os respetivos planos, projetos, estratégias e esperar os

resultados, igualmente calculados para um máximo de êxito e um mínimo de insucesso. Planificar o futuro exige muita prudência, sob pena de ter que se enfrentar situações indesejáveis e, eventualmente, dramáticas.

É fundamental saber organizar a vida com bom senso, o que implica muita preparação, tendo em conta as diversas dificuldades de implementação e desenvolvimento do projeto de vida que se deseja, considerando que outras pessoas terão projetos idênticos, logo, concorrenciais.

É essencial ter bem presente que em nenhuma circunstância a vida será sempre agradável, fácil e permanentemente em ascendência, aliás, a regularidade, sincronia e monotonia poderiam ser prejudiciais ao próprio aperfeiçoamento da personalidade humana.

A organização é uma arma poderosíssima para se ultrapassar situações difíceis e/ou imprevisíveis. A capacidade para organizar e implementar um novo projeto poderá ser a diferença entre

Participação especial

o sucesso e o fracasso porque: «O que torna a vida agradável é a diversidade do conhecimento. Para uma vida bela gaste a primeira etapa conversando com os mortos: nascemos para saber e conhecer a nós mesmos. (...) Passe a segunda etapa com os vivos: veja e registre tudo o que há de bom no mundo. (...) A terceira etapa da vida pertence inteiramente a você: filosofar é o prazer mais elevado de todos.» (GRACÍAN, 2006:113).

Com efeito, prudência e bom senso implicam reflexão, tranquilidade, conhecimento, experiência, boas práticas, tolerância e muita paciência, com uma grande dose de boa vontade e força para prosseguir pelos caminhos da retidão, da nobreza e da compreensão, pela posição do seu semelhante.

Algumas regras passam por organizar a vida com prudência e bom senso, incluir no respetivo projeto a dimensão religiosa do homem, princípios e valores em geral e, também, espirituais que, por um lado, satisfaçam as necessidades mais profundas e universais, como manter uma consciência tranquila, simples e alegre; por outro lado, contribuir para o sucesso global da pessoa, cujo aspeto principal configura uma realização sublime, ao nível da superior condição do homem, criado à imagem e semelhança do seu Deus Criador.

O êxito construído a partir dos valores espirituais é duradouro, consolidado e único. Aparentemente, muitas pessoas se consideram de sucesso na vida profissional, com elevado estatuto sócio-financeiro, porém, é possível que não se sintam totalmente realizadas, porque lhes falta alcançar o triunfo espiritual e, na verdade: «Achamos que sucesso é o mesmo que dinheiro, segurança e prestígio. Não compreendemos que o verdadeiro sucesso está na satisfação das nossas necessidades espirituais. Poucas pessoas atingem o verdadeiro sucesso porque estão perdidas, a correr de um lado para o outro, no aeroporto do sucesso material.» (BUCKINGHAM, 1995:20).

A prudência individual, apesar de necessária para uma vida boa, pode, ainda assim, não ser suficiente, se os demais indivíduos não tiverem idêntica preocupação. Um pouco à semelhança de muitas outras situações, em que não basta o contributo de uma única pessoa, também na obtenção do sucesso é importante, se não mesmo essencial

e decisiva, a participação da família, do grupo, da comunidade e da sociedade internacional.

Em todas as dimensões da vida humana, acentuando mais, naturalmente, as vertentes específicas para cada percurso, em conformidade com os projetos e objetivos que se pretendem alcançar, algumas grandezas devem estar presentes e sempre ativadas, concretamente: religiosa, social, educativa, laboral, política, económica, comunicacional, comunitária, cooperação universal, entre outras possíveis.

A pessoa humana não consegue sobreviver com dignidade e conforto, isolada dos seus semelhantes. A prudência para uma vida boa aconselha abertura a Deus, aos homens e ao mundo.

Bibliografia

BUCKINGHAM, Jamie, (1995). *Força para Viver*, 2ª. Ed., Espanha (S.P), Resina de Almeida
GRACÍAN, Baltasar. (2006). *A Arte da Prudência*. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret

NOTA SOBRE O AUTOR:

**Diamantino Lourenço Rodrigues de Bártolo, casado, natural de Venade (Caminha, Portugal).
Obra Literária: 7 Antologias próprias; 9 Antologias em coedição em Portugal e no Brasil; mais de 800 artigos publicados em vários jornais, sites e blogs, portugueses e brasileiros. Vencedor do III Concurso Internacional de Prosa: “Prémio Machado de Assis 2015”, promovido pela Confraria Cultural Brasil-Portugal (Divinópolis, Minas Gerais, Brasil). Acadêmico Correspondente-Internacional, Cadeira XXI, Academia Lavrense de Letras. Membro Efetivo do Núcleo Académico de Letras e Artes de Lisboa. Membro da Associação Portuguesa de Escritores.**

CONTACTOS DO AUTOR:

**bartolo.profuniv@mail.pt
<http://diamantinobartolo.blogspot.com>**



ESCRITOR JOSÉ TEIXEIRA

José Augusto Patrício Teixeira nasceu na ex-colônia portuguesa da Guiné-Bissau, no ano de 1950. Estudou no Liceu Honório Barreto na cidade de Bissau e no Liceu Salazar em Lourenço Marques (Maputo). Fez o Serviço Militar obrigatório em Moçambique, de 1970 a 1973. Foi funcionário bancário em Moçambique e em Portugal. Licenciou-se em Relações Internacionais Culturais e Políticas, pela Universidade do Minho em Braga, cidade onde reside actualmente. Participações literárias: «Entre o Sono e o Sonho» Volumes V e VI (Chiado Editora, 2014 e 2015); «Poetas d’Hoje» Vol. II e «Um Grito Contra a Pobreza» (Grupo Poesia da Beira Rio, 2015); «Boas Festas» (Silkskin Editora, 2015); «A Bíblia dos Pecadores», «O Beijo do Vampiro» e «Ninguém Leva a Mal» (Antologias Sui Generis). Obras publicadas: «O Espantalho Simão» (Chiado Editora, 2015), «A Fada Dentinho» (Sítio do Livro, 2015), «Moçambique, Norte Sangrento» (Editora EuEdito, 2016) e «A Sereia Luana» (EuEdito, 2016).

Boa leitura!



Um toque de atualidade chama a atenção para problemas que hoje nos preocupam. Em qualquer um destes livros, estão bem destacadas mensagens tais como: a amizade, a humildade, a sinceridade e a reciprocidade.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor José Teixeira, é um prazer contarmos com a sua participação na revista Divulga Escritor. O que o motivou a ter gosto pela escrita da Literatura infantil?

José Teixeira - O gosto pela escrita da Literatura infantil tem muito a ver com a minha infância. As

histórias aos quadrinhos, agora chamadas banda desenhada, absorviam grande parte do meu tempo. A prática da troca de livros com os amigos tornava a leitura quase ininterrupta. Os seus heróis, na maioria já desaparecidos, faziam-me sonhar enquanto viajava pela fantasia. Numa fase anterior à leitura, deliciava-me com histórias narradas sobre um mundo a que

momentaneamente acedíamos, onde toda a natureza comungava de sentimentos e expressava-se através da fala, transmitindo excelentes lições sobre valores comportamentais e sociais. É com muita pena que vejo as crianças de hoje quase exclusivamente agarradas pelos aparelhos eletrônicos e absolutamente alheias à leitura. A minha escrita de Literatura infantil é, no meu entendimento, um propósito de contributo pessoal ao pequeno leitor.

Qual é a mensagem que você quer transmitir ao leitor através dos seus livros infantis?

José Teixeira - «O Espantalho Simão» nasce de uma fusão de vários contos, por mim imaginados, que fizeram as delícias da minha neta enquanto pequenina. Resolvi escrevê-los para que não se perdessem no tempo. «A Fada Dentinho» foi escrita para que perdurasse, de entre tantas versões, a que me foi contada em criança. «A Sereia Luana» reúne um conjunto de recordações reais, mas também de sonhos e situações imaginárias de criança, em praias exóticas. Um toque de atualidade chama a atenção para problemas que hoje nos preocupam. Em qualquer um destes livros, estão bem destacadas mensagens tais como: a amizade, a humildade, a sinceridade e a reciprocidade.

Quais foram os principais desafios para a escrita do seu livro «Moçambique, Norte Sangrento – Memórias de um ex-combatente»?

José Teixeira - Os desafios para



a escrita do «Moçambique, Norte Sangrento» foram vários. Passados cerca de cinquenta anos, senti a necessidade de trazer a público o meu testemunho de três anos (1970 a 1973), passados a cem por cento em três frentes distintas, no Norte daquela ex-província portuguesa, durante a guerra colonial. Não deixar esquecer, como

muitos pretendem, os sacrifícios e o esforço muitas vezes desumano a que foram sujeitos, no auge da juventude, todos aqueles que, sendo chamados, lutaram pela Pátria. Dar um testemunho real de quem percorreu, passo a passo, mato, picadas e trilhos minados, e esteve debaixo de fogo em emboscadas tenebrosas. Reclamar a

justiça para com os estropiados e a lembrança dos que valorosamente tombaram ao serviço do País e que vergonhosamente permanecem, ainda hoje, em sepulturas abandonadas e engolidas pela vegetação, espalhadas por todo o Norte. Avivar a memória dos esquecidos que gravaram um tempo a sangue e a fogo, que não ganharam fortunas ou duvidosos sustentos, senão a nobre condição de servir o seu País.

De que forma estes desafios foram superados?

José Teixeira - Sinto-me satisfeito por contribuir para que a memória daqueles tempos conturbados não se apague. Espero que outros Veteranos também tenham a coragem de deixar os seus preciosos testemunhos.

Onde podemos comprar os seus livros?

José Teixeira - Os livros podem ser pedidos através de contacto por e-mail (teixeira.jap@gmail.com).

Você já participou de várias antologias e colectâneas. Qual foi a participação que mais o cativou? Por quê?

José Teixeira - É difícil escolher uma. Participei em todas com empenho e gosto pelos temas abordados. Vou arriscar na «Bíblia dos Pecadores», pela oportunidade de contrariar e questionar conceitos e tabus.

Quais são os seus principais objectivos como escritor?

José Teixeira - Prefiro intitular-me de autor. Ter a percepção de

que os meus livros ou textos são lidos e aceitar as críticas desde que construtivas. Conseguir fazer chegar aos leitores as diversas mensagens, que em todos faço questão de deixar.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor José Teixeira. Agradecemos a sua participação no projeto Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

José Teixeira - Eu é que agradeço a oportunidade de participar no projeto Divulga Escritor. É sem dúvida uma oportunidade única para que inúmeros autores e suas obras cheguem ao conhecimento do público. Peço aos leitores que não sintam estímulo apenas pelos grandes escritores e suas obras. Estas são sem dúvida importantes e consagradas, mas nós, os pequenos autores, também esperamos, com humildade, uma oportunidade para sermos lidos, apreciados e criticados.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritora Joana Rodrigues

Participação especial



JOANINHA E MAFALDA (Os livros e a leitura)



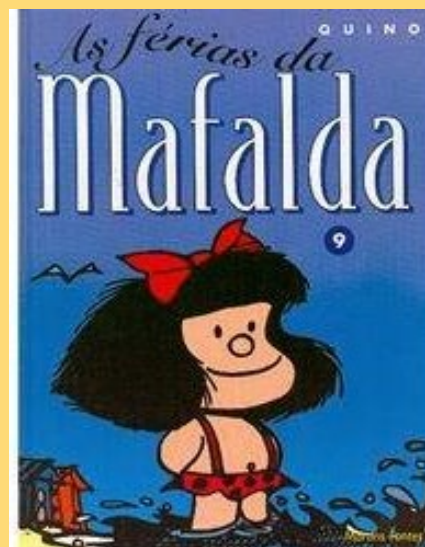
Joaninha, resolveu entrar numa livraria!
Porque a amiga Mafalda fazia aniversário
E como ela gosta muito de estudar
Também deve gostar! de histórias de encantar
E se for ao contrário? nem sei o que pensaria,

Chegou aquela hora das meninas irem lanchar
E Mafalda estava curiosa! ,
Pois tinha muitas amigas, com prendas para ofertar
Quando começou a abrir a primeira prenda ficou ansiosa
Pois não sabia o que a Joaninha lhe ia dar,

Olhou para o livro e ficou encantada,
Porque a história era de duas lindas meninas
E tinha o nome de Joaninha e a Mafalda...
Não podia estar mais contente, as pequeninas,
E já não queria saber de mais nada,

Mafalda ficou tão contente, com aquele presente
Que para todas as meninas e meninos
Ela leu as histórias tão maravilhada que estava!
E quase todos os presentes eram livrinhos!
Que tanto a encantava, pois a leitura ela adorava!

A Joaninha ao ver a satisfação da amiga a ler
Começou a pensar, a partir de agora,
Todos os presentes de aniversário, e é bom saber
Que além de nos ajudar a mente a desenvolver
É das melhores prendas que se podem receber
Porque os livros sejam de natureza ou não
Sabemos que fazem sempre parte da cultura,
Qual a vossa opinião? gostaram ou não?





ESCRITORA LUCINDA MARIA

Lucinda Maria Cardoso de Brito nasceu em Oliveira do Hospital, uma pequena cidade do distrito de Coimbra, decorriam os anos cinquenta do século passado. Estudou na Escola Primária Feminina de Oliveira do Hospital, depois, no Colégio Brás Garcia de Mascarenhas e, mais tarde, na Escola do Magistério Primário da Guarda, terminando o curso em 1972. Foi professora durante 32 anos.

Em 2013, foi publicado o seu primeiro livro de poesia «Palavras Sentidas», numa edição do Município de Oliveira do Hospital. Em 2014, com edição de Poesia Fã Clube (Corpos Editora), saiu o seu livro «Alma». Em 2015, editou o livro «Divagando...», pela Orquídea Edições. Tem participado em várias Colectâneas e Antologias do GMH, da LLO e da Sui Generis.

Escrever é o seu maior desafio e, simultaneamente, o seu maior prazer. “Escreverei até que o coração e a alma me doam...”, costuma dizer. Subscrevendo Fernando Pessoa, afirma: “A minha Pátria é a Língua Portuguesa”, porque privilegia sempre a Língua Materna e o seu bom uso. Adora ler poesia.

Como autora, gosta de identificar-se apenas como LUCINDA MARIA e não escreve segundo o novo Acordo Ortográfico de 1990.

Boa leitura!



O que escrevo
é uma catarse
de mim
própria... é
o meu “eu”
desnudado e
transparente.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Lucinda Maria, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que mais a encanta na arte literária.

Lucinda Maria - Tudo me encanta na arte literária. Sempre gostei de ler. Fui uma leitora voraz na infância/adolescência/juventude. Gosto das palavras... amo a Língua Portuguesa... adoro a forma criativa como os escritores me envolvem no que escrevem. Sentir-me parte da trama, vivenciando cenas, sentindo tudo como se deixasse de ser eu, para passar a ser outrem... É assim a verdadeira literatura, a que lemos, mas parece que nos lê. É privilégio o rigor ortográfico, linguístico... Por isso, digo que nem todos os que escrevem são escritores... nem tudo o que se escreve é literatura.

Em que momento se sentiu preparada para publicar «Palavras Sentidas», o seu primeiro livro?

Lucinda Maria - Não sei se me senti preparada. Sempre escrevi muito, tanto prosa como poesia. Tendo bastantes escritos, publicar passou a ser um sonho, que vi concretizado, através da boa vontade do meu Município e do incentivo de alguns amigos. O título surgiu naturalmente... porque são, realmente, sentidas todas aquelas palavras, saídas de uma alma sensível/inquieta, sob a forma de sonetinhos, ou seja, sonetos com sete sílabas métricas. Preparada? Sei que, se fosse agora, escreveria de maneira diferente, mantendo a essência, porque sinto que estou a melhorar.

Que temas você aborda nesta obra literária?

Lucinda Maria - Abordo variados temas, mas com prevalência dos sentimentos e emoções. O amor está sempre presente, em toda a sua abrangência: filial, maternal, fraternal, pela natureza, pelos valores, pela sociedade... O que escrevo é uma catarse de mim própria... é o meu "eu" desnudado e transparente.

O que diferencia o seu segundo livro, «Alma», do seu livro mais recente, «Divagando...»?

Lucinda Maria - Como livro/objeto, a sua própria estrutura, a sua própria concepção. No que diz respeito ao conteúdo, penso que não são muito diferentes entre si. Muito melhores do que o primeiro, quanto à qualidade poética, apresentam poemas de géneros diversos, embora com prevalência dos sonetos, de versos decassilábicos e mesmo alexandrinos. No entanto, também escrevi acrósticos, versos brancos, sextilhas, oitavas... Num e noutro, os sentimentos imperam... o amor reina... com uma tônica um pouco magoada, insatisfeita.

Você já comentou o que a encanta na arte literária. E o que mais a atrai, em especial, nos textos poéticos?

Lucinda Maria - A poesia é uma arte mágica... algo misteriosa. Pode-se dizer muito em poucas palavras... pode-se dizer tudo, parecendo que não se disse nada. Há muitos tipos de poesia, mas eu gosto de rimar. Sou um pouco clássica, talvez até ultrapassada. Um bom poema é aquele que nos

lê mais do que nós a ele. Depois, as imagens... o ritmo... é como se as palavras dançassem connosco! Conseguir dizer, em poesia, o que a alma sente é a expressão máxima da literatura, para mim. Tem vezes que o sentimento é tão intenso que parece comandar a mão que escreve... sem que nos apercebamos. É como fazer amor com as palavras!

Onde podemos comprar os seus livros?

Lucinda Maria - Os meus três livros foram um prazer, mas não rentáveis, em termos económicos. O primeiro esgotou rapidamente. Os outros estiveram à venda no lançamento, na Biblioteca Municipal de Oliveira do Hospital e numa Livraria também da minha terra. Penso que ainda há exemplares. De resto, ofereci bastantes. Não é o dinheiro que me move... é mesmo o prazer da escrita.

Você já participou de várias antologias e colectâneas. Qual foi a participação que mais a cativou? Por quê?

Lucinda Maria - Em poesia, gostei muito de participar numa Colectânea do GMH, chamada «QUATRO POETAS», em que participei com oito poemas, dois acerca de cada um dos poetas portugueses: Florbela Espanca, Natália Correia, José Carlos Ary dos Santos e Fernando Pessoa. Foi um desafio, penso que conseguido, até porque conheço bem a obra de cada um deles, uma vez que já a estudei em Literatura. Em prosa, gostei de participar em «A BÍBLIA DOS PECADORES», promovida pelo também autor Isidro Sousa, através da Sui Generis. Aí, foi um du-

plo desafio. Porquê? Foi a primeira vez que fiz ficção, uma história totalmente idealizada por mim. De qualquer modo, gosto sempre de publicar, embora fosse do meu agrado que houvesse uma selecção mais criteriosa dos integrantes das obras.

Qual é o tipo de textos que gosta de ler e o que mais a encanta nessas leituras?

Lucinda Maria - Preferencialmente, gosto de ler poesia. Depois, narrativas bem escritas, com enredo, que me despertem o interesse e em que me sinta envolvida na trama. Gosto de livros policiais, porque são sempre um desafio, um teste à perspicácia. Gosto de textos bem escritos, incisivos, com frases curtas, bom vocabulário e boa construção frásica. Gosto de livros de ficção, com uma temática ligada à História de Portugal. Gosto de bons livros, que ensinam, que fornecem conhecimentos, embora eles sejam ou devam ser sempre isso mesmo. O que mais me encanta? É sentir-me transportada para o livro... para a trama... quase encarnar/sentir as personagens. Abrir um livro é fazer uma viagem... é embarcar num navio de sonhos... é, muitas vezes, entrar numa máquina do tempo. No que diz respeito à poesia, é semelhante, mas ainda mais profundo. Ler poesia é penetrar num mundo mágico/misterioso, porque o poeta é, quase sempre, um sonhador utópico. Mas... o que seria do mundo sem o sonho? Como disse um grande/enorme poeta português, António Gedeão, no seu magistral poema «Pedra Filosofal», “o sonho comanda a vida”! É isso que

me encanta na leitura: é uma maneira de sonhar!

Sabemos que tenciona lançar brevemente um novo livro de poesia. Pode levantar um pouco o véu sobre o mesmo?

Lucinda Maria - Esse projecto ainda está no chamado “segredo dos deuses”, mas é minha intenção, sim. Como disse anteriormente, escrevo muito e todos os dias. Faço-o por gosto... com prazer... Também é importante para que faça cada vez melhor... nunca descuro o aperfeiçoamento, que, acredito, é sempre possível. Portanto, tenho muitos poemas escritos. Publicá-los em livro é sempre aliciante, mesmo que não seja lucrativo. Foi uma ideia repentina, mas já falei com o editor Isidro Sousa, responsável pelas Edições Sui Generis. O livro ainda não tem nome, nem capa... O conteúdo, esse, só precisa ser burilado, mas está feito. Se tudo correr como imagino, sairá no fim deste ano ou no princípio do próximo. Poesia... sim, variada, mas sempre com maior quantidade de sonetos.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Lucinda Maria. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Lucinda Maria - Primeiro, devo afirmar que foi um grande prazer estar convosco e responder às questões colocadas. Certamente muito mais haveria a dizer. A literatura é um mundo vasto/imenso... Depois, sou autora, sim... escrevo, tento fazê-lo com correc-

ção e melhorar sempre, mas não me considero escritora. Sou mais uma escrevinhadora, sempre com ideias a fervilhar... sempre com vontade de passar para o papel o que me passa pela cabeça... aceitar desafios. Esta entrevista também foi um deles. Que mensagem deixo? Ora bem, para erradicar de vez a iliteracia reinante é preciso ler... ler... ler... de preferência livros em papel. Nada se compara ao folhear de um volume, sentir o cheiro, tactear a textura, ver as letras dançar à nossa frente um bailado, que, além de tudo, ainda instrui e alimenta a alma.

Facebook da Escritora
www.facebook.com/lucindamaria.brito

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



Escritor Marcelo Garbine

Participação especial

A madrugada acabou

O sol, o céu e a lua
Janelas, carros e rua
E nada mais diferente
Rotina é tão ardente.

Rasguei o livro, quebrei a parede
Sua escassez me desatina
Você não mata a minha sede
Vê se me entende, vê se me ensina.

Como é que o sol pode brilhar
Como é que existe vida na terra
Se eu não tenho você pra me amar.
E o vento forte de ódio berra.

Hoje, eu sei o que eu não sabia
A vida é fria e até corrói
Pela janela, já era dia
Você é linda e isso dói.

A minha esquerda estava vazia
Você sumiu com a madrugada
Pela janela, já era dia
Não há mais contos, não há mais fada.





Marcelo Garbine

MINGAU ÁCIDO

mingauacido.com.br

crônica • humor • poesia • letra de música



SOB AS LEIS DO PLANETA EU





ESCRITOR MANUEL A. MENDONÇA



Mas, sobretudo, não podemos ignorar a majestade dos rios que, indiferentes aos pequenos dramas das curtas vidas dos seres humanos, continuam a escavar o seu caminho para o mar.”

Manuel Amaro Mendonça nasceu em Portugal, em São Mamede de Infesta, e é licenciado em Engenharia de Sistemas Multimédia pelo ISLA de Gaia. Até à data tem dois livros editados: «Terras de Xisto e Outras Histórias» e «Lágrimas no Rio», publicados pela CreateSpace e distribuídos pela Amazon. Mas tem participações com contos de sua autoria em mais de uma dezena de coletâneas de várias editoras como a Papel D'Arroz, Silkskin, Lua de Marfim e nas Antologias Sui Generis, lançadas pela EuEdito. Prêmios: 3º prémio no 6º Concurso Literário da Papel D'Arroz Editora com o conto «Tudo em Jogo» e 1º prémio no 7º Concurso Literário da mesma editora com o conto «O Assalto». Mantém blog pessoal, onde se apresenta publicamente e publica alguns dos seus trabalhos.

Boa leitura!

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Manuel Amaro Mendonça, é um prazer contarmos mais uma vez com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Depois do sucesso com o livro de contos «Terras de Xisto e Outras Histórias», publicou um romance. O que o motivou a escrever «Lágrimas no Rio»?

Manuel Amaro - Antes de mais, muito obrigado por mais esta oportunidade para falar um pouco sobre o meu trabalho. É uma honra poder participar na vossa revista que tanto faz pela divulgação dos autores.

«Terras de Xisto e Outras Histórias» já continha um conto baseado num espaço/tempo que me fascina, que são o século XIX e a

região transmontana. Sendo «Terras de Xisto» um livro de contos, «Lágrimas no Rio» começou, também ele, por ser imaginado como um conto a ser incluído num próximo livro, mas a criação do enredo mostrou-me que havia tanto para contar, que acabaria por dar origem a uma obra desequilibrada, com uma das histórias a ocupar 95% do livro. Foi nessa altu-

ra que me decidi arriscar numa aventura e levar os leitores, numa viagem alargada, a conhecerem os habitantes da fictícia São Cristóvão do Covelo e a viver comigo os dramas passados nas margens do Douro.

Quais foram os principais desafios para a escrita desta obra literária?

Manuel Amaro - O principal desafio era o tamanho da história. Preocupava-me não conseguir manter a narrativa apaixonante o suficiente para prender o leitor até ao fim. À medida que ia planejando o enredo, não paravam de aparecer mais e mais detalhes importantes, acabando por ganhar vida própria e quase escrever-se a si mesmo. Depressa estava a criar gráficos com as interações entre os personagens, a tomar notas sobre a aldeia, a ler mais e mais sobre a época e os costumes. Os personagens foram mais elaborados. O leitor notará que alguns deles, apesar de nunca aparecerem porque já faleceram, têm uma presença muito forte em toda a narrativa e as suas atitudes passadas continuam a refletir-se de forma incontornável no decorrer da ação presente.

Este foi um projeto fantástico do princípio ao fim e arrisquei várias experiências, a começar por pedir a elaboração de um Prefácio ao meu grande amigo, escritor e editor Isidro Sousa, que acedeu com grande satisfação e fez um texto excelente que muito enriquece o livro. A outra experiência foi fazer uma apresentação pública da obra, a convite da direção do ISLA de Gaia, no auditório da universidade. Estiveram presentes

algumas dezenas de pessoas e as reações da audiência foram muito satisfatórias. Esteve também presente a minha grande amiga e escritora Suzete Fraga, que muito me honrou com algumas palavras elogiosas acerca do livro e do meu trabalho em geral.

Dizem que os personagens têm muito do autor. Qual dos personagens de «Lágrimas no Rio» tem mais de você? Porquê?

Manuel Amaro - Dizer que aquele com quem mais me identifico não é o Avelino Montenegro seria uma mentira. Toda a ação desenrola-se à volta desse personagem e foca-se nele e nas suas reações aos acontecimentos. Claro que tem algumas atitudes demasiado passivas e outras demasiado radicais, diferentes das que eu teria nas mesmas situações, mas não podemos esquecer que a ação passa-se em 1830 e o Avelino Montenegro não é Manuel Amaro Mendonça, nem o contrário. São duas pessoas diferentes, de épocas distintas, com formações morais e culturais bem diferentes.

Como leitor, o que mais o atrai neste romance?

Manuel Amaro - Há neste livro três pontos importantes que me interessam. Primeiro, nem tudo é o que parece e o mais inocente acontecimento pode ter origens muito mais sinistras do que pensamos. Segundo, a resistência da sociedade à mudança; é curioso como por vezes, mesmo aqueles que são prejudicados por determinados costumes, resistem a que estes se alterem. Terceiro, a solidariedade que nasce nas grandes

desgraças e entre a abnegação de uns, que tudo dão para acudir aos necessitados, há outros que não querem abdicar duma migalha.

Em relação ao ambiente, quais os principais locais visitados durante todo o percurso de «Lágrimas no Rio»?

Manuel Amaro - Conforme referi anteriormente, «Lágrimas no Rio» é passado numa aldeia fictícia chamada São Cristóvão do Covelo, mas claro que é baseada não numa, mas em duas aldeias que fazem parte da minha vida, Tralhariz e Foz-Tua, no concelho de Carraceda de Ansiães, na região transmontana, em Portugal. Uma parte importante da minha vida pessoal foi passada nessa região apaixonante, pelo que é inevitável que muitas das minhas narrativas decorram nessa zona.

Ninguém que aprecie a natureza pode ficar indiferente à grandiosidade dos montes a perder de vista, aos monumentos, ao engenho e força humana que são as vinhas plantadas nos socacos erguidos à força de braço e ferro. Mas, sobretudo, não podemos ignorar a majestade dos rios que, indiferentes aos pequenos dramas das curtas vidas dos seres humanos, continuam a escavar o seu caminho para o mar.

Onde podemos comprar o seu livro?

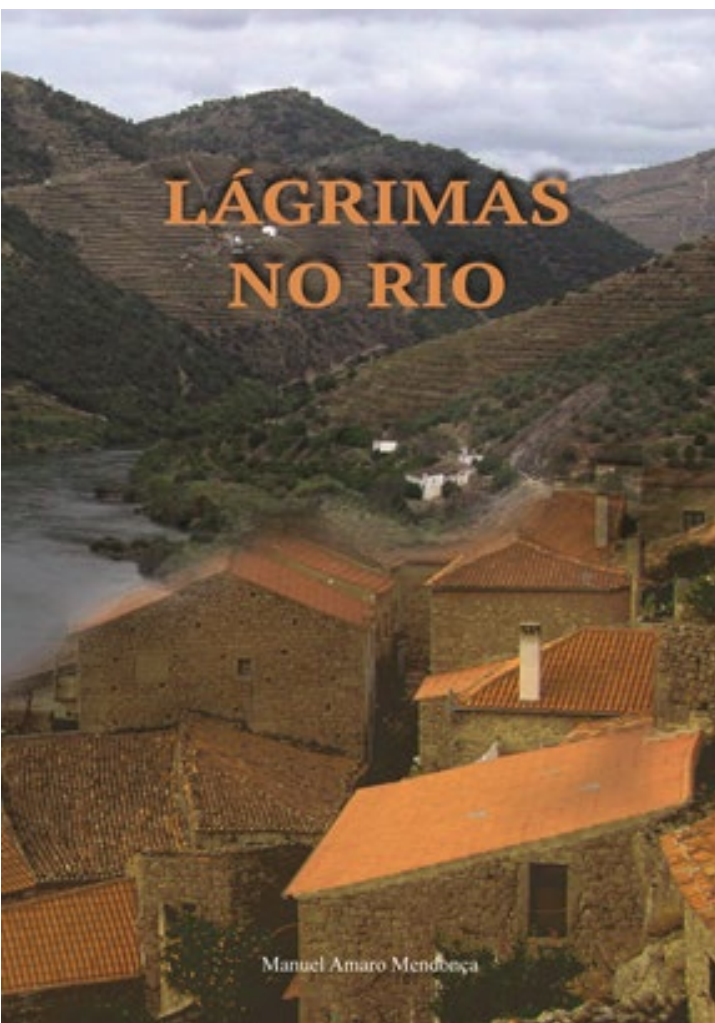
Manuel Amaro - Os meus livros podem ser adquiridos em todos os sites da Amazon.

<http://www.amazon.eu>

<http://www.amazon.com>

<http://www.amazon.com.br>

Ou podem fazer uma encomenda



O que mais o encanta na leitura deste tipo de textos?

Manuel Amaro - Alguna dessa leitura é simples curiosidade, outra tem motivos mais sérios, como seja levantamento de dados e factos para o enriquecimento dos meus trabalhos. Como exemplo, terminei recentemente de ler um conjunto de livros referentes à guerra civil que aconteceu em Portugal entre 1832 e 1834. Retirei dessa leitura dados muito importantes que vão ser incluídos no romance «Samara», que me encontro a escrever neste momento e que deverá ser lançado no primeiro semestre de 2017.

de «Lágrimas no Rio». Intitula-se «Samara» e levará o leitor de volta para a aldeia de São Cristóvão do Covelo, pelos olhos de outros personagens, alguns anos após a tragédia que a assolou.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Manuel Amaro Mendonça. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Em sua opinião, o que cada leitor pode fazer para ajudar a vencermos os desafios encontrados no mercado literário português?

Manuel Amaro - O mercado literário está vocacionado para o lucro, não do autor, mas das editoras e das distribuidoras. No acrescentar de margens e mais margens (algumas bem chorudas), encarecem de tal forma os livros que o ganho do escritor é sempre o mais penalizado. Este, como em última análise o que pretende é ser lido, sacrifica-se a escrever durante meses para receber uma pequena compensação por unidade vendida, cerca de um ano após o lançamento. Essa compensação pode nem chegar para cobrir os custos de impressão que pagou à editora, que mesmo assim também vai receber uma margem por livro vendido.

A maior parte das editoras limita-se a receber o pagamento, enviar para distribuição pelas livrarias afiliadas e aguardar os lucros. Como o trabalho está pago, não faz nenhum tipo de publicidade nem divulgação das obras com que lucra e devia patrocinar. Atualmente, fruto da concorrência de sistemas como “Print-

direta via correio eletrónico para amaro.autor@gmail.com, com indicação da morada, para receberem um exemplar autografado.

Que tipo de textos gosta de ler?

Manuel Amaro - A minha leitura é relativamente variada. Tanto me interessa por ficção, científica ou não, como por temas reais e sérios como a Sociologia e a História. Neste momento, por exemplo, estou a ler «A História da Vida Privada» de José Mattoso, que tem sido uma importante fonte de informação para as minhas narrativas.

Então já tem um livro novo no prelo! Fale-nos um pouco sobre a sua próxima obra literária...

Manuel Amaro - Até ao final de 2016, deverá ser lançado mais um livro de contos que já está terminado e encontra-se em fase de revisão. Intitula-se «Daqueles Além Marão» e são contos escolhidos, alguns deles premiados em concursos literários. Mantive como pano de fundo o meu espaço e tempo preferidos e coloquei os personagens nas mais diversas situações. Para o primeiro semestre de 2017, também teremos novidades. Estou já a escrever a sequela

-on-demand” da Amazon/Createspace, conseguimos saber quanto custa a impressão de um livro e quanto as editoras lucram com isso. A publicação está facilitada mas a divulgação está na mão do autor... Claro que a liberalização traz outros problemas, como a redução de qualidade da obra escrita, com livros que não são revisados e outros com narrativas desconexas e cheias de inconsistências. Não é fácil ser-se escritor iniciante. Aquilo que tenho visto na maior parte das vezes, ou não se atrevem a publicar, porque têm medo das críticas, ou não dispõem do dinheiro necessário para pagar à editora, ou investem o dinheiro e, como o retorno é reduzidíssimo, não se atrevem a repetir. Os concursos de escrita são uma boa forma de os escritores se mostrarem, ganharem confiança e perceberem se aquilo que escrevem é ou não é digno de ser lido e publicado. Pena é que, por vezes, mais do que o intuito de incentivar e criar novos autores, é o objetivo do negócio que move o concurso. Porque é que as grandes editoras não promovem mais concursos de escrita? Claro que terão de ser fiscalizados, claro que custam dinheiro, mas a possibilidade de trazer à luz um bom autor que possa firmar contrato com eles também será vantajosa, assim como a publicidade conseguida com toda a gente a falar nisso nas redes sociais. E quanto ao prémio, a grande maioria dos novos autores não está nisto para ganhar dinheiro, mas pelo prazer de ser lido, não está à espera de grandes somas de dinheiro, nem viagens... um simples papel, ou até mesmo um post

no Facebook, fará as alegrias de qualquer autor com direito a lugar no pódio. Há também um apelo aos leitores: não subestimem a capacidade do autor pelo facto de ser muito ou pouco conhecido, por ser vendido numa boa livraria ou simplesmente online, em livros físicos ou e-books. Leiam! Tenham o prazer de conhecer os novos escritores, leiam os contos que são publicados em alguns sites do Facebook ou nos blogs de autor que tenham conhecimento. Leiam mais autores lusófonos do que os traduzidos. Mas, principalmente, leiam! E se gostaram, não se esqueçam de divulgar junto dos vossos amigos que gostam de ler.

Manuel Amaro Mendonça

<http://manuelamaro.wix.com/>

autor

[https://www.amazon.com/](https://www.amazon.com/author/manuelmendonca)

[author/manuelmendonca](https://www.amazon.com/author/manuelmendonca)

[https://www.facebook.com/](https://www.facebook.com/manuel.amaromendonca)

[manuel.amaromendonca](https://www.facebook.com/manuel.amaromendonca)

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

DIVULGA★★★★★ ESCRITOR

www.divulgaescritor.com

Venha divulgar
seu livro conosco!



SHIRLEY M. CAVALCANTE (SMC)
Jornalista - Radialista - Escritora - Editora

Maior rede de divulgação literária da Lusofonia
Unindo você ao Mundo através da Literatura

Divulgadores
Literários em Ação

DIVULGA★★★★★
ESCRITOR

Grupo entrevistas Literárias

Realizamos e divulgamos entrevistas
Junte-se a nós! Divulgue Literatura!

Contato: divulga@divulgaescritor.com

www.divulgaescritor.com



COLONISTAS

EVENTOS

ENTREVISTAS

LIVRARIA

REVISTA



A Magia da Noite

Embrenhei-me na noite com o intuito de me fundir nela. Dum dos pontos mais altos da cidade, apreciei o que se estendia a meus pés, até ao rio. A beleza era estonteante e nem sei por quanto tempo fiquei esquecida naquele cantinho privilegiado, até começar a descer por uma das ruelas que me levaria ao destino. As surpresas seriam tantas, quantos os segredos esculpidos em cada pedra da calçada. A lua estava especialmente bonita e as estrelas cintilavam com alegria, pois sabiam que da harmonia dependia o humor do novo dia. O largo onde me encontrava, era encantado, aos meus olhos, claro. Havia bancos aqui e ali. Uns com pessoas sós, que igualmente apreciavam a noite; outros com casais que enfeitados, brindavam o momento com juras e declarações de amor. As árvores estavam serenas e no seu pouco balançar projetavam no chão, sombras das folhas e galhos, como se fossem bailarinas num espetáculo sem igual, iluminadas com luz prateada, num palco único, onde todos tínhamos um papel importante. Depois de algum tempo, perdida nos pensamentos, iniciei a minha viagem passo a passo. Descendo a ruela devagar, como quem não quer perder pitada de um filme, fui ouvindo barulhos vários, que vinham do interior de Bares e Cafés, que por ali predominavam. Não entrei em nenhum Bar, embora já conhecesse alguns e por isso pudesse imaginar o ambiente que neles se vivia. Dos Cafés que

se encontravam abertos, conseguia vislumbrar o que lá se passava. Uns emanavam alegria em conversas de grupos de amigos que ali se juntaram para confraternizar. Outros, para além da euforia de alguns, mostravam uma ou duas mesas ocupadas com almas solitárias, na posse de um copo com uma qualquer bebida que lhes servia de companhia. Era impressionante, os olhares vagos e gestos repetidos protagonizados pelas pessoas em questão. Denotava-se amargura, tristeza, desilusão, solidão. Alguns funcionários de balcão, nem se apercebiam de que tinham alguém debaixo do Seu nariz, que só precisava de uma palavra amiga, um pouco de atenção. Vi todos mais preocupados com o que se passava na televisão. Há tão pouca sensibilidade em tantos corações! Mas tudo isso, também faz parte do mistério da noite, da sua magia. Fui despertada por um grupo de jovens alegres e bem dispostos, que surgiram duma esquina, cantando e executando passos de dança e, simpaticamente, ofereceram o espetáculo a alguns moradores que se encontravam à janela ou nas varandas, a aproveitar a noite. Fiquei a apreciá-los por alguns instantes, extasiada e não pude deixar de compará-los às “solidões” que se encontravam dentro de alguns Cafés. A vida é feita de contrastes. Uns corações transbordam alegria, outros sangram por dentro vivendo em agonia. Continuando o meu desfrute, alcancei o

Participação especial

“grupo alegria” que me rodeou numa coreografia harmoniosa. Agradei e elegantemente abriam alas para eu seguir o meu caminho, não antes de me protegerem de um carro que se aproximou, sem que me apercebesse. Era deslumbrante a mistura de cores, odores e sons, que pairava naquelas ruas. E a embelezar ainda mais, iam aparecendo sombras com as mais variadas formas, desenhadas pela luz do luar, pelos candeeiros públicos e pelos faróis dos carros. Funcionavam como psicadélicas. Incrível. A loucura nas ruas era total. Nunca me vi sozinha. Cruzava-me com algumas almas solitárias ou não e que a presença delas naquele local, certamente que não eram pelas mesmas razões que as minhas. Há muitas vidas complicadas que se cruzam connosco não só à noite, mas nós fingimos sempre que não percebemos. O certo e a sorte, é que no meu longo calcorrear, não houve um único habitante da noite que me tivesse importunado. Uns olhavam-me mas não me viam, outros respondiam ao meu cumprimento e a um simples sorriso, outros apenas passavam por mim....consoante estivesse eu numa pausa ou em movimento. Estava a ser uma noite em cheio. Quanta diversão e felicidade, mas também, quanta dor e resignação nos rostos dos transeuntes. Na noite vive-se de tudo e por tudo e morre-se do mesmo jeito. Embora animada, o cansaço começava a tomar conta de mim. Avistei uma esplanada e decidi fazer mais uma pausa nas minhas emoções. Precisava de algo doce, para repor as minhas energias e demorei-me o mais que pude, sempre registando cada movimento, cada gesto, ao meu redor. Impressionante pensar que, metade da população dormia e outra metade na folia. Num Bar alguém bebeu demais e não se controlou....foi “atirado” para a rua violentamente. Uma das partes negativas da noite. A noite é realmente surpreendente e a prova disso é que inconscientemente o comportamento de um individuo, não é o mesmo nos dois estádios, noite/dia. Como me sentia feliz e realizada por me ter metido naquela aventura, à descoberta de tudo, até de mim mesma. Porta sim, porta sim, era um espaço de diversão. A noite é um mundo à parte. Podia ter levado uma companhia, mas

não. Precisava de estar entregue a mim mesma. Entrei nos sítios que quis, espreitei noutros tantos, conversei com excelentes anfitriões da noite e corria tudo como imaginado. Deixei a esplanada mais tranquila e confiante de que a noite terminaria como eu a tinha idealizado. No meu passo lento mas firme, ia-me aproximando da minha meta. Mais à frente vi um carro da Policia à porta de um Bar. Ossos do ofício. Um casal acabava de passar por mim e pela extravagancia da vestimenta, lembrei-me de como a noite tinha sido rica no que dizia respeito ao “guarda roupa”. Vi os trajes mais estranhos, mas também reparei que as pessoas que os usavam, sentiam-se mais confiantes e poderosas. Admirável. Quase a alcançar o ponto de onde já poderia avistar o rio, fui-me deparando com uns “invólucros” em recantos estratégicos das ruas e não eram mais nem menos do que uns sem-abrigo. Senti um aperto no peito, foi inevitável. Assim como me fui cruzando com mulheres e homens em tantas esquinas e outros pontos das ruas, vendendo-se a si próprios. Não critico, não julgo, nem condeno. Cada um sabe de si...Sem que quisesse, por breves momentos pus-me no lugar de cada um desses seres humanos. Tudo é possível. A vida dá muitas voltas, a maioria das pessoas é que não se convence disso e nunca põe o pé fora da redoma onde vive. Finalmente cheguei à praça junto ao rio, o meu destino. Sentia-me exausta, mas feliz. As horas passaram a voar e nem me apercebi. Sentei-me no chão, com as pernas pendentes para o rio a saborear o espelhado da água e a outra margem. O rio estava tranquilo, iluminado e espalhava tantos sorrisos. A margem onde me encontrava, estava cheia de gente a apreciar a beleza, embora já muitos deixassem transparecer um certo cansaço. Inclinei-me para trás e deitada no chão olhei a lua e pensei que o sol acordaria daí a pouco tempo, para ela se deitar. Apoderou-se de mim uma gigante vontade de esperar pelo amigo sol. Mais minuto, menos minuto, que diferença faria? A noite merecia um apoteótico início de dia. E depois de uma noite de prata, nada melhor que um dia de ouro. Por tudo que me dá, é que à Vida serei sempre grata.



ESCRITORA ROSA MARQUES

Rosa Maria Correia Marques nasceu na Madeira, onde viveu até aos 18 anos. Após casar, mudou-se para Porto Santo, onde vive e trabalha. Gosta de ler e de tudo o que está ligado à arte e à cultura. Ama a Natureza, que sempre exerceu nela um enorme fascínio desde a mais tenra idade e a quem declara um amor incondicional. Preocupa-a a situação precária em que muitas pessoas vivem e toda a fragilidade que o mundo enfrenta devido às guerras e o sofrimento causado ao ser humano, principalmente às crianças. Participou no «XII Concurso de Poesia Sem Fronteiras» e em diversas obras colectivas em Portugal e no Brasil: «Boas Festas», «A Bíblia dos Pecadores», «O Beijo do Vampiro», «Vendaval de Emoções», «Um Litro de Lágrimas», «Perdidamente», «Jardim de Palavras», «Quatro Estações», «Deitado Em Berço Esplêndido», entre outras. «MAR EM MIM» é o seu primeiro livro de poesia.

Boa leitura!



O mar é um elo fundamental para quem vive numa ilha, é parte integrante das nossas vidas.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Rosa Marques, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que a motivou a ter gosto pela escrita literária.

Rosa Marques - Muito obrigada

à equipa da «Divulga Escritor», por esta oportunidade de poder dizer umas palavras. O amor aos livros e o gosto pela leitura surgiu em mim muito cedo, ainda antes de frequentar a escola. Através do contacto com os livros e das histórias que ouvia à minha mãe contar e ler em voz alta. As fábulas e as

histórias sobre príncipes e princesas eram as minhas preferidas e tiveram uma grande influência em mim. Havia sempre livros em casa, os meus dois irmãos mais velhos já frequentavam a biblioteca itinerante da Gulbenkian, que eu também passei a frequentar mal aprendi a ler, e escolhia sempre o

limite máximo de livros permitido. O gosto pela escrita foi surgindo... Ainda na adolescência, eu fazia rascunhos de poemas que guardava só para mim, tomava notas de alguns acontecimentos, coisas simples... e também escrevia cartas, usando figuras de estilo. Já na fase adulta, senti necessidade de registrar lembranças, para que mais tarde possa recordá-las...

O que mais a encanta nos textos poéticos?

Rosa Marques - Toda a emoção que nos despertam, tudo o que faz bem à alma, o que encanta e toca ao coração. A mensagem que transmitem...

Em que momento se sentiu preparada para publicar o seu livro «Mar em Mim»?

Rosa Marques - Só depois de ter participado em algumas antologias, com alguns poemas, essa hipótese foi ganhando forma, mas demorei a decidir. Com o passar do tempo, e o apoio de familiares e de algumas pessoas amigas, que foi determinante, surgiu o livro «Mar Em Mim».

Que temas são abordados nesta obra?

Rosa Marques - São variados, os temas. Para além da Natureza e do mar como factores predominantes... a situação dos que vivem em condições precárias, nos países subdesenvolvidos e nos países em guerra, principalmente as crianças que sofrem e vão sobrevivendo, carentes de tudo o que é essencial a uma vida digna e a um crescimento saudável. E falo das ilhas, Madeira e Porto Santo, onde nasci

e sempre vivi, mas também sobre o amor, a amizade, a música, os livros e a importância da leitura na nossa vida.

Como foi a escolha do título?

Rosa Marques - O título «Mar Em Mim» surgiu da grande influência que o mar sempre teve na minha vida. Vivendo entre duas ilhas, com o mar sempre por perto, precisando transpô-lo muitas vezes... O mar é um elo fundamental para quem vive numa ilha, é parte integrante das nossas vidas. Mas também pela sua incrível beleza, pelo fascínio que exerce em nós, por tudo o que ele nos proporciona, pela alegria das muitas crianças que todos os anos vêm brincar na bela praia... Quem nasce e vive numa ilha, já não consegue ficar longe do mar por muito tempo sem sentir a sua falta.

Qual é a previsão para o lançamento?

Rosa Marques - Está previsto que o livro fique impresso até finais de Setembro, segundo a informação que tive da editora Sui Generis. Quanto ao lançamento, no momento em que concedo esta entrevista ainda não marcámos a data, mas estamos a considerar a possibilidade de uma sessão conjunta, no mesmo dia, em Lisboa, com os autores Isidro Sousa e Suzete Fraga, que publicam também os seus livros. Provavelmente, durante o mês de Outubro.

Quem desejar, como deve fazer para realizar compra da obra?

Rosa Marques - Através da rede social Facebook, da livraria online da Editora EuEdito (www.euedito.com), da Sui Generis (<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>) e do meu email, que é o seguinte: rcorreiamarques@gmail.com

dito.com), da Sui Generis (<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>) e do meu email, que é o seguinte: rcorreiamarques@gmail.com

Você já participou de várias antologias e colectâneas em Portugal e no Brasil. Qual foi a participação que mais a cativou? Por quê?

Rosa Marques - Cada participação é um prazer e um desafio. É sempre emocionante ver um poema ou um texto nosso selecionado para integrar uma antologia. Em 2015, participei com três poemas na antologia «Boas Festas», organizada pelo Isidro Sousa para a Silkskin Editora, que me cativaram pelo teor da mensagem. Um dos poemas é uma carta escrita por uma criança ao Pai Natal, onde ela pede para que este não se esqueça de passar em todas as casas e entregar uma prenda a todas as crianças do mundo, mesmo as que vivem nos lugares mais inóspitos, e às que nada têm, onde impera a solidão e a tristeza, para quem o Natal é apenas mais um dia de luta pela sobrevivência. Este poema integra também o meu livro. Mas houve outras antologias de cujos temas gostei muito, e também de escrever os textos, para nelas participar, como: «A Bíblia dos Pecadores» e «O Beijo do Vampiro» da Sui Generis; «Perdidamente» e «Quatro Estações» do Grupo Múltiplas Histórias; e outras que ainda estão em fase de edição, como: «Ninguém Leva a Mal» e «Salóis & Caipiras» (Sui Generis) e «Pets Companhia» (Illuminare, no Brasil).

Que tipo de textos gosta de ler?

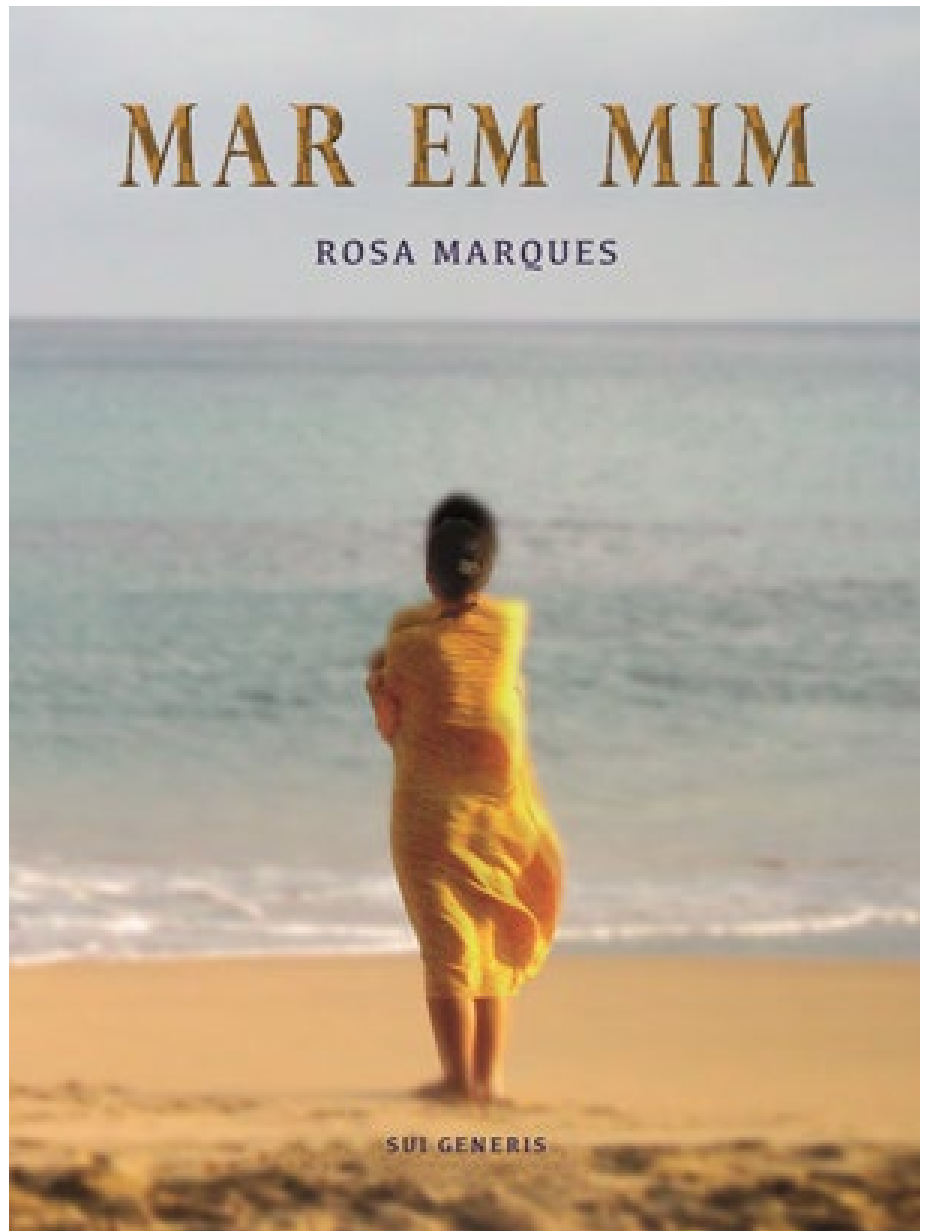
Rosa Marques - No meu tempo de

criança e pré-adolescência, os livros era tudo o que tínhamos para ocupar os tempos livres, por isso, eu sempre li um pouco de tudo, com maior incidência para a poesia e o romance, contos e crónicas, mas também fábulas, aventura, etc. Num livro, encontramos sempre algo bom, algo que nos acrescenta pelo lado positivo. Cada livro lido é uma viagem, uma visita ao desconhecido, mas no regresso sempre trazemos connosco qualquer coisa, uma lembrança que fica guardada na nossa memória, em forma de mensagem, e que um dia, de uma certa forma, vai ser-nos útil. Na medida em que a leitura enriquece o nosso conhecimento do mundo que nos rodeia e de nós mesmos.

O que mais a encanta na leitura deste tipo de textos?

Rosa Marques - Todo o conjunto de emoções que despertam em nós, o conhecer novos lugares, a surpresa no desenrolar da história e a grande sensibilidade que muitos escritores possuem para descrever os factos, com tal realismo, cativando o leitor, fazendo com que ele se identifique com as personagens. O imaginar as personagens e os espaços onde se desenrola toda a ação, movimentar-se com os personagens, partilhar com eles os sentimentos, acompanhá-los no decorrer de toda a história.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Rosa Marques. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?



Rosa Marques - Principalmente aos mais jovens... apesar da muita tecnologia que nos dias de hoje têm ao vosso dispor, que reservem um pouco do vosso tempo para ler um livro. Um livro também pode ser um bom amigo, que nos guia e leva pelo mundo, à descoberta. Quem lê, nunca está só! Existem obras maravilhosas de autores portugueses e também estrangei-

ros que vale a pena ler, pelo muito que nos ensinam, pelos valores que nos transmitem. A leitura ajuda muito nos estudos, e em todos os aspectos da vida.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Participação especial



O “CONINTER ARTES Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes”

O “CONINTER ARTES - Conselho Internacional dos Acadêmicos de Ciências, Letras e Artes”, é uma instituição que se completa em um Único Ofício: Honrar a Coroa da Criação – O Ser Humano através da Tríade Acadêmica (Ciências, Letras e Artes)!

Como Conselho nossa Meta é Criar uma Manifestação Intelectual onde os Signatários da Tríade Acadêmica (Ciências, Letras e Artes) possam formar um Núcleo de Intelectuais, Artistas, Jornalistas e Escritores que visem o bem comum daqueles que embelezam a Humanidade através de Seus Dons e talentos!

Nossa Visão é uma Visão antiga, podemos chama-la de Visão Fraternal, onde cada signatário valorize seu co-igual, seu parceiro e seu irmão!

Por isso conclamamos a todos os Membros do CONINTER ARTES a fazer manter Viva a Chama da Fraternidade, dos Valores Ancestrais e da Fraternidade Humana em nosso meio através do Amor a Deus e Respeito à Humanidade!

Somos Co-Participantes de uma Obra que tem como Função Basilar tornar o Mundo em que vivemos mais sensíveis às Ciências, Letras e Artes e assim lapidar o Meio onde Vivemos em uma União de Pessoas do Bem em que o Bem do Próximo seja nossa meta maior!

Em Nossa Sede, aos 15 de Maio de 2015.

**Alexander Comnène Palaiologos Maia Cruz,
Presidente Fundador do CONINTER ARTES**



**CONSELHO INTERNACIONAL
DOS ACADÊMICOS DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES**





ESCRITORA SARA TIMÓTEO

Sara Timóteo publicou «Deixai-me Cantar a Floresta» e «Chama Fria ou Lucidez» em 2011 pela Papiro Editora na sequência da atribuição, respetivamente, do 1º e do 2º lugar no 2º Concurso de Poesia Aníbal Faustino em 2009. Publicou em 2012 «Refúgio Misterioso»; em 2014 publicou «Os Passos de Sólon» (prémio Mensagem Notável atribuído pela Lua de Marfim Editora), «Elixir Vitae» e «Os Quatro Ventos da Alma» (menção especial no Prémio Literário Glória Marreiros 2014), todos através da Lua de Marfim Editora. Em 2015, publicou «O Telejornal» (peça de teatro infantil) através dos Cadernos de Santa Maria. Em 2016, publicou «O Corolário das Palavras» (Rui M. Publishing, e-book) e o livro de poesia «Refracções Zero» pela Orquídea Edições. Tem dois livros de não-ficção e um livro de poesia bilingue publicados nos EUA.

Boa leitura!



Esta obra pretende retratar o quão somos influenciáveis pelos meios de comunicação social e de que modo o pensamento se converte em arma de desconhecimento quando é reduzido à mimese.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Sara Timóteo, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Você tem vários livros publicados, sendo a maioria de poesia. Qual dos seus livros de poesia a surpreendeu após ser publicado? E surpreendeu-a porquê?

Sara Timóteo - Todos os livros

que publiquei me surpreenderam após serem trazidos à luz do dia. Gostaria, no entanto, de referir que, neste aspecto, a obra «Os Passos de Sólon» me tomou de surpresa um pouco mais do que as outras publicadas até hoje, pois o labor gráfico traduziu na perfeição a mensagem solar do livro, que foi escrito na Sardenha durante um período de férias e depois burilado durante cerca de nove anos antes de o submeter a escrutínio público.

«Refracções Zero» é o último livro. O que a levou a publicá-lo e o que tem de especial esta obra? O que a distingue dos outros livros de poesia?

Sara Timóteo - A edição do livro «Refracções Zero» teve a sua génese num prémio atribuído pelo Grupo Múltiplas Histórias ao poema com o qual participei na colectânea “Palavras de Veludo”. A edição e publicação do livro foi o prémio atribuído; de modo, ali-

ás, não muito diverso do que sucedeu com «O Telejornal» e «O Corolário das Palavras», cuja edição foi também oferta das respectivas editoras por via da participação em concursos literários. O conjunto de poemas que constitui «Refracções Zero» surgiu a partir de um exercício (pouco) lógico de pensamento sobre o que sucederia se a Humanidade procurasse recuperar um olhar límpido sobre todas as coisas a partir de um momento de catástrofe – a morte de todos os poetas. Talvez o que distinga «Refracções Zero» dos outros livros de poesia que publiquei até à data seja essa tessitura de palavras urdida num registo pós-apocalíptico.

O que mais a encanta nos textos poéticos?

Sara Timóteo - Na minha perspectiva, a escrita de textos poéticos corresponde a um exercício literário de enorme precisão. O que mais me encanta na poesia é a capacidade que nos confere de experimentarmos, de novo, o deslumbramento próprio de um olhar de primeira infância sobre as coisas, quase como se essas coisas tivessem renascido para nós.

Quais foram os principais desafios para a escrita de uma novela?

Sara Timóteo - A novela traduz uma forma narrativa que caiu em desuso entre nós, apesar de contarmos com grandes romancistas entre os melhores e maiores escritores de língua portuguesa. Creio que os desafios são os mesmos que se apresentam no decurso do exer-



cício de qualquer outra modalidade de escrita literária: conciliar a concisão com a beleza e o domínio técnico da palavra com a inovação expressiva no uso da mesma.

O que a inspirou a escrever a novela «Os Quatro Ventos da Alma»?

Sara Timóteo - «Os Quatro Ventos da Alma» é uma novela que surgiu por via da tentativa de alcançar uma narrativa lúcida sobre como é ser mulher e sobreviver, no século XXI, à dinâmica de uma sociedade cujo eixo axiológico se reduz ao poder.

Dizem que os personagens têm muito dos seus autores. Qual dos personagens de «Os Quatro Ventos da Alma» tem mais de você? Por quê?

Sara Timóteo - Joana, sem dúvida. A construção de Joana enquanto personagem foi muito onerosa para mim, pois torna-se desafiante converter em obser-

vação impessoal algumas vivências que parecem ser tão próprias de cada um de nós. Talvez os pontos de contacto entre Sara e Joana sejam, por um lado, uma certa fragilidade intrínseca a uma jovem adulta com poucos recursos emocionais e financeiros face a dinâmicas de poder dominadas ainda por homens astutos e sem escrúpulos; e, por outro lado, o esforço constante de auto-superação dos impulsos destrutivos em prol de um futuro que se pretende mais luminoso. A meu ver, Joana, como tantas mulheres

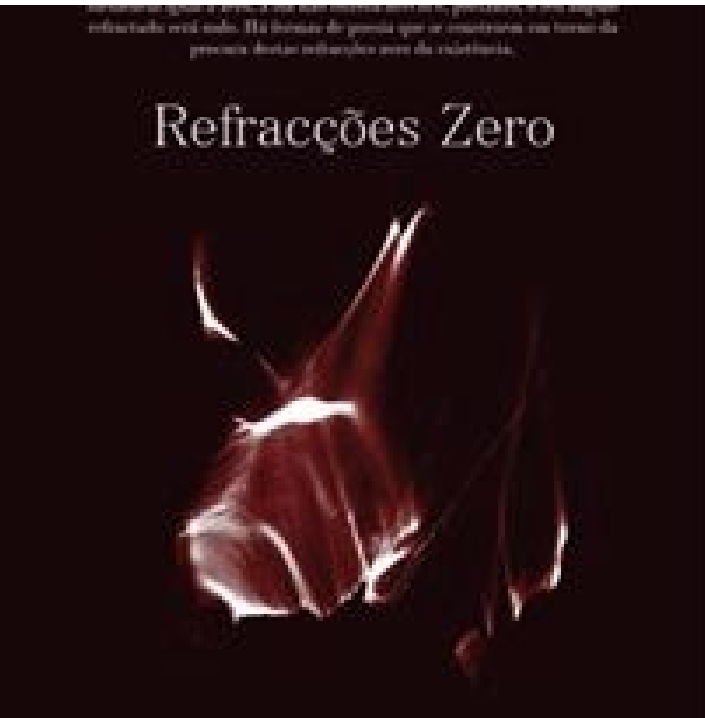
pós-adolescentes, procura obter a alforria num mundo dominado por uma lógica de mercantilização dos sentimentos e da inteligência.

Conte-nos um pouco sobre «O Telejornal»...

Sara Timóteo - «O Telejornal» é uma peça de teatro que escrevi a pedido de uma grande amiga. A Sofia é professora do primeiro ciclo do ensino básico e solicitou a minha ajuda para criar uma peça para a festa de Natal da escola. Assim nasceu «O Telejornal», que se baseia nos bastidores de um jornal televisivo. A peça foi encenada antes de ser publicada e fez um grande sucesso entre os elementos da comunidade educativa afectada à escola em causa.

Qual é a mensagem que você quer transmitir aos leitores através do enredo que compõe a obra?

Sara Timóteo - Esta obra pretende retratar o quão somos influenciáveis pelos meios de comunicação social e de que modo o pensamen-



to se converte em arma de desconhecimento quando é reduzido à mimese.

Pode falar também sobre algum outro dos seus livros que deseje destacar?

Sara Timóteo - Gostaria de destacar «Os Passos de Sólon» pela clareza do olhar que busquei ao longo de todas as páginas que o constituem. Este livro representa nove anos de trabalho e acredito que foi alcançado um patamar de concisão que, desde sempre, porfiei por transmitir aos leitores.

Embora tenha já uma vasta obra publicada, mais de dez livros, continua a participar regularmente em diversos projectos colectivos de várias editoras, sejam colectâneas, antologias ou obras resultantes de concursos literários. Faz isso por alguma razão

especial? E que importância atribui a essas obras?

Sara Timóteo - A participação nos projectos colectivos de várias editoras é importante para que me mantenha actualizada enquanto escritora sem recair na mimese. Estas obras representam, para mim, um exercício de liberdade que me avassala e me retira da zona de conforto que fui criando ao longo dos anos. A meu ver, os escritores não devem

instalar-se em sofás a partir dos quais comuniquem para o resto do mundo; procuro praticar esse princípio e constato que os convites para participar em vários desafios literários me obrigam a abandonar, sem remissão, o banco ou o armário onde, por vezes, me aninho enquanto crio.

Onde podemos comprar os seus livros?

Sara Timóteo - <http://pesquisa.fnac.pt/ia434190/Sara-Timoteo>
<http://www.bertrand.pt/autores/autor?id=2429540>
<https://www.wook.pt/autor/sara-timoteo/2429540>

Quais são os seus principais objetivos como escritora?

Sara Timóteo - Pensar bem.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom co-

nhecer melhor a escritora Sara Timóteo. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Para finalizar, contem-nos o que cada leitor pode fazer, em sua opinião, para ajudar a vencermos os desafios encontrados no mercado literário.

Sara Timóteo - O mercado literário, como todos os outros mercados, encontra-se na dependência (e também usufruto) de situações sazonais e de preferências por parte dos consumidores (os leitores). A meu ver, e sem pretender imiscuir-me em lógicas de comercialização e de distribuição que não correspondem às minhas áreas de estudo e especialização, a resposta encontra-se, como sempre, no consumidor final, pois é este que escolhe o livro que vai ler e/ou oferecer a alguém querido. Se tudo parte de uma decisão de consumo, teremos de encontrar modo de nos assegurarmos de que essa decisão é informada e consciente, não obstante o facto de concordarmos ou não com a mesma.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



Escritora Fernanda Comenda

Participação especial

Projeto Poesias Compartilhadas

No amor há vida, há paixão.
No amor não há muitas vezes razão!
No entanto, prevalece este comboio de corda,
Que soando no nosso peito se chama coração!

No amor dois corações trilham o mesmo caminho,
Sentem paixão e sofrem com aborrecimentos,
Muitas vezes sem lamento e em silêncio,
Mas com o coração em sofrimento...

Quem ama sabe que assim é,
E que nada nem ninguém o lamente,
Porque amar não é sossego, nem calma,
Amar é sentir intensamente....

Amar é viver constantemente, é ter presente
A imagem do ser que lhe influi esse sentimento...

MEMÓRIAS

O olhar perdido nas águas brilhantes...
Águas de brilho, brilho de memória
Que trazem saudades, saudades de uma vida lá longe,
De uma família e amigos distantes!

Memórias vividas, agora já passadas,
Mas não esquecidas...
Imagens que passam, vidas amadas, vidas desejadas, vidas ansiadas...

Num olhar envolvido pelo luar, a saudade aperta
E desperta o doce falar dos entes queridos que estão além-mar!



Participe e divulgue gratuitamente em nossos grupos no Facebook, são eles:

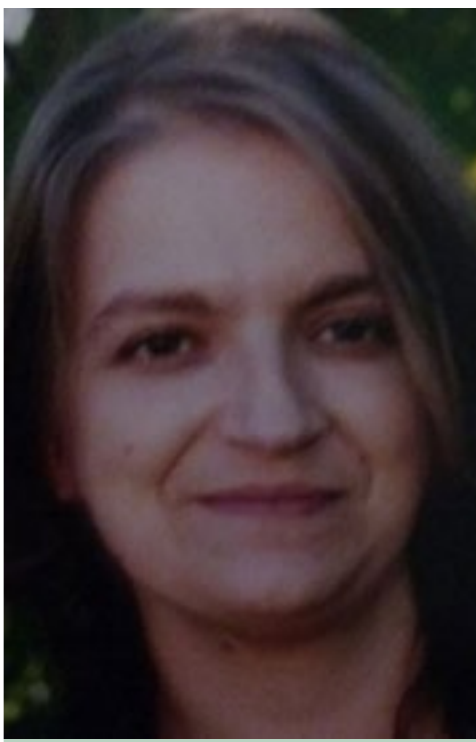
Para divulgar livros - **Divulga Escritor – Livros**



Para divulgar eventos - **Divulga Escritor – Eventos Literários.**



Informamos que sábados, domingos e feriados os administradores entram em descanso, postagens, são permitidas de seg a sex. Por gentileza, ver Regras de cada Grupos.



ESCRITORA SUZETE FRAGA



Também serve para limpar a alma, mas, acima de tudo, completa-me. Costumo dizer que vivo quando escrevo, o resto do tempo apenas existo.”

Suzete Fraga nasceu em Guimarães, há 38 anos. Ingressou no mercado laboral aos 16 anos, nos têxteis, onde permaneceu até aos dias de hoje. Depois de concluir o secundário através das Novas Oportunidades, e seguindo o conselho dos seus formadores, fez uma formação de escrita criativa (com o Pedro Chagas). Participou em várias coletâneas, campeonatos e concursos literários, tendo sido distinguida com dois primeiros prémios e um terceiro lugar. «Almas Feridas» é o seu primeiro livro. É uma compilação de todos os trabalhos realizados até ao momento.

Boa leitura!

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Suzete Fraga, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. O que a motivou a ter gosto pela escrita literária?

Suzete Fraga - Antes de mais, muitos parabéns pelo vosso trabalho. Não é fácil, para os autores anónimos como eu, encontrar quem nos dê voz. A principal responsável pelo gosto da escrita foi a minha professora da primária. Certo dia, ao falar para a turma

inteira, disse que ninguém podia mandar na nossa imaginação, que mesmo em cativeiro podíamos ser livres. Não sei porquê, embora falasse para todos, fiquei com a sensação de que falava só para mim. E foi assim: juntei o útil ao agradável; na vida de que sou refém encontrei uma forma de liberdade sem limites. Posteriormente, surgiram dois seres muito especiais quando eu mais precisava: os formadores de RVCC. Prometi dedicar-lhes o meu primeiro livro. E as promessas são para cumprir.

O que mais a atrai na arte da escrita?

Suzete Fraga - A escrita tem inúmeras facetas atrativas. Agrada-me a aprendizagem constante. Amo essa liberdade de poder inventar o que me der na gana. Posso matar e esfolar quem eu bem entender (riso maquiavélico), que quem manda sou eu e não vou presa por isso, por enquanto. Também serve para limpar a alma, mas, acima de tudo, completa-me. Costumo dizer que vivo quando escrevo, o resto do tempo apenas existo.

O companheirismo entre os colegas de escrita também é muito gratificante; as amizades que ficam para a vida... e as que servem de lição. Tudo serve para enriquecer a bagagem.

Conte-nos um pouco sobre o seu livro «Almas Feridas», que está no prelo...

Suzete Fraga - Como já referi anteriormente, é uma compilação de todos os trabalhos escritos até agora. É um mergulho a sangue-frio na sede de vingança, nas relações entre irmãos – bem ao estilo de Caim e Abel –, passando pelo dilema da fidelidade no matrimónio. Pode ainda viajar para um cenário campestre, recuar no tempo até à década de 80, saltar para uma partida de Carnaval, espreitar vidas desfeitas pelo álcool e pela violência doméstica, descobrir traições, amores desmedidos, reencontros no além, narcisismos que levam à loucura, sentir a vida com os olhos de quem não vê, ser herdeiro de vereditos cruéis, testemunhar atos verdadeiramente altruístas, ler cartas de amor, desfolhar sonhos, sentir a emoção da despedida, conviver com um encanto de sogra, descobrir o dom da humildade ou conhecer uma vidente muito peculiar.

Como foi a escolha do título para esta obra literária?

Suzete Fraga - Esta pergunta fez-me rir. Culpada me confesso! Eu explico: em conversa com o Isidro Sousa – exigente como só ele sabe ser – não havia meio de ter uma ideia brilhante. As opções que tinha em mente ou não se adequavam a todos os textos, ou eram

mais indicadas para livros de poesia. (Ele é extraordinário, conhece os textos tão bem ou melhor do que o próprio autor.) Então, como não se fazia luz do lado de cá, ele, do lado de lá, foi atirando sugestões para o ar. Até que surgiu essa combinação: «Almas Feridas». Foi amor à primeira vista e, a bem da verdade, confirmo que a autoria do título pertence ao meu amigo Isidro Sousa.

Você diz que temas como a violência doméstica ou o alcoolismo estão no topo das suas preferências de escrita. O que a levou a ter gosto por este perfil temático?

Suzete Fraga - São temas cuja fonte é inesgotável, infelizmente. Não requer pesquisas. Na família, na casa ao lado, na rua mais abaixo, na televisão... basta piscar um olho para surgir uma história. E claro, nas minhas histórias, posso fazer justiça ou dar o final feliz que raramente acontece na vida real. Por outro lado, tenho uma leve esperança de poder ser uma influência positiva para quem passa por estes dramas. A escrita é uma arma, portanto...

Temos previsão para o lançamento de «Almas Feridas»?

Suzete Fraga - Se Deus quiser, em Outubro. A demora será recompensada com um lançamento triplo: «Amargo Amargar» do Isidro Sousa, «Mar Em Mim» da Rosa Marques e o meu «Almas Feridas». Vai ser um acontecimento muito especial: as primeiras três edições individuais Sui Generis (com a chancela EuEdito). Até os astros deverão estar vestidos de gala para a ocasião. (Risos) Agora a sério, pelo carinho que nos

une, pelas batalhas que travámos, pelos “Adamastores” que tivemos de superar, não podia ser de outra forma!

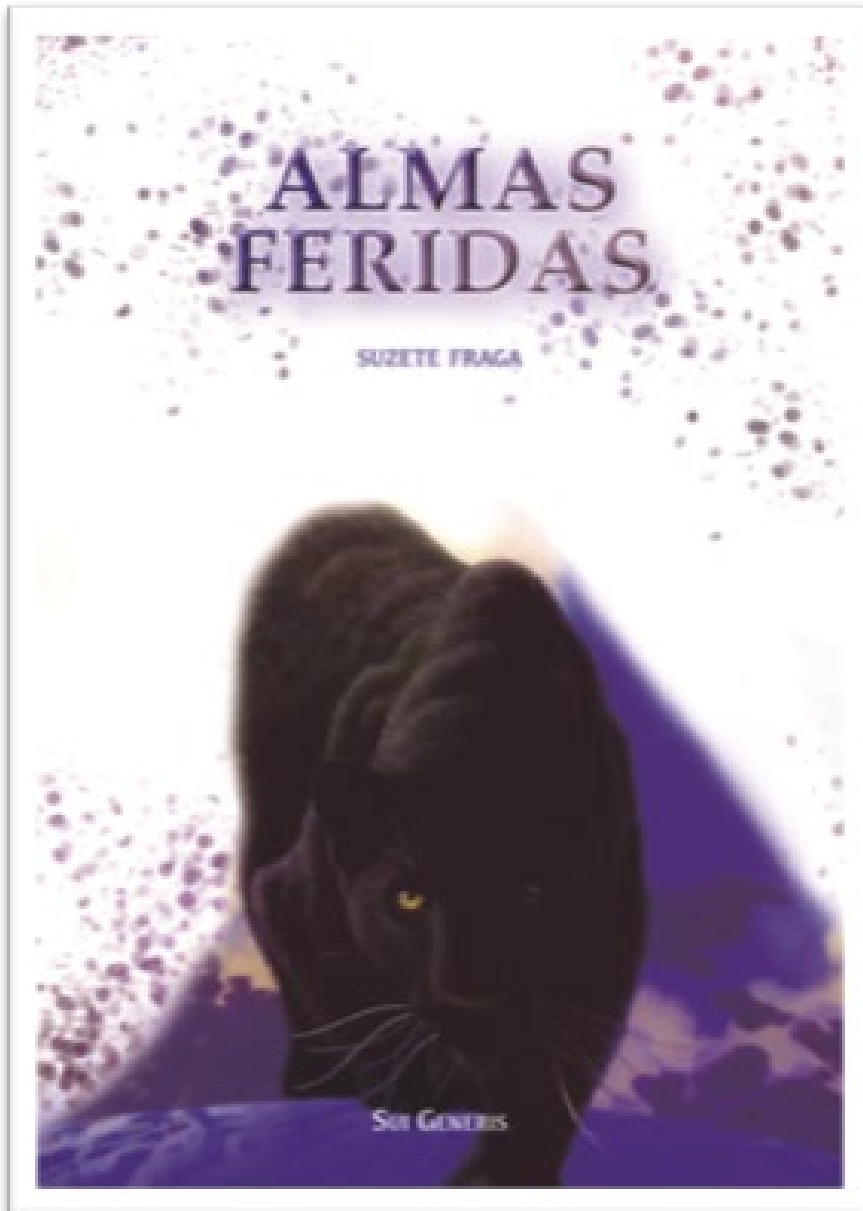
Qual é o tipo de textos que gosta de ler?

Suzete Fraga - Prefiro textos em prosa, com um bom enredo para que, no fim da história, eu possa continuá-la na minha cabeça. Gosto de coisas reais. Um livro, todo ele a falar de amor, não me cativa, soa-me a falso. A vida não é um conto de fadas. É imperativo que esteja escrito corretamente. Não suporto lixo ortográfico, isso mata-me o interesse. Leio de tudo: drama, suspense, policiais, terror... mas se houver umas pitadas de sarcasmo... isso leva-me ao céu! A escritora Amelie Nothomb, por exemplo, é soberba na arte de criticar com ironia. Quem ler «Temor e Tremor» fica apaixonado por este estilo. É hilariante.

O que mais a encanta na leitura deste tipo de textos?

Suzete Fraga - A inteligência! É preciso muita inteligência para dizer umas boas verdades sem ofender e, ainda mais, se arrancar umas boas gargalhadas. Admiro imenso quem tem essa capacidade. Não é fácil fazer rir. Não é fácil ter a sorte de ser lido e o leitor sentir-se tocado pelo que foi escrito. Diria que é um tiro no escuro, até porque, antes de mais, o autor deverá escrever para si. Não devem ser o público ou os holofotes a movê-lo.

Você já participou de várias antologias e colectâneas. Qual foi a participação que mais a cativou? Por quê?



Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Suzete Fraga. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Suzete Fraga - Obrigada pela paciência! Escrevam imenso. Exijam qualidade! Há muitas editoras que de editoras só têm o nome. São verdadeiras máquinas de sugar dinheiro. E o dinheiro, como sabemos, não compra respeito nem competência. Muito cuidado com essas! Leiam muito, de preferência obras revisadas. Se quiserem adquirir «Almas Feridas» podem fazê-lo por email: suzetefraga@hotmail.com, por telemóvel: (+351) 966326916 ou através do facebook: <https://www.facebook.com/suzete.fraga>

Não se esqueçam de me fazer chegar a vossa opinião, é muito importante para mim. Sejam críticos e exigentes. Votos de boas leituras!

Suzete Fraga - Cada história é como um filho. E os filhos não se escolhem, amam-se.

No entanto, «O Beijo Do Vampiro», em que participei com o conto «Kayla: Sede de Vingança», esse teve um sabor especial. Pelo gozo da pesquisa. A história de uma vampira com mais de duzentos anos requer alguns pormenores verídicos, não só pelo enriquecimento, mas para lhe conferir

uma certa credibilidade: a escrivatura não podia faltar, as doenças da época (o escorbuto e a varíola, por exemplo), as baionetas, as embarcações... Foi deveras muito gratificante. Claro que um bom organizador ajuda imenso. Neste caso, o Isidro Sousa. Ele prima pelo respeito, incentivo, grandeza de alma, a qualidade... É um ser humano extraordinário. Dá gosto trabalhar com pessoas assim.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritora Noka

Participação especial

MÚSICA

Irrompes o silêncio que zumba em minh'alma.
Aproximas-te em escolta pelo ápice do teu primeiro andamento.
Sinto o teu entoar perto de mim.
Ansiando a corpulência que se avizinha a cada compasso.
E contigo canto, contigo danço, contigo vivo...

Eu sei que és tu, como um ser único e de ritmos sentidos
Vens suave, em tom harmónico e tranquilo.
Atravessas cada poro da minha pele e invades-me sem pedires.
Eu consinto, no desejo interminável que não te vás, ou quando fores...que voltes.
E contigo canto, contigo danço, contigo vivo...

Tens uma garra profundamente determinada.
Uma força vivamente exasperada.
E enlevas-me, a cada instante, nesses teus acordes.
Nessa melodia composta de hirtas claves, de tons graves e sons agudos.
Eu quero ouvir as tuas notas, todas aquelas que me fazem sonhar.
E contigo canto, contigo danço, contigo vivo...

Sei que te terei sempre na partitura da minha vida.
Ouvir-te, é sentir que estou viva e alegre me fazes sentir.
Também em tristeza me acompanhas, na vontade alenta que a esperança não tarde.
Sem ti as cores seriam esbatidas e os aromas esmorecidos, num mundo nú de vida.
Viveríamos num profundo silêncio, que jamais seria irrompido pelo teu doce ensurdecer.
E contigo canto, contigo danço, contigo vivo...

Ouçó-te só para mim, para um eu que te venera e que sem ti nada seria.
Canto e danço para nós, como sei que tu vibras a cada nota para mim.
E ambas viveremos juntas, sempre e até ao fim!
Eu e tu minha doce e viva música!
E contigo canto, contigo danço, contigo viverei!

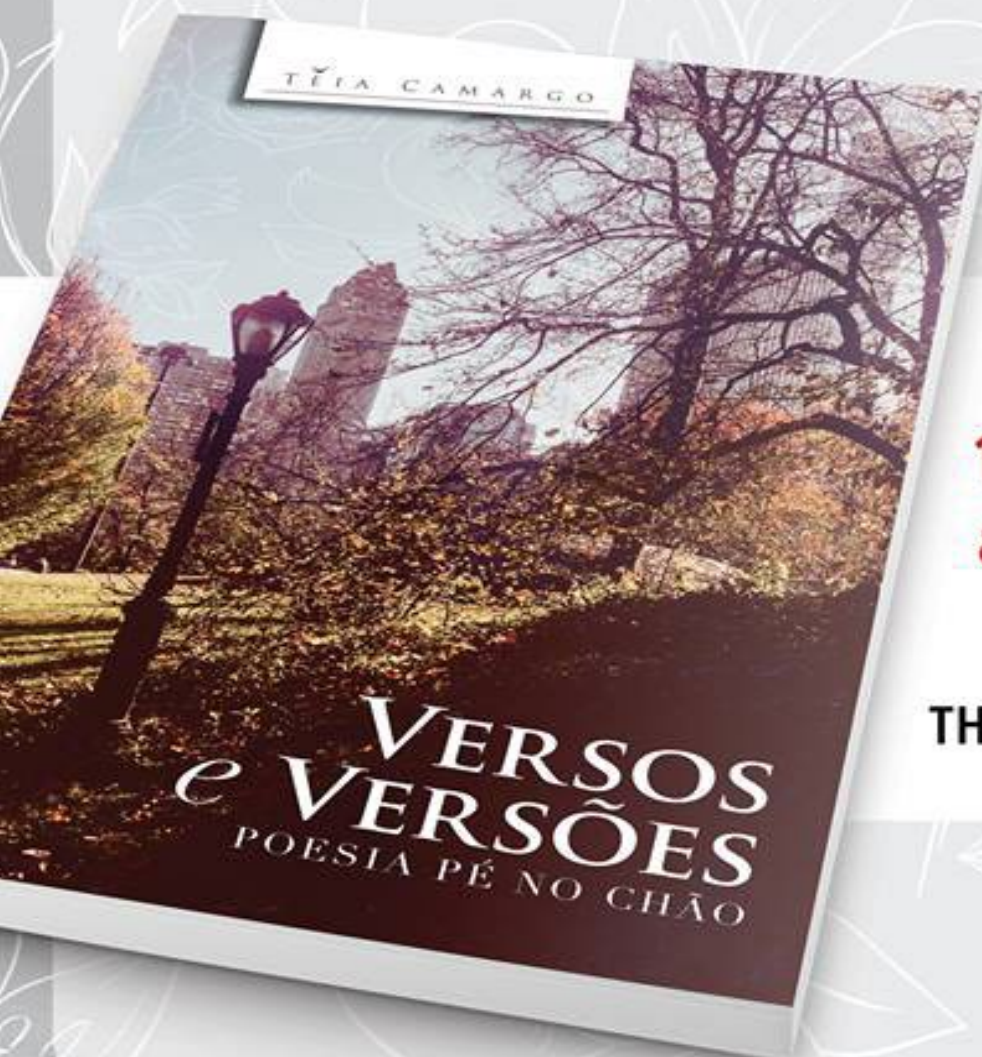
Noka, in COMIGOS DE MIM

T [✈] E I A C A M A R G O

convida para o
lançamento e sessão
de autógrafos do livro

VERSOS e VERSÕES

POESIA PÉ NO CHÃO



**Quinta-feira
17 de novembro
a partir das 18h**

**LIVRARIA NOBEL
THE OPEN MALL SQUARE**

Curta a fanpage do livro
 Versos e versões



ESCRITORA TERESA MORAIS

Teresa Morais nasceu em S. Mamede de Infesta, Matosinhos, em 29 de Dezembro de 1952. Frequentou o Liceu Nacional Carolina Michaëlis, Porto, tendo concluído o Ensino Secundário em 1969. Em 1974 concluiu a Licenciatura em Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Leccionou as disciplinas de Inglês, Alemão e Técnicas de Tradução de Inglês durante 36 anos, 31 dos quais na Escola Secundária do Padrão da Légua, Matosinhos. Actualmente, realiza trabalhos de tradução para empresas nacionais e estrangeiras e lecciona a disciplina de Alemão em duas Universidades Seniores.

É co-autora, com textos e contos, de diversas colectâneas, participou em diversos Campeonatos de Escrita Criativa, organizados pelo escritor Pedro Chagas Freitas; participou também em dois Campeonatos de Escrita do Grupo Múltiplas Histórias, tendo-se classificado em primeiro lugar no primeiro destes campeonatos.

Boa leitura!



Marta é uma septuagenária que, por vontade própria e habilmente iludindo familiares e médicos, decide passar o resto da sua vida num hospital psiquiátrico, por motivos práticos e económicos.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Teresa Morais, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. O que a motivou a ter gosto pela escrita literária?

Teresa Morais - Desde criança que sou leitora quase compulsiva, mas desenvolvi o gosto pela escrita há relativamente poucos anos. Ou melhor, concretizei uma paixão antiga,

mas não consumada – chegou-me de mão dada com a aposentação e uma maior disponibilidade de tempo para me dedicar a novas actividades, entre as quais, a escrita.

Em que momento pensou em escrever «Nos Novelos da Memória» e quais foram os principais desafios?

Teresa Morais - Confesso que não estava no meu horizonte a publicação de um livro, porque sou sempre mui-

to crítica em relação à minha escrita. Este meu primeiro livro foi fruto das circunstâncias. Há cerca de um ano e meio, participei num campeonato de escrita criativa, organizado pelo Grupo Múltiplas Histórias, e que decorreu ao longo de oito semanas. Terminei em primeiro lugar, sendo que o prémio foi a publicação gratuita de um livro. Tinha muitos textos “na gaveta” e pensei dá-los a conhecer a um público mais vasto, para além de um restri-

tíssimo grupo de familiares e amigos, que, normalmente, me davam um feedback positivo. Encontrado um fio condutor, inseri muitos desses textos nos capítulos que constituem a obra. O principal desafio foi tecer cada capítulo de forma a inserir coerentemente os textos pré-escritos.

Conte-nos um pouco sobre o enredo que compõe a obra.

Teresa Morais - Marta é uma septuagenária que, por vontade própria e habilmente iludindo familiares e médicos, decide passar o resto da sua vida num hospital psiquiátrico, por motivos práticos e económicos. Aí, preenche muito do seu tempo registando vivências e memórias, que lhe vão assomando ao pensamento de forma aleatória, não cronológica. O livro não é, de forma alguma, uma autobiografia, embora inclua memórias autobiográficas, nomeadamente da infância e juventude.

Dizem que os personagens têm muito do autor. Qual dos personagens de «Nos Romances da Memória» tem mais de você? Por quê?

Teresa Morais - O meu personagem – Marta – é “o personagem”. E identifique-me com ela em alguns traços de personalidade, como a independência, a aparente contenção, que, muitas vezes, descamba para a irreverência, o sentido de humor, a primazia do coração sobre a razão. E, obviamente, no gosto pela escrita.

O que mais a encanta nesta obra literária?

Teresa Morais - Gostei de delinear o meu personagem, com um espírito reflexivo, vivo e irreverente, aparentemente em contradição com a sua idade física. Foi-me, igualmen-

te, grato escrever os textos de prosa poética que surgem em alguns capítulos e que espero que venham a ser, também, do agrado dos leitores.

Qual é a previsão para o lançamento do livro?

Teresa Morais - Espero a todo o momento contacto por parte da minha Editora, já que enviei o material no início de Maio. Penso que será editado ainda no mês de Setembro ou, quando muito, Outubro.

Qual o tipo de textos que gosta de ler?

Teresa Morais - Sou uma leitora eclética. Leio um pouco de tudo – da poesia ao ensaio, passando por obras de filosofia, policiais, romance (com especial apreço pelo romance histórico). Aprecio os grandes autores clássicos, nacionais e estrangeiros.

O que mais a encanta na leitura desses textos?

Teresa Morais - Como o meu espectro de leitura é amplo, focar-me-ei nas obras dos grandes clássicos, nacionais e estrangeiros, muitas das quais releio, e que me encantam pelo seu carácter universal e atemporal, revestindo, muitas vezes, uma visão quase profética. Identifico-me, frequentemente, com as emoções dos personagens, entendo os seus conflitos interiores; reflecto sobre os contextos sociais e os jogos de poder que essas obras retractam e que transporto desses mundos fictícios para o mundo actual.

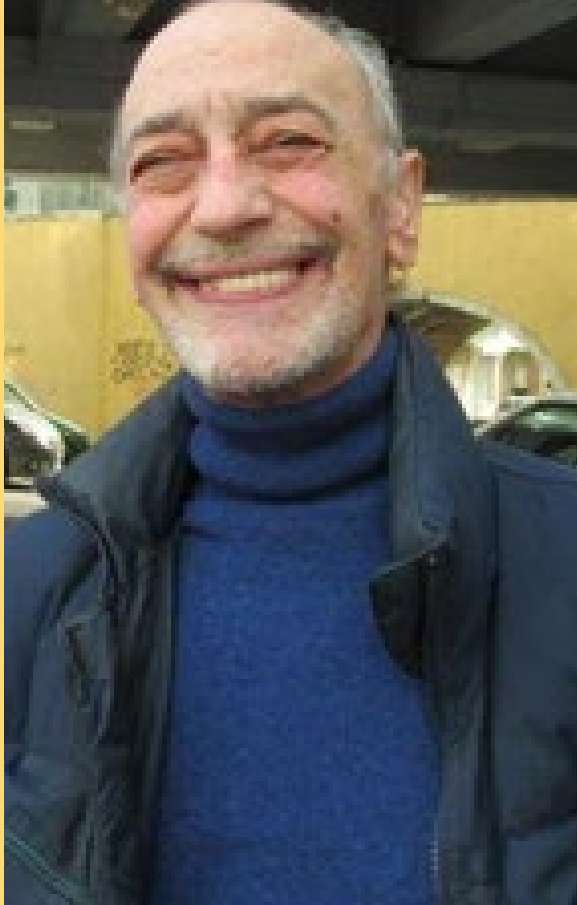
Em sua opinião, o que cada leitor pode fazer para ajudar a vencermos os desafios encontrados no mercado literário português?

Teresa Morais - Sinto alguma dificuldade em perceber o papel activo que o leitor poderá ter no ultrapassar dos desafios encontrados no mercado editorial português. Segundo a informação a que acedo, tem-se verificado uma tendência descendente no mercado literário português, explicável pelo crescimento de conteúdos electrónicos e pela diminuição do poder de compra de potenciais leitores, em período de crise económica. Nos últimos anos, têm surgido muitas editoras pequenas, normalmente de qualidade, com margens de lucro reduzido, formando um mercado paralelo e alternativo, e que dão voz a muitos jovens escritores que, de outro modo, não poderiam suportar os custos de publicação, divulgação e distribuição das suas obras. E através dessas editoras, cujas publicações são, muitas vezes, divulgadas através das redes sociais, o leitor poderá conhecer “jovens” escritores que bem merecem ser lidos.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Teresa Morais. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Teresa Morais - A minha mensagem para os vossos leitores só pode ser uma: leiam muito, porque quem lê aprende, viaja, cresce... vive. O meu muito obrigado pelo espaço que me concederam na vossa revista

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



Escritor José Lopes da Nave

Participação especial

O MEU EU

O abrir de coração é um acto de vontade,
de honestidade para comigo,
desejoso de conseguir dar o melhor,
sinalizando o mais sublime
da minha existência,
procurando manifestar
o que prossegue dentro da alma,
ser sincero,
acima dos equívocos
que, por vezes provoço,
sugerindo ser invulnerável.
É semear o que tenho guardado
em mim,
sem procurar explicações,
é tocar quem me ama,
com delicadas asas de borboleta,
é deixar que Deus me abrace,
em companhia dos que são
a luz e sal da minha vida.

A DÚVIDA

Quando estou triste, com a alma sofrida,
quando as agruras dominam a alma,
parecendo queimar,
permaneço quieto,
aguardando em silêncio,
até a paz vir a mim,
levantar-me.
Posso então permanecer na montanha
e caminhar na tempestade,
ver a luz, como em nebulosas
de formas caprichosas
de cores estonteantes,
prometendo mais felicidade.
Sinto-me forte,
quando braços me protegem,
elevando-me muito mais alto
do que possa ser.
Não há vida, sem algum sofrimento
e o coração fraqueja,
porém, quando a luz me vem ver,
sinto-me deslumbrado
e continuo a pensar na ventura,
para alcançar a serenidade
e o belo.
Será este o meu purgatório?

Vem para nossa página no Facebook



**EU GOSTO
DE
LIVROS!!!**

**Dê Livros de presente!
Eu gosto de livros**

**Gostar de livros é uma arte
Ter livros é um investimento
Ler livros é uma sabedoria
Dar livros é uma ajuda,
Um ato nobre e inteligente
Logo...
Gostar, ter, ler e dar livros,
É uma perfeita harmonia literária
Que faz bem para a alma, a vida.**

Shirley M. Cavalcante





ESCRITOR FELIPPE ABREU

Felippe de Abreu Maia nasce em Salvador, 10 de maio de 1997. Muito jovem, aos 12 anos, já participava de Concursos Literários no Colégio Villas, sendo classificados por diversas vezes para ter seus trabalhos representados teatralmente. Estudou nas melhores Instituições particulares de sua cidade durante a adolescência e dedica-se à música. No ano de 2013, devido a uma grande decepção amorosa, inicia-se na escrita, sendo incentivado por Professores de Literatura. Dois anos mais tarde é apresentado ao editor da Cogito Editora, Ivan de Almeida, que o convida para participar do Projeto Pé de Poesia organizado pelo músico e escritor baiano Fábio Shiva. Neste mesmo ano, ainda, é publicado na Antologia Nacional Novos Poetas (editora Vivara), selecionado para a Antologia Internacional Torrente de Paixões (Sui Generis), publica seu primeiro livro, Roger Gonçalves, pela Cogito Editora e fecha contrato com a Editora Illuminare para o lançamento de sua segunda obra, também de poesias.

Boa leitura!



Ele e Felipe Abreu simplesmente são a mesma pessoa por mais absurda e incrível que pareça a história contada em cada Poesia da obra.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Felipe Abreu é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor, conte-nos o que o motivou a ter gosto pela escrita literária? Felipe Abreu - Ao iniciar esta

entrevista, gostaria de deixar claro que Felipe Abreu, como escritor, sente-se igualmente aprazido em participar desta edição da Divulga Escritor. Bom, gostaria de revelar que não me considero Literato, muito menos Poeta em nossa concepção destes termos em Língua Portuguesa. Estas palavras possuem um peso

que não pode ser conferido ao que desenvolvo: nossos ‘poetas’ e ‘literatos’ costumam se utilizar de palavras difíceis para encantar ao público ao dificultar sua compreensão; Roger Gonçalves, por sua vez, se aproxima do leitor pelo uso da poesia marginal expressando-se de modo explícito! E é isto o que me motiva a escrever

poesia sem ser poeta: a liberdade em expressar minhas vivências com palavras nuas e cruas intermediada pela arte.

Em que momento pensou em escrever “Roger Gonçalves”?

Felippe Abreu - Esta é uma excelente pergunta: nunca pensei em escrever “Roger Gonçalves”. Ele simplesmente surgiu.

Quem é Roger Gonçalves?

Felippe Abreu - Roger Gonçalves é um personagem estritamente autobiográfico. Ele e Felipe Abreu simplesmente são a mesma pessoa por mais absurda e incrível que pareça a história contada em cada Poesia da obra.

Conte-nos o que mais o encanta nesta obra?

Felippe Abreu - A proximidade com o leitor. Roger não é fantasioso ou surreal: os acontecimentos narrados são, no geral, fatos do cotidiano ou situações inesperadas expostos, porém, sob um incomum ponto de vista reflexivo, filosófico e sarcástico.

Dizem que os personagens têm muito do autor. Qual dos personagens de “Roger Gonçalves” tem mais de você? Por quê?

Felippe Abreu - Todos os personagens de “Roger”, por unanimidade também autobiográficos — chamemos assim a obra —, se não tinham, depois do contato do autor passaram a ter um pouco de Felipe Abreu. Mas, sem sombra de dúvidas, o que mais me rouba traços da personalidade, até por ser um alterego, é o próprio protagonista Roger Gonçalves!



Se pudesses descrever “Roger Gonçalves” em uma só palavra, que palavra seria?

Felippe Abreu - Revelador.

Onde podemos comprar o seu livro?

Felippe Abreu - Durante este primeiro momento, em minha página do autor: www.facebook.com/rogeroartista. Após o evento de lançamento, previsto para segundo ou terceiro sábado do mês de outubro deste ano, irei disponibilizá-lo nas principais Livrarias presentes em Shoppings da cidade de Salvador (Cultura, Saraiva e Leitura).

Ainda sobre “Roger” o que acrescenta?

Felippe Abreu - “Roger” é um livro simultaneamente suave e engraçado, porém complexo e impactante. Cada história possui um significado — e não raras críticas — eufêmico e/ou metafórico profundo e pesado sob uma roupa-

gem leve e lúdica. É necessário ler com atenção para compreender a proposta de estar repassando um pouco do que já me ocorreu.

Quais os principais hobbies do escritor Felipe Abreu?

Felippe Abreu - Diria que não há exatamente um principal. Tenho em vista de que tanto mente quanto corpo devem ser exercitados e, por isso, divido os hobbies entre os dois. Neles entram: jiu-jitsu, cooper, calistenia, pintura, música (instrumento e composição), Poesia e Literatura.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Felipe Abreu. Agradecemos sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para nossos leitores?

Felippe Abreu - Fico igualmente grato pela oportunidade em participar desta edição, então, para concluir, deixo um comentário feito pelo grande amigo Luiz após uma de nossas conversas sobre poesia: “ame como se o amor fosse a paixão, que ascende como fumaça, vinda do fogo, e leia como quem aprecia um prato e/ou vinho, sentindo seus elementos sutis, ignotos em certo ponto.” Muito obrigado, novamente, e tenho certeza de que apreciarão um pouco das aventuras de nosso amigo ruivo.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritora Ironi Jaeger

Participação especial



* Em 2003 Roberto Bolaños (Chaves) lançou o livro “...Y También Poemas.” Segundo sua esposa, em 43 anos escrevendo, o ator encheu 63 mil folhas de papel (o que equivale a 2,4 milhões de linhas e a 168 milhões de letras).

* Léo Tolstoi escreveu Guerra e paz, com quase 1300 páginas impressas, muitas em manuscrito. Em 1863, sua esposa teve de passá-lo a limpo sete vezes!

* O grande escritor francês Victor Hugo costumava pedir ao criado que lhe escondesse as roupas; desse modo, não tendo o que vestir, podia ficar em casa para escrever.

* Até hoje, foram produzidos mais de 400 filmes baseados na obra de William Shakespeare.

* Nenhum olhar venceu o Prêmio Literário José Saramago e recebeu elogios do patrono da premiação. Outros romances do autor ganharam destaque em publicações internacionais, como o jornal inglês, The Independent, o francês, Le Figaro, e o espanhol, El País.

* Entre os candidatos a sucessores de José Saramago (1922-2010), único escritor de língua portuguesa a vencer o Nobel de Literatura, a principal aposta dos acadêmicos é Gonçalo M. Tavares, de 40 anos. Nascido em Luanda, Angola, e criado em Portugal, Tavares já foi traduzido para mais de 40 idiomas.

* Filipa Fonseca Silva, a primeira escritora portuguesa a entrar para o top 100 da Amazon, com, (Os 30-Nada é como sonhamos.)

* David Machado, por sua vez, movendo-se entre a literatura infantil e os contos e romances para adultos, arrecadou um Prêmio Branquinho da Fonseca com (A noite dos Animais Inventados), um Prêmio da Sociedade Portuguesa de Autores/RTP com (O Tubarão na Banheira) e um Prêmio da União Europeia com (Índice Médio de Felicidade.)

* O escritor Georges Simenon publicou em toda a vida 425 livros. Dizem que Simenon chegou ao ponto de escrever um livro por dia. Destes, 84 são com o personagem Inspetor Maigret.



ESCRITORA GUADALUPE NAVARRO



Escrever é vital para mim, pois ao fazê-lo consigo a satisfação que não pude encontrar em outras coisas que sonhei ser, que sonhei fazer e não pude.”

Guadalupe Navarro nasceu em Lima, Peru, mas vive no Brasil. Bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, com Pós-Graduação em Filosofia Contemporânea, reside atualmente no Rio de Janeiro. Publicou os seus primeiros poemas em 2014. Desde então, tem publicado poesia em várias antologias poéticas, tanto no Brasil como em Portugal. Em 2015 lançou o seu primeiro livro, «Poemas da Alma», pela Pastelaria Studios. Neste ano fez a sua estreia na prosa, com a sátira «A Estátua de Sal», na antologia lusófona «A Bíblia dos Pecadores», das Edições Sui Generis.

Boa leitura!

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Guadalupe Navarro, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos em que momento se sentiu preparada para publicar o seu livro «Poemas da Alma».

Guadalupe Navarro - Antes de mais nada, gostaria de agradecer a oportunidade que me foi dada para divulgar o meu trabalho. Bem, em 2014 publiquei pela primeira vez alguns poemas de mi-

nhá autoria em antologias, tanto no Brasil como em Portugal. No início de 2015, recebi um convite da Pastelaria Studios para a publicação de um livro autoral. Confesso que fiquei insegura, pois sou muito crítica em relação a tudo o que escrevo. Mas, tomando coragem, aceitei o desafio.

Qual é a mensagem que você quer transmitir ao leitor através dos textos poéticos apresentados nesta obra?

Guadalupe Navarro - Gostaria

que quem lesse os meus poemas capte os diversos sentimentos que tento expressar através deles. Ao escrever um poema, desnudo a minha alma, sem nenhum pudor. Algumas pessoas acham alguns de meus poemas muito “fortes”, melancólicos... concordo. Mas a poesia não pode falar só de coisas alegres ou da beleza de um amanhecer. A poesia é a expressão do que se vive, do que se sente. E na vida sentimos, vivenciamos os mais diversos e variados sentimentos.

Você tem paralisia cerebral. Qual é a relação entre a poesia e a sua patologia?

Guadalupe Navarro - Por ser portadora de paralisia cerebral, desde muito cedo tive que lidar com o melhor e o pior do ser humano. Me refiro ao fato de ter encontrado as mais diversas formas que as pessoas tratam alguém que sai do “normal”. Desde o escárnio até à verdadeira aceitação. E isto está refletido em tudo o que escrevo, seja prosa ou verso, mas, principalmente, quando escrevo um poema. Isto não quer dizer que todos os meus poemas estejam relacionados diretamente com a minha paralisia cerebral. Por exemplo: um dos meus primeiros poemas publicados é erótico. Antes de ser portadora de paralisia cerebral, sou mulher e poetisa.

Guadalupe, como você lida com as dificuldades motoras?

Guadalupe Navarro - Com humor, com revolta, com tristeza, com perseverança. Bem, tive a sorte de ter uma mãe médica e um pai profissionalmente bem-sucedido. Isto fez com que tivesse acesso a tratamentos que outras pessoas nunca puderam ter. Mas, ao mesmo tempo, a cobrança era maior. Eu tinha que ser quase “normal”, pois o dinheiro gasto em minha reabilitação foi enorme. Também havia a frustração de minha mãe em não ter uma filha para ser a “princesinha” da família. Não há como negar: todos os pais querem filhos perfeitos. É um grande trauma quando os filhos



não nascem do jeito que eles sonharam. Pode parecer que estou sendo muito dura, mas vivenciei isso e conheci inúmeros casos de rejeição, por parte dos pais de pessoas com paralisia cerebral ou qualquer outro problema. No meu caso, não houve rejeição, mas houve uma tentativa de me tornar “normal”. Até aos cinco anos de idade, mal conseguia sentar, mas nas fotos apareço sentada. Havia alguém escondido me segurando. Agradeço aos meus pais todo o esforço que fizeram para me reabilitar, mas o custo emocional foi enorme. Passei por momentos muito difíceis. E desde há cinco anos venho lutando contra uma Síndrome de Pânico, que de certa forma me “paralisou” mais do que

a paralisia cerebral. Chega a ser irônico... Aliás, foi devido a esta síndrome que a poesia passou a ter um lugar mais importante em minha vida. Um dos terapeutas que me atendia, tinha como incumbência me fazer sair de casa. Sabendo que eu gostava de poesia, algo que ele próprio também apreciava, passou a incentivar a minha criação poética e a minha ida a sa-raus.

Você diz que o fato de ter enfrentado bullying fez com que buscasse refúgio nos livros. Qual é a importância da escrita para a sua vida?

Guadalupe Navarro - Escrever é vital para mim, pois ao fazê-lo consigo a satisfação que não pude encontrar em outras coisas que sonhei ser, que sonhei fazer e não pude. Quis ser tantas coisas, sonhei com tantas outras que precisava de um canal que permitisse evitar que me tornasse uma pessoa amargurada, triste... Não sou nada disso! Quem me conhece sabe o quanto de alegria há em mim. Sou muito grata e tenho um enorme carinho por Isidro Sousa que me convidou a participar em «A Bíblia dos Pecadores», fazendo com que escrevesse um texto com tanto humor que até hoje morro de rir ao relê-lo. Consigo escrever histórias dramáticas, mas prefiro escrever sátiras. De certa forma, fazer rir é muito mais difícil do que fazer chorar. Rir não com o humor tipo “pastelão”, mas com um humor mais fino, mais sutil. Ser escritora é o que me define. É

o que sou. Independentemente de qualquer outra coisa.

Onde podemos comprar o seu livro?

Guadalupe Navarro - «Poemas da Alma» pode ser encontrado na Wook online. Aqui está o link: <https://www.wook.pt/livro/poemas-de-alma-guadalupe-navarro/16939433>

Você já participou de várias antologias e coletâneas, majoritariamente portuguesas. Mais uma vez, o que a leva a preferir publicar os seus textos em Portugal e qual foi a participação que mais a cativou? Por quê?

Guadalupe Navarro - É difícil escolher uma. Mas além de «A Bíblia dos Pecadores», minha primeira aventura na prosa, uma que me tocou particularmente foi «Pets Companhia». Para esta antologia, escrevi «Totó», nome que dei a uma tartaruga que tive quando criança. «Totó» me fez lembrar de certos acontecimentos de minha infância. Em Portugal, há mais produção literária. Projetos muito mais interessantes. Além da Pastelaria Studios e da Sui Generis, também publiquei com a Hórus. E tenho um convite da editora Vieira da Silva. Tirando a Pastelaria Studios, nunca tive problemas com nenhuma. Aqui, no Brasil, já tive muita dor de cabeça com as diferentes editoras com quem publiquei. Problemas com diagramação, paginação, lançamentos em locais que não gostei. Publicarei agora, pela primeira vez, com a Editora Illuminare e espero que corra tudo sem problemas. E também por um motivo muito pesso-

al. Já passei por diversas situações bastantes constrangedoras devido à paralisia cerebral. Por incrível que possa parecer, muitas pessoas chegam a pôr em dúvida a autoria dos meus poemas. Quer dizer, só porque percebem que tenho algum problema que não sabem identificar, acham que não sou intelectualmente capaz de escrever um poema ou um texto. Lançando em Portugal, me livro de ter que comparecer a lançamentos. Aliás, este é um dos motivos pelo qual pedi para falar sobre a minha paralisia cerebral nesta entrevista. Pretendo estar presente no lançamento da coletânea com textos de minha autoria. E queria que me conhecessem, que soubessem que tenho certas “peculiaridades”. Espero que ninguém se ofenda com minha franqueza.

Você está escrevendo um livro autobiográfico e tem outro, de textos em prosa, em vias de publicação. Tem previsão para o lançamento destas obras?

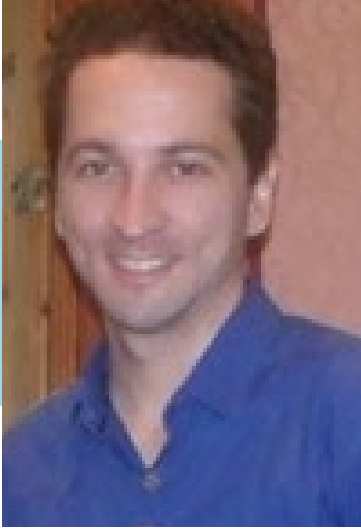
Guadalupe Navarro - Pretendo lançar a coletânea de meus textos já publicados, com mais um ou dois textos inéditos, tão logo sejam acertados certos pormenores. Talvez saia primeiro a versão Kindle E depois, quando possa estar presente, será lançada a versão impressa. Ou talvez os dois juntos. Como disse: depende apenas de acertar certos detalhes. Quanto à autobiografia, é um projeto que tenho. Escrevi um pouco, mas não gostei. É difícil contar uma história que envolve a sua vida, seus sentimentos e pessoas próximas. Acho que tenho uma história de vida que merece ser contada, mas

que fique claro que não quero servir de exemplo ou de levantar bandeira de nada. Não quero ser a portadora de paralisia cerebral que escreve. Isso nunca! Quero ser reconhecida como escritora.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Guadalupe Navarro. Agradecemos sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Guadalupe Navarro - Gostaria de agradecer uma vez mais a oportunidade que me foi dada para falar de meu trabalho e de quem sou. Mensagem? Se alguém ler um poema ou um texto meu, pense em mim como autora. Julgue, critique pela qualidade literária e não porque tenho paralisia cerebral ou porque sofro de Síndrome de Pânico, pois, na essência, sou igual a todo o mundo. Nem melhor, nem pior. Apenas e, principalmente, um ser humano, uma mulher, uma escritora. Custei muito a achar algo que me definisse de forma completa. Achei: escritora!

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com



Mercado Literário

Por *Leo Vieira*

leovieirasilva@gmail.com

Escritor acadêmico em várias Academias e Associações Literárias; ator; professor; Comendador; Capelão e Doutor em Teologia e Literatura

Existe Livro Ruim?

Segundo a Ciência, não existe comprovação para a estética. A ciência não pode explicar o que é feio e o que é bonito. A estética é uma opção pessoal. Desta mesma maneira, o moralismo e o gosto pessoal também não pode ser mensurado cientificamente.

Compreendemos então que não se pode classificar um livro ruim segundo a ciência. Podemos sim julgar um livro pela sua qualidade textual e ortográfica, tornando a leitura incompreensível. Mas julgar pelo fato da história ser simplesmente ruim, irá apenas atrelar a um gosto pessoal.

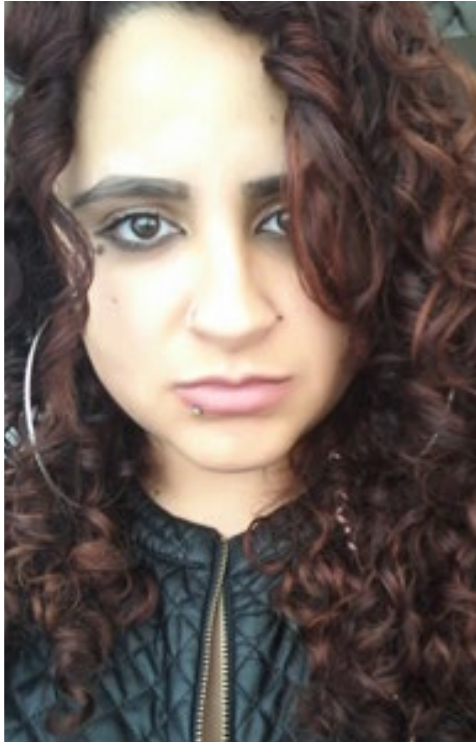
Nem todo livro é ruim. Talvez ele não faça o seu gênero literário. Há uma frase que diz que não existe piada ruim e sim piada mal contada. Deve-

-se ter interpretação e eloquência ao contar uma piada. Se você for rápido demais, ninguém entenderá. Se você se estender demais, os ouvintes ficarão dispersos. O pior de tudo é ter que explicar a piada. Daí que perde toda a graça mesmo.

Um livro é uma história que deve ser contada no compasso de uma piada. Ele deve ter uma boa gramática, uma boa “eloquência textual” para que o leitor não se perca no decorrer das páginas e deve fazer o expectador fazer um bom passeio durante a aventura. Resumindo: um escritor deve ser um bom contador de história.

Portanto, não critique um livro somente pelo fato de ser mal contado. Um bom leitor vai além e compreende além da intenção do autor.





ESCRITORA MARCELLA REIS

Marcella Reis é mãe e co-autora do seu maior poema: a sua filha Vallentina. Nasceu em 1984, em Goiânia (Goiás), Brasil, e reside em Portugal há 18 anos, na zona de Sintra. Tem duas obras editadas: «Era Uma Vez a Poesia...» (Chiado Editora, 2012) e «O Dia Em Que Pari Minha Mãe» (Edições Vieira da Silva, 2013). Foi classificada em 3º Lugar no Concurso Internacional de Contos de Araçatuba, venceu o concurso Peças de Um Minuto com a peça «Beijo de Línguas» e obteve Menções Honrosas no Concurso Literário de Goiás e no Concurso Nacional de Poesia da CICDR. Fez parte dos 4º e 5º Festival Internacional de Poesia «Grito de Mulher» (CEMD – Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora), é membro académico da ALAF (Academia de Letras e Artes de Fortaleza), participou em várias antologias poéticas e obras colectivas e é uma presença regular nas Antologias Sui Generis. Fez recentemente a sua estreia na Coordenação de obras colectivas, respondendo ao desafio de Isidro Sousa para coordenar «Saloios & Caipiras», e está a coordenar pela Edições Vieira da Silva a Antologia de Cartas & Poesias «É Urgente o Amor» e a Colectânea Natalícia «Dê Coração de Natal». É ainda Agente Literária e acaba de classificar-se em primeiro lugar no 1º concurso de prosa erótica da Silkskin Editora. O prémio consiste em publicar, sem qualquer custo, a sua primeira novela erótica: «Amantes Lepidópteras», que assinará com o seu pseudónimo erótico: Petchella, sua alcunha de criança.

Boa leitura!



A obra é um hino de amor à vida e mostra como as relações humanas podem estreitar-se ou alargar-se através de pequenos gestos cotidianos. Depois que se nasce é possível renascer outras vezes mais.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Marcella Reis, é um prazer contarmos com a sua participação na Divulga Escritor – Revista Literária da Lusofonia. Conte-nos em que momento se sentiu preparada para publicar o seu livro «Era Uma Vez a Poesia».

Marcella Reis - O prazer é todo meu! Na realidade, eu escrevo desde os 5/6 anos de idade. Costumo dizer que nasci poeta e assim vou morrer e apesar de escrever desprendidamente, ou seja, sem a intenção de que aquilo que escrevo seja meramente para publicação, sempre tive o sonho de ver os meus escritos saírem da gaveta. O sonho só aconteceu em 2012, com 28 anos, quando recebi duas propostas de publicação. Algo tocou na minha alma naturalmente e eu decidi organizar alguns poemas que já tinha e fazer outros e saí atirando para todos os lados. Mande o meu original «Era Uma Vez a Poesia» para várias editoras que pesquisei na internet e duas se manifestaram. Então eu escolhi a Chiado. Depois da primeira publicação o “caminho das águas” se abriu para mim e o percurso do meu itinerário literário foi seguindo naturalmente como o curso de um rio.

Que textos poéticos estão sendo apresentados nesta obra poética?

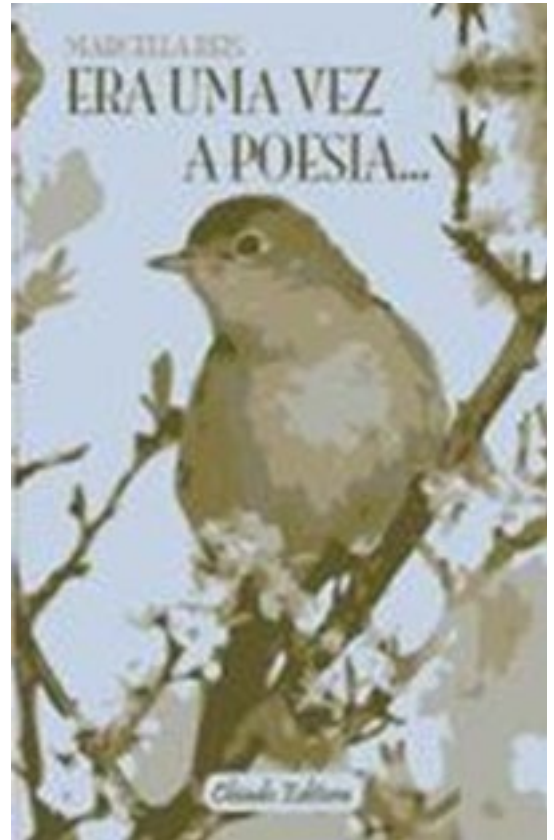
Marcella Reis - Os poemas são muito auto-biográficos e têm um quê de “adolescência” misturada com a minha passagem para a fase mais mulher (há poemas que fiz quando tinha 13/14 anos até aos

28). Há na obra uma ode intitulada de «(Ode)io-te Sem Triunfo» que escrevi para um amigo que eu amava perdidamente (mesmo estando casada), há também outro poema que fiz para o desastre que fora este meu casamento («Intimidade entre Estranhos»), poemas dedicados a um cão que peguei na rua («Petit»), à minha mãe («Maria Madalena», que acabou virando uma música). Agora, são muito especiais para mim o poema «Era Uma Vez a Poesia» (que fala da paixão do Poeta pela princesa Poesia que a salva com uma pena de Rouxinou escrevendo por todo o corpo da Princesa acordando-a de um coma profundo) e o poema «Coquetel de Amor»

(uma carta que mistura nomes de bebidas brasileiras com portuguesas) que é conhecido como «JP» e que muitas pessoas gostam de me ouvir a declamá-lo.

O que a motivou a escrever o seu livro «O Dia Em Que Pari Minha Mãe»?

Marcella Reis - Hoje compreendo que o que me motivou a escrever essa obra foi a vontade premunitiva de ser mãe de uma menina chamada Vallentina. A heroína da trama tem este nome e é o nome que dei à minha filha que nasceu um ano depois desta ser lançada. Estava tão sedenta de parir esta obra que ela foi concebida em dez dias! Outra coisa que me motivou a escrevê-la, foi a vontade de fazer uma homenagem à minha mãe



colocando-a como Bethânia, mãe da Vallentina (mãe esta que mais parecia filha do que progenitora) numa história totalmente inventada por mim e ela deu tão certo que há a continuação dela em «Bethânia... Foi Quem Pariu», ainda a terminar.

Quais os principais desafios para a escrita do enredo que compõe a obra?

Marcella Reis - Foi um grande desafio ter de me colocar no lugar de mãe sem nunca na vida tê-lo sido e de voltar a ser uma adolescente me colocando no lugar da personagem Vallentina, expondo a relação conflituosa entre mãe e filha de uma forma leve e verdadeira, até mesmo quando a mãe rouba da filha o seu primeiro amor. Ou-

tra dificuldade foi escrever sobre o cancro na mama de Consuelo aos quinze anos, que é a irmã que Valentina ganha e perde de repente e que serve como ponte para reencontrar o pai que um dia de certa forma a abandonara. Escrever sobre conflitos familiares, mortes e vínculos profundos é sempre um desafio que emociona!

O que mais a encanta no livro «O Dia Em Que Pari Minha Mãe»?

Marcella Reis - O que mais encanta é a poesia sempre presente na prosa. A obra é um hino de amor à vida e mostra como as relações humanas podem estreitar-se ou alargar-se através de pequenos gestos cotidianos. Depois que se nasce é possível renascer outras vezes mais. Depois que damos o nosso primeiro passo, é possível que possamos cair milhares de vezes e que não consigamos nos levantar nunca mais, se não fizermos da nossa fraqueza a nossa grande força. Com esta obra aprendi que todos os amores do mundo podem não ser Amor. Mas um só com toda a certeza é o mais verdadeiro do mundo: o amor que um filho e uma mãe sentem um pelo outro desde a barriga até além-túmulo.

Onde podemos comprar os seus livros?

Marcella Reis - Podem comprar os meus livros na Fnac, Edições Vieira da Silva, Chiado Editora, Livraria Barata, Wook (livraria online) e nos links:

<https://www.edicoesvieirada-silva.pt/index.php/livros-2/product/149-o-dia-em-que-pari-minha-mae>

<https://www.chiadoeditora.com/>

pesquisa?q=marcella ou encomendar exemplares enviando uma mensagem para o meu email: marcella.wolkers@gmail.com

Soube que temos livro novo no prelo. Conte-nos um pouco sobre a sua nova obra literária «Lágrima Artificial»

Marcella Reis - Fazê-la partiu de um diagnóstico que um oftalmologista fez aos meus olhos. Ele disse-me: “Tens os olhos secos. Não tens lágrimas suficientes, Marcella. Teus olhos precisam de lágrima artificial.” E na mesma hora eu pensei para comigo: “Logo eu, uma poetisa e uma pessoa tão sensível, que tenho tanta água na alma, tenho agora os espelhos dela secos?” E partindo dessa ideia de ter muito sentimento dentro e não conseguir chorar, de existir uma sequidão na alma que carece sempre de água, de choro falso, verdadeiro, de vários tipos de choros, da temática lágrima também e da ligação que ela tem com os nossos olhos e todos os nossos sentimentos numa única gota como se a lágrima representasse a gota d’água para encher o copo, eu decidi escrever essa obra que está vinculada à lágrima e à visão num sentido mais profundo, que na verdade é apenas uma metáfora que demonstra, através da poesia, os vários tipos de sentimentos que abrigamos no dentro de nós e nesse nosso lado humano que roça o nosso lado mais instintivo.

Você tem um outro livro (em prosa) a ser brevemente publicado, resultante de um concurso de escrita erótica que você mesma venceu. Pode falar também sobre

esse livro? E já tem previsão em relação à data de lançamento?

Marcella Reis - Esse livro é uma minissérie erótica dividida em dez capítulos, inspirada e baseada em dez músicas do compositor e cantor brasileiro Chico Buarque de Hollanda. A história gira em torno de um entomólogo (profissão herdada pelo pai) chamado Marco António que coleciona mulheres e borboletas. Ele apaixonou-se e tem relações com a sua madrastra quando completa doze anos, traindo o seu pai em sua própria casa. E tendo ele sofrido pedofilia, mais tarde ele apaixonou-se por uma de menor de nome Rosalina Mosqueta, acabando por casar-se com ela. O trauma sofrido pelo abuso na infância acaba por não permitir que ele toque em sua esposa, achando-se sujo e levando-o à loucura. “E há quem coleccione moedas, postais, selos, relógios, carros antigos. Eu coleciono borboletas e... Mulheres!” – Frase teaser da obra. Penso que será lançada este ano, pela Silkskin Editora, depois de apresentada a minha obra «Lágrima Artificial» pela Alma Lusa.

Além do lançamento do seu livro «Lágrima Artificial», você está coordenando o projeto «Salóis & Caipiras» da Sui Generis. Conte-nos um pouco sobre este projeto.

Marcella Reis - Há muito tempo que queria coordenar algo e então pensei em criar essa antologia para que de algum modo eu e os autores que nela participassem, pudéssemos fazer uma homenagem às pessoas simples e lutadoras da vida campestre do Brasil e

de Portugal em forma de Contos, Lendas, Causos e Poesias. Então, ao mostrar esse projecto ao colega Isidro Sousa, ele de pronto convidou-me para coordená-lo por achá-lo muito interessante e me deu um grande voto de confiança. Nessa antologia tive o prazer de ler textos que me fizeram chorar de emoção e que me levaram a viajar no ar puro do campo e na minha simples e feliz infância que levei no Brasil. Quero agradecer publicamente ao Isidro Sousa pela oportunidade e confiança no meu potencial e por contribuir com a difusão da lusofonia.

Em sua carreira literária já participou de vários eventos. Qual foi o momento/evento que mais a marcou? Por quê?

Marcella Reis - Houve muitos momentos emocionantes até agora no meu caminho literário que não caberia em enumerações, como de livros que apresentei de amigos, de tertúlias poéticas regadas de caridade, paixão, conversas, premiações, etc... Mas o lançamento de um livro próprio é muito marcante e emocionante e me arranca lágrimas sempre. É a apresentação pública de um filho do qual demos à luz com muito carinho. O meu primeiro livro, por exemplo, foi apresentado pela minha falecida amiga e mestra (de muitos) Helena Azevedo. Foi esta força da Natureza quem apresentou às pessoas o meu “primogénito” e isso comove-me até hoje. Marcou-me esta noite de 14 de Março de 2012 no Bartô do Chapitô, regada de grandes performances de amigos que estavam ali comigo para me saudar.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a escritora Marcella Reis. Agradecemos a sua participação na Divulga Escritor – Revista Literária da Lusofonia. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Marcella Reis - Aos leitores, peço que continuem a ler sempre e a acreditar nos autores desse mundo. E aos autores que sonham em publicar e seguir no mundo da escrita um dia, peço para que não se enganem ao pensar que a escrita é apenas inspiração. Escrever também requer transpiração! Há muito que trabalhar na escrita e a melhor maneira de trabalhar a sua escrita é ler muito, vários tipos de coisas, de autores, e ler-se muito também! Pesquisar, observar o mundo dentro de si e à sua volta e estar sempre actualizado. Eu, como leitora, escritora e poetisa, sinto que posso me ajudar e me melhorar a cada dia mais. Lendo e escrevendo eu me conheço mais e me reconheço também. Me melhorando posso contribuir para ajudar a melhorar o mundo, mesmo que essa contribuição possa inicialmente ou a olhos nus parecer pequena.



Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Participação especial

Apresentamos o Livro: Destino (livro1 trilogia portais)

Autora: Wilma A. Silva



O livro é narrado por Susana, uma garota tímida que recentemente passou pela tristeza de perder o pai em uma tragédia. Depois do ocorrido, a mãe de Susana decide mudar de cidade e isso deixa a garota inquieta e desconfortável.

“O passado é parte da nossa vida, seja bom ou ruim, e fica marcado. Não há como mudá-lo, apenas como se acostumar com ele.”

Logo nos primeiros dias Susana conhece sua vizinha, Nica, e em seguida faz amizade com ela e entra para sua “turma”. Que é quando conhecemos Erick, namorado de Nica, e Caio, melhor amigo dos dois.

De forma um pouco apressada e mesmo contra vontade, Susi começa a demonstrar sentimentos



por Caio, o que é fácil de compreender já que o garoto é um sedutor, daqueles bem diretos mesmo, e Nica vive o empurrando para cima Susi.

“O conheci há pouco tempo e acho que tenho direito de sentir ciúme? Como assim? Que palhaçada é essa, Coração? É bom você se aquietar!”

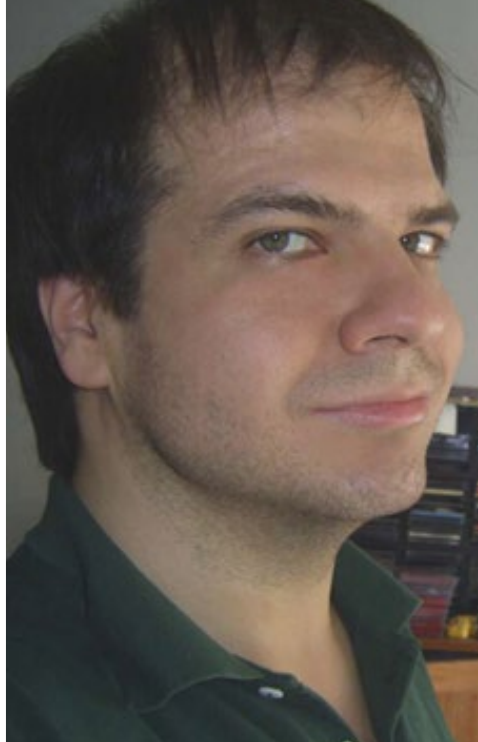
E justamente através desse envolvimento que Caio a presenteia com um anel. Nesse mesmo dia, Susana passa a ter sonhos es-

tranhos, e realistas demais. Após o primeiro sonho, Susi começa a viver em dois mundos, o real e um mundo de sonhos, e a cada dia que passa ela se surpreende mais com grandes revelações. Cheio de mistérios e reviravoltas, amizades verdadeiras vão se formar, mas terão que sobreviver a mentiras e traições. Nesse livro os sonhos não são tão perfeitos...

“Sim, isso é um sonho, mas tudo aqui é real!”

O livro é narrado de forma delicada, a personagem é uma adolescente com espírito de menina e isso transparece bastante na narrativa, foi um dos pontos positivos, acho a Susana aquele tipo de garota queridinha, inocente, mas aventureira e forte (ela me lembra um pouco a Lucia de “Nárnia” em sua fase adolescente).

Sou suspeita para falar do livro, já que meu nome aparece ainda nas primeiras páginas (que honra a minha!), mas realmente gostei muito da escrita da Wilma, por isso incentivei a publicação do livro. Eu li em pdf, antes de finalizado, então ainda não consigo falar sobre a diagramação e a revisão do livro (estou louca para tê-lo em mãos.). Eu acho a capa muito bonita, gostei dela no momento que a Wilma me mostrou, ela é simples e limpa, exatamente como eu gosto.



ESCRITOR RICARDO DE LOHEM

Ricardo de Lohem Dania Pedroza nasceu em São Paulo, capital, em 18 de fevereiro de 1971. É biólogo, formado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, e escritor, dedicado sobretudo à ficção especulativa. Desde cedo Ricardo teve grande interesse em Ciência, principalmente a Biologia, e em Arte, a Literária mais que todas. Em 2014, lançou seu primeiro romance: «Kaunan, o Homem Lagarto», uma história que escapa das convenções do gênero pela ausência de um maniqueísmo exacerbado típico desse tipo de narrativa, além de um final muito diferente do habitual. Atualmente, entre muitos outros projetos, Ricardo se dedica a escrever contos, que ele chama de «Universos em Gotas».

Boa leitura!



Em português quase não há material sobre lendas vikings, e resolvi traduzir algumas dessas histórias, várias delas desconhecidas aqui, para que o leitor brasileiro tivesse acesso a esse assunto tão envolvente.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritor Ricardo de Lohem, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que mais o encanta na escrita literária.

Ricardo de Lohem - A literatura é uma das maiores atividades criativas de que um ser humano é capaz. Acho que escrever, compor música, programar computadores, desenhar, esculpir e pintar são as mais criativas atividades humanas que existem. Vejam que as três primeiras são executadas através da escrita. Quando escrevemos, nos tornamos como pequenos deuses criadores de mundos; é esse poder fantástico que me fascina.

Em que momento surgiu inspiração para o seu romance «Kaunan, O Homem Lagarto»?

Ricardo de Lohem - Essa é uma história interessante. Eu estava atrás de um enredo capaz de prender minha atenção e esforço tempo o suficiente para que eu pudesse escrever um romance longo, em vez dos contos e noveletas habituais. Depois de tentar várias coisas, finalmente uma noite sonhei com a história. Foi um esboço, mas foi o suficiente para começar. Gostaria de dizer que isso foi raro, e os escritores não devem contar com sonhos para terem suas ideias; o mundo é cheio de acontecimentos que podem servir de fonte para histórias fascinantes, basta estar com ouvidos e olhos abertos.

Quais os principais desafios para a escrita desta obra?

Ricardo de Lohem - Primeiro, eu diria não se dispersar, não perder muito tempo; essas coisas podem levar à perda de interesse e energia, podendo levar ao fracasso em concluir a obra. Eu impus uma regra: escrever no mínimo mil palavras por dia. Seguindo essa norma, consegui chegar ao final sem muitos problemas. Outra coisa muito importante foi saber o final da história desde o início; o final já pronto é como um farol que guia a escrita até o fim. Esses dois conselhos acho que são mesmo os mais importantes para se concluir uma obra: estabelecer uma meta a ser cumprida diariamente e saber o final antes de tudo.

Como leitor, o que destaca em «Kaunan, O Homem Lagarto»?

Ricardo de Lohem - «Kaunan, O

Homem Lagarto» é um romance de herói, um tipo de história cuja tradição recua até o primeiro livro da humanidade, a Epopeia de Gilgamesh, chegando até às HQs atuais e suas adaptações cinematográficas. Neste livro, o leitor vai encontrar as características típicas de uma Jornada do Herói clássica, sem deixar de lado inovações narrativas que podem ser gratas surpresas para o leitor já cansado com a mesmice de sempre. Leiam, que vocês vão gostar!

Fale-nos sobre o seu livro «Lendas dos Deuses das Runas»...

Ricardo de Lohem - A ideia para esse livro surgiu quando percebi que quase não existe em português material sobre as lendas e mitologia escandinavas. Resolvi então adaptar para o português diversas lendas vikings e lançá-las em um livro que acho ser de interesse tanto dos que apreciam a cultura nórdica quanto dos que gostam de ler lendas e contos.

Temos várias lendas, em diferentes países; por quê optou escrever sobre as lendas escandinavas?

Ricardo de Lohem - Sou descendente de dinamarqueses, e nossa família é muito ligada à cultura nórdica. Em português quase não



há material sobre lendas vikings, e resolvi traduzir algumas dessas histórias, várias delas desconhecidas aqui, para que o leitor brasileiro tivesse acesso a esse assunto tão envolvente.

O que são as runas?

Ricardo de Lohem - As runas são uma série de letras usadas nos alfabetos rúnicos – uma série de alfabetos intimamente relacionados e utilizados na escrita pelos povos nórdicos. Os símbolos rúnicos são caracteres, ou seja, letras, e formam o que hoje conhecemos como alfabeto rúnico, chamado de “Futhark” – o qual, em sua ver-

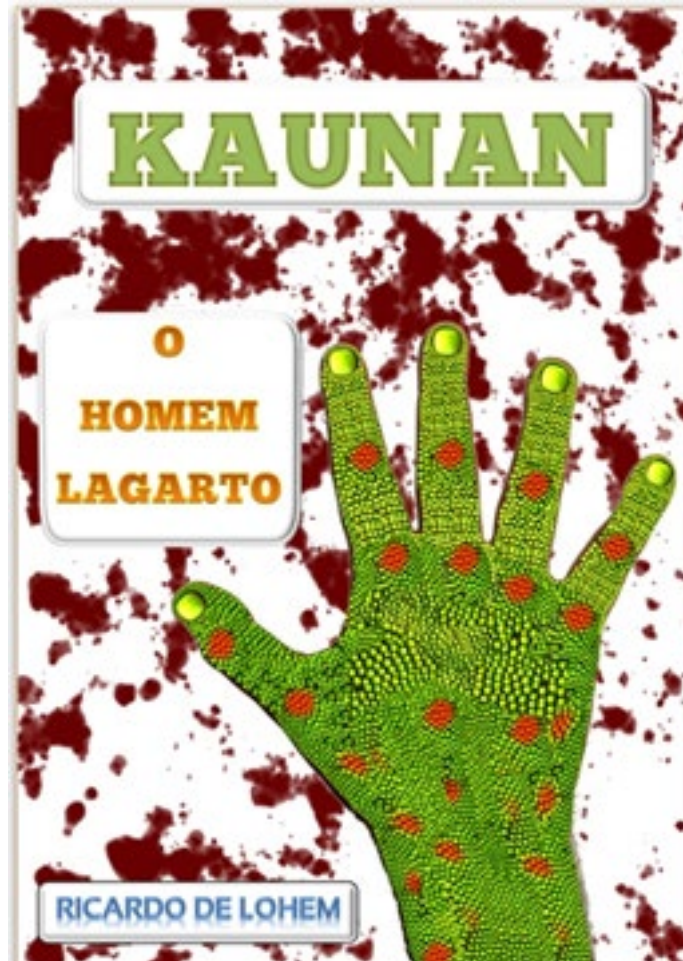
são mais antiga, possui 24 caracteres. A palavra “Futhark” é formada pelas seis primeiras runas: F, U, TH, A, R, K – “F” para Fehu, “U” para Uruz, “TH” para Thurisaz, “A” para Ansuz, “R” para Raido e “K” para Kenaz, um processo semelhante ao que originou a palavra “Alfabeto”, formada a partir das letras gregas Alfa e Beta. A Runologia é um ramo da linguística germânica.

Recentemente, lançou dois livros sobre as runas, co-escritos com a escritora Maria Alice. Pode comentar um pouco sobre eles?

Ricardo de Lohem - Os livros aos quais você se refere são «Runas, O Caminho de Odin» e «Runas, O Voo dos Corvos». Eles foram elaborados por mim e por minha irmã, Maria Alice Dania Pedrosa, e juntamente com meu livro, «Lendas dos Deuses das Runas», fazem parte do conteúdo programático do Curso de Runas, do qual eu e ela somos professores. São livros que tratam extensa e profundamente sobre esse tema. O curso foi muito elogiado como o melhor curso de Runas do Brasil, quem estiver interessado pode entrar em contato conosco e solicitar mais informações. «O Caminho de Odin» descreve as Três Grandes Famílias das Runas e ensina o leitor a fazer suas próprias runas. «Runas, O Voo dos Corvos» conduz o leitor aos ambientes onde viviam os primitivos leitores de runas, dá o significado da cada runa.

Onde podemos comprar os seus livros?

Ricardo de Lohem - Adquirar meus livros no Agbook: <https://>



agbook.com.br/ Todos os meses a revista virtual “Conexão Literatura” publica um conto meu. Leiam, é de graça: http://www.fabricadeebbooks.com.br/conexao_literatura.html

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor o escritor Ricardo de Lohem. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para os nossos leitores?

Ricardo de Lohem - Uma das coisas mais importantes na vida é criar. Se você tiver tempo o bas-

tante para fazer algo não relacionado com a sobrevivência, use esse tempo para criar alguma coisa: escreva, desene, pinte, esculpa, componha; há muitas maneiras de se criar. Faça alguma coisa que você possa olhar e dizer: “Eu fiz isso!”. Esse é um dos maiores prazeres que existem: o puro prazer de criar. Isso é o que eu tenho a dizer por enquanto, obrigado.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura. <https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/> www.divulgaescritor.com

Portal Literário – Um Mundo Literário ao seu alcance
Entrevistas, textos, livros, Academias, Blogs, Editoras...
www.portalliterario.com

Divulga Escritor - Divulgando Escritores
www.divulgaescritor.com

Eu gosto de Livros – Divulgando livros
www.eugostodelivros.com

SMC Comunicação Humana
Assessoria de Imprensa – Marketing Literário
www.smccomunicacaohumana.com.br

Revista Acadêmica Online
Divulgando textos técnicos e acadêmicos
www.revistaacademicaonline.com

Contato Geral:
smccomunicacao@hotmail.com



O Descobrimento

Portugal descobriu as terras brasileiras, lá pelos idos de 1500, através da viagem de Pedro Álvares Cabral. Um fidalgo, descendente de família nobre, famosa nas lutas contra os mouros e castelhanos, estudou em Lisboa, onde aprendeu literatura, história, cosmografia e artes militares.

No primeiro contato com os indígenas, habitante e dono das terras brasileiras, houve um estranhamento dos dois lados, um verdadeiro “choque cultural”. Por isso, acho que a melhor forma de descrever os portugueses no país seria com “a chegada dos portugueses ao Brasil” e não o descobrimento... Porque nosso solo já era habitado por uma grande nação indígena, dividida em vários povos.

Muita coisa aconteceu e ficou gravada na história, em documentos, mapas, livros e anotações de historiadores dos dois países. Diante de deter-

minados fatos, podemos observar controvérsias e nem todos concordam com as versões brasileira e portuguesa do descobrimento e colonização de nosso Brasil.

Eu tenho conclusões próprias sobre a história, sobre os dois países, com relação à “Chegada dos Portugueses ao Brasil” e nossa origem portuguesa. Não quero tratar do assunto, mas do “meu” Descobrimento de Portugal. Das belas terras portuguesas, da natureza exuberante e do conhecimento do passado em cada rocha ou grão de areia de suas construções medievais.

Um país pequeno, em se tratando do espaço territorial e ao mesmo tempo, imenso em história e tradição, na preservação das terras e da cultura. País de lindas terras banhadas pelo Oceano Atlântico. Com praias de areias brancas marge-

Participação especial

de Portugal

ando rochedos e encostas onde a natureza permanece intacta...

Aldeias com casas de pedras ainda habitadas e outras tantas disponíveis para venda. Em terras portuguesas, podemos comprar um castelo medieval ou um palácio que serviu de residência para nobres membros da realeza.

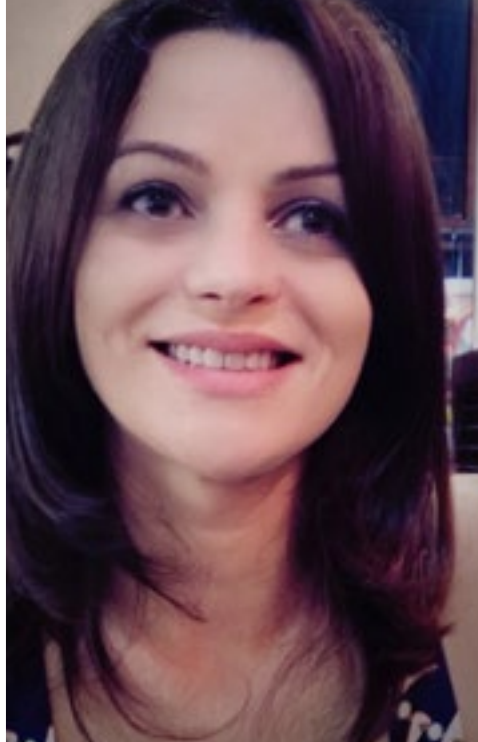
Podemos comprar livros em toda parte. Livros que contam a história do povo português, dos navegadores e exploradores que no século XV, juntamente com a Espanha eram os dois países mais poderosos do mundo e as explorações marítimas os atraía em busca de novas terras para explorar...

Livros como na pequena localidade de Óbidos, que segundo consta, tem mais livrarias do que residências. Tem um hotel decorado inteiramente com livros... Podemos encontrar livros

na padaria e no mercado de frutas... tornando-se, assim, uma vila com um ambiente aconchegante e familiar, totalmente peculiar em prédios de antigas e novas construções, onde o medieval e o moderno convivem em total parceria.

Estava pensando num artigo, de uma amiga poetisa, num jornal da região de Coimbra, que falava da sua visita à histórica Universidade. Ela se mudou para lá, encontrou a felicidade em solo português. E não poderia ser diferente.

Portugal de belas terras, arquitetura magnífica, natureza exuberante, rios, lagos e córregos de águas cristalinas, tanta história, poesia medieval e moderna, poderia ficar aqui discorrendo por dias e dias sobre a poética portuguesa, que não está nas letras, mas em todo o seu contexto. A terra portuguesa é pura poesia. E aí já é outro assunto...



ESCRITORA SANDRA BOVETO

Sandra Boveto (1969) reside em Maringá, no norte do Paraná. É casada e mãe de um menino de oito anos. Graduada em Letras e Direito, pela Universidade Estadual de Maringá, exerce o cargo de auditor-fiscal da Receita Federal desde 2006. Sem abandonar sua atividade principal, permitiu que a escrita tomasse um espaço expressivo e indeclinável em sua vida a partir de 2015, quando concluiu o original de seu primeiro livro solo: «O Mundo Exclamante», uma obra infantojuvenil, cujo personagem principal é inspirado em seu filho. Até então, escrever era uma paixão descompromissada, um modo de organizar sentimentos e reflexões. A escritora possui também vários contos publicados em antologias no Brasil e em Portugal.

Boa leitura!



Acredito que a linguagem a ser utilizada seja o principal desafio. Criar uma história capaz de cativar uma criança depende muito do lado criança que ainda mora dentro de nós, das nossas lembranças e experiências.”

Por Shirley M. Cavalcante (SMC)

Escritora Sandra Boveto, é um prazer contarmos com a sua participação na Revista Divulga Escritor. Conte-nos o que mais a encanta na literatura infantil.

Sandra Boveto - O prazer é meu, por receber uma oportunidade tão especial quanto essa.

Bem, a literatura infantil talvez

seja a forma mais saudável, criativa e instigadora com que uma criança toma conhecimento do mundo. É pela prática da leitura que a criança melhor desenvolve a linguagem, aprimora a escrita e solidifica o processo de alfabetização. Não digo isso com conhecimento técnico, pois, apesar da minha formação em Letras, nun-

ca estive inserida na área pedagógica. Mas tenho a experiência de mãe e as sensações que a memória me traz, em relação à minha própria infância. O mundo da literatura é encantador em todas as idades, mas é especial quando você pensa na infância, ou mesmo na adolescência, períodos em que os alicerces do conhecimento, da cultura e da própria vida são edificados. A literatura abre horizontes, estimula novas sinapses e revela, além do nosso próprio universo, infinitas possibilidades de mundos “exclamantes”.

Em que momento pensou em escrever o seu livro «O Mundo Exclamante»?

Sandra Boveto - Meu filho, Felipe, inspirou-me não apenas quanto ao personagem principal, mas também a escrever o próprio livro. Aos seis anos de idade, ele me perguntou: “Mamãe, se você pudesse ter outra profissão, qual você gostaria de ter?”. Respondi a ele que gostaria de ser escritora. Diante da minha resposta, ele me pediu que, então, escrevesse um livro para ele. No mesmo dia, comecei a esboçar «O Mundo Exclamante». Eu costumava anotar fatos a respeito do Felipe desde que ele era um bebê. Então, pensei em transferir um pouco do meu encantamento pelo meu filho para o personagem principal do livro. Isso aconteceu



no final de 2014. Eu quase concluí o livro em poucos dias, mas, devido a uma mudança de cidade e a outros detalhes pessoais, finalizei o original apenas em meados de 2015, sendo possível a sua publicação somente agora, em 2016.

Conte-nos um pouco sobre o livro.

Sandra Boveto - «O Mundo Exclamante» conta a história de Felipe, um garotinho muito especial, que se surpreende ao acordar em um mundo diferente de tudo o que ele já conhecia. Nesse novo universo, de cores, formas e sensações novas, Felipe encontra companheiros peculiares que o ajudam a desvendar esse novo mundo. A aventura desse garotinho o conduz a um aprendizado profundo e determinante para a maneira como ele enxergará o seu próprio mundo e cada ser vivo do

planeta. O que se pretende com essa história, além de envolver os pequenos num curioso universo, é transmitir algumas reflexões tais como: o benefício de se observar e respeitar as diferenças entre as pessoas, diferenças essas desvinculadas da imagem do corpo; que cada ser humano, com suas características boas ou ruins, é, ao mesmo tempo, aprendiz e fonte de aprendizado; demonstrar que, dentro de nós mesmos, podemos encontrar respostas sobre como lidar com o nosso mundo; e que todos somos partes

de um todo, de uma vida que vai além de nós mesmos, e que temos a missão de tornar esse todo melhor.

Quais os principais desafios ao escrever para o público infantil?

Sandra Boveto - Acredito que a linguagem a ser utilizada seja o principal desafio. Criar uma história capaz de cativar uma criança depende muito do lado criança que ainda mora dentro de nós, das nossas lembranças e experiências. Quem tem o prazer de ter pequenos por perto (filhos, sobrinhos, alunos, por exemplo), também tem uma boa fonte de criatividade.

Mas, como escrever de forma a sensibilizar os pequenos e a transmitir a mensagem pretendida?

Sandra Boveto - Nossa maturidade nos afasta da linguagem infan-

til, do raciocínio infantil; dificulta que nos coloquemos do lado desse leitor especial, de forma a perceber como nossa história será realmente compreendida. Há a necessidade de passar a mensagem de forma clara e atraente a todo leitor, mas quando se trata de uma criança, esse cuidado deve ainda ser maior. Porém, acredito que não podemos subestimar uma criança, não podemos usar uma linguagem que não a estimule a querer desenvolver sua própria linguagem, a aprender novas palavras, a buscar novos conhecimentos. Então, o grande desafio é justamente esse equilíbrio entre ser claro e interessante o suficiente, sem menosprezar a capacidade do pequeno leitor.

Como foi a escolha do nome dos principais personagens que fazem parte do enredo que compõe a obra?

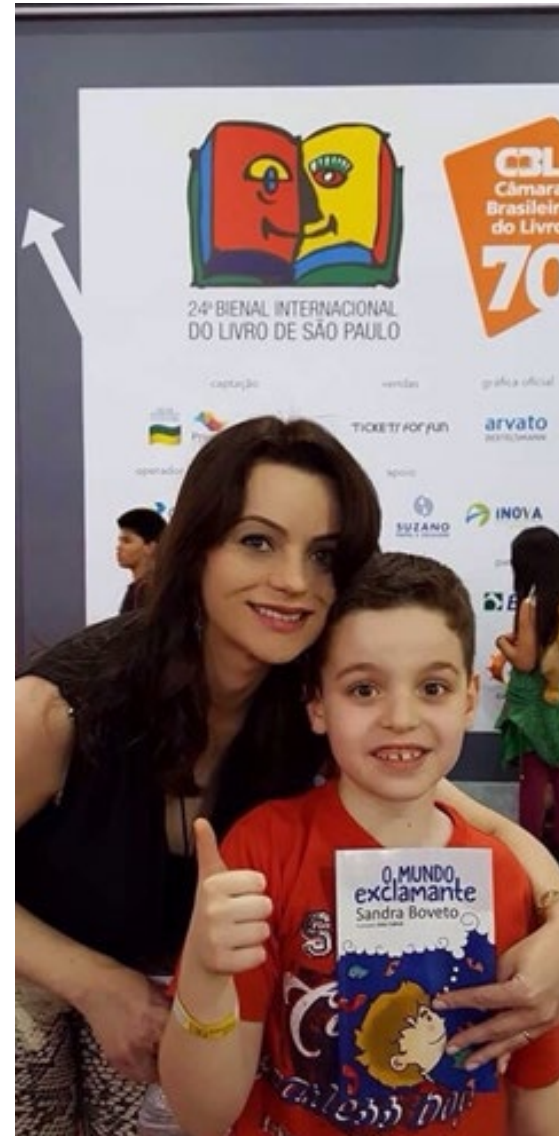
Sandra Boveto - O nome singular do personagem principal, Felipower, originou-se de um jogo – uma brincadeira que criamos em casa – na forma de um quadro de incentivos para o Felipe. Houve o Felipower 1.0, o Felipower 2.0 e, assim, sucessivamente. O uso da expressão “power” deve-se a uma gíria que Felipe, por volta dos quatro anos, ouvia de um amigo mais velho, e que lhe chamava muito a atenção: “Isso é power!” – dizia o amigo. Felipe apelidou o amigo de “tio Power”. Devido ao notório significado dessa palavra, pareceu adequado e sonoro juntá-la ao nome Felipe para incentivá-lo ainda mais na nossa brincadeira. E, como consequência, surgiu o

nome do personagem principal deste livro.

Os nomes dos demais personagens seguem essa ideia de unir um significado ao radical “Felip”. Há vários Felip(s) ao longo da história: Feliperdido, Feliperto, Feliporquê, Felipensante... E há também a Maria, cujo nome foi inspirado também nas ideias do Felipe. Ele costumava dizer, entre os 4 e 5 anos, que o nome da esposa dele no futuro seria Maria.

O que a escrita significa para você?

Sandra Boveto - A escrita tem sido uma das experiências mais gratificantes da minha vida. O ato de escrever, em si, já é um prazer indescritível, independentemente do destino que um escrito meu terá. É uma forma de me traduzir em palavras, traduzir a forma como eu vejo o mundo, e também criar novos mundos, dando-lhes a forma que eu desejar. Eu sinto paz enquanto escrevo. Os pensamentos, as ideias, os sentimentos parecem fazer mais sentido quando tomam a forma de palavras escritas. A escrita é, para mim, o mais claro exemplo da felicidade que está na viagem e não no destino. Fazendo uma inusitada analogia com o Direito Penal, a escrita seria equivalente a um crime formal, cuja tipicidade independe do resultado material do crime (rsss). Eu sinto uma profunda satisfação ao me entregar ao ato de escrever, com uma alegria que independe do resultado ou da avaliação do produto da minha escrita. Então, nem preciso dizer a felicidade que sinto quando há, de fato, um resultado. É um sentimento extraordinário



ver um texto meu publicado ou receber elogios ou comentários sobre algo que escrevi.

Onde podemos comprar o seu livro?

Sandra Boveto - Abaixo, relaciono os links diretos para compra do livro: <http://www.asabeca.com.br/detalhes.php?prod=7843&friurl=-O-MUNDO-EXCLAMANTE>



TE - - Sandra - Boveto -
 -_&kb=1349#.V82ysvkfkg
<http://www.martinsfontes-paulista.com.br/mundo-exclamante-o-527294.aspx/p>
<http://www.ciadoslivros.com.br/mundo-exclamante-o-736971-p612300>

Ainda tenho alguns exemplares para venda direta comigo também. Aos que tiverem interesse, poderão entrar em contato por mensagem particular, por meio da minha página no facebook.

Quais os principais hobbies da escritora Sandra Boveto?

Sandra Boveto - Há inúmeros passatempos que me agradam demais. Mas, como a vida tem essa mania de se dividir em partes de apenas 24 horas, tenho que escolher um aqui, outro ali. Entre os meus hobbies prediletos, além da leitura, obviamente, estão a dança do ventre, filmes, séries de televisão e montar objetos com lego, na companhia do meu filho e do meu marido.

Quais os seus principais objetivos como escritora?

Sandra Boveto - Meu objetivo maior é aprimorar e amadurecer cada vez mais a minha escrita e, assim, ser capaz de transformar um texto meu em uma companhia especial e desejada pelo leitor.

No caminho desse aprimoramento, pretendo continuar com a participação em antologias e concursos literários, pois, além de me manterem em constante e ativo contato com esse universo, permitem que eu exercite a escrita nos

mais variados estilos e temas. E acrescento que, por meio das antologias, posso ir além da escrita e da publicação, criando laços de amizade SUI GENERIS, expressão escolhida a dedo aqui, como reconhecimento e homenagem ao meu querido amigo Isidro Sousa (COLEÇÃO SUI GENERIS), um escritor e antologista de admirável talento e competência. Como escritora pretendo, ainda, na medida do que me for possível, investir em um livro solo (mais de um, se possível), direcionado também ao público juvenil/adulto, para o qual já tenho alguns esboços. Porém, para essa meta precisarei de paciência, considerando o fato de ainda não poder dedicar minha vida profissional exclusivamente à escrita.

Pois bem, estamos chegando ao fim da entrevista. Muito bom conhecer melhor a autora Sandra Boveto. Agradecemos a sua participação na Revista Divulga Escritor. Que mensagem você deixa para nossos leitores?

Sandra Boveto - Em primeiro lugar, quero recomendar que experimentem essa curiosa viagem ao Mundo Exclamante, na companhia do adorável Felipower e que, depois, dediquem um minutinho para registrar suas impressões sobre essa aventura na minha página do Facebook. É muito importante para qualquer autor, especialmente os que ainda não definiram seu espaço no meio literário, receber um feedback sobre seu trabalho.

Na minha página, há outros escritos e registros que revelam um pouco mais do meu trabalho. Alguns contos também já estão dis-

poníveis na plataforma Wattpad. Aos leitores em geral, devo ainda dizer que a sua missão é manter acesa a chama literária. Leiam muito e fomentem essa prática nas crianças de seu círculo. A leitura é um estímulo essencial à escrita, sob qualquer ângulo – seja do leitor, cujo interesse e capacidade de crítica incentivam e aprimoram os escritores; seja do ângulo do próprio escritor, que encontra nos livros um valioso instrumento para enriquecer a sua escrita. Por fim, agradeço à Revista Divulga Escritor por oferecer esse valioso espaço de incentivo e divulgação.

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Escritor Frederico Rochaferreira

Participação especial



Filósofo diz que a literatura brasileira inibe o desenvolvimento cultural

Segundo o filósofo Frederico Rochaferreira, o brasileiro lê pouco e quando lê, lê muito mal, poucos são os que passam da prosa literária, onde está inserido o conto, a novela e a poesia, porque este é o gênero que predomina no país e uma sociedade que vive lendo, vendo e ouvindo contos da carochinha, estará seguramente, sempre muito distante dos países socialmente desenvolvidos, por isso, afirma que; “__a literatura brasileira não desenvolve a capacidade intelectual de seus leitores, pelo contrário, tolhe o raciocínio, na medida em que não incentiva a produção de ideias, mas sim a assimilação de ideias”.

Na visão do autor de “A Razão Filósofica”, esse não é um mal atual, é um hábito fortemente estabelecido no Brasil e que remonta às escolas jesuítas, do período colonial, escolas estas, cuja missão foi estabelecer o projeto educacional da colônia e por ser de cunho estritamente religioso, a metodo-

logia empregada não era outra, senão a de assimilação de ideias, assim como ocorre entre o padre ou o pastor e os seus fiéis, o que significa, uma pá de cal na busca pelo conhecimento e consequentemente, pelo desenvolvimento social.

Para Frederico Rochaferreira, o fato, é que o tempo passou e a sociedade brasileira nunca se libertou das algemas religiosas e da letargia intelectual. As escolas sempre seguiram o antigo protocolo, independente da metodologia de ensino, por isso, os educadores, que buscam compreender o fracasso do sistema educacional nos dias de hoje considerando somente elementos da contemporaneidade, estarão fadados ao fracasso, porque a falência do sistema de ensino no Brasil, não está no método, está no homem, nos professores que um dia, foram alunos, cujos professores lhes ensinaram exatamente o que hoje eles ensinam aos seus alunos: Assimilar ideias.

“__É Isso que as escolas brasileiras sempre fizeram; ensinar e incentivar os estudantes a assimilarem ideias, a memorizarem conteúdos para passar nas provas e não ensiná-los de fato a entender as questões, ensinar a pensar, a compreender conteúdos. Essa é uma tragédia cultural que percorre todos os ciclos do ensino, desde a educação infantil até as Universidades e que se retroalimenta na adaptabilidade social.”

Assim, entende o filósofo, que, quando falamos de literatura, do conteúdo intelectual e de conhecimento que permeia essa arte, não podemos nos permitir distanciar o exame entre contexto literário e contexto educacional, que é o formador de autores e leitores e admitir que, há uma perfeita harmonia entre ambos, uma lamentável harmonia de regurgitar de ideias alheias e de estase cultural.

Frederico Rochaferreira é escritor e membro da Oxford Philosophical Society.



EDITOR PAULO LOBO



No entanto, embora o livro possa ter uma capa muito apelativa, a divulgação e apresentação é um factor essencial.”

O desafio profissional de Paulo Lobo consistiu na possibilidade de criar uma empresa start-up com elevado crescimento e sustentabilidade. Com grande experiência e formação diversificada na área do design gráfico, tendo vários trabalhos elaborados, e também nas áreas da informática, Internet, qualidade e teletrabalho, é o responsável pela operacionalização da editora Euedito, na vertente comercial, gestão do website, arranjo das capas e formatação dos livros enviados pelos autores. É através desta editora que as obras Sui Generis são publicadas.

Boa leitura!

Por Isidro Sousa

Paulo Lobo, é uma honra entrevistá-lo para a Divulga Escritor. O que o levou a criar uma editora após ter tido formação e experiência profissional tão rica e diversificada noutras áreas totalmente diferentes da literária?

Paulo Lobo - O conceito print-on-demand (impressão a pedido) baseia-se na ideia simples de que é possível democratizar a produção livreira, aproveitando a tecnologia que já existe e que se desenvolveu exponencialmente na última década, para eliminar o

intermediário – o principal factor de encarecimento do livro – devolvendo o controlo de todo o processo de edição e publicação a quem interessa: ao autor. Um conceito amigo do ambiente, uma vez que não só reduz o desperdício de uma forma significativa, como é baseado em tecnologia de impressão digital que causa menos impacto no ambiente. Foi em torno desta ideia que nasceu, em 2009, a Euedito. Uma “editora” do autor, de self-publishing (auto-edição), onde o autor é o próprio editor. Com autonomia total sobre a obra.

Que barreiras ou obstáculos ultrapassou para conseguir implementar uma editora sólida no mercado e quais os principais desafios enquanto editor presente?

Paulo Lobo - Como em qualquer projecto, a dificuldade inicial foi a sua introdução/apresentação no mercado, mas rapidamente superada, ganhando credibilidade e fidelização junto de clientes e autores, aspecto fulcral no crescimento da Euedito. O sucesso deve-se também às parcerias que se foram estabelecendo ao longo dos anos, como por exemplo a Sui Generis, ilustradores e revisores, entre outras. Actualmente, o principal desafio prende-se com o aspecto financeiro. Embora a Euedito procure sempre a melhor solução para o autor, mesmo financeiramente, infelizmente ainda não existe uma linha de crédito para esta área... Existem sistemas de patrocínio com os quais os autores não se identificam mas, na minha opinião, podem ser uma opção viável.

A sua convivência com o meio literário, até constituir o projecto Euedito, era esporádica. Alguma razão especial o fez enveredar pela área literária? E porquê somente editar livros? Porque não escrever um livro e lançá-lo? A escrita não o fascina?

Paulo Lobo - Iniciei a minha carreira na área literária com um convite do meu antigo patrão para rentabilizar o parque de máquinas de impressão e acabamentos existente. Apalpando terreno, fomos crescendo e aprendendo. Confesso ser uma pessoa mais vocacionada

para a imagem, mas não descarto a possibilidade de escrever um livro. O que tem sido recentemente uma ideia constante...

Viagens pelo mundo visitando museus e galerias e experiências nas artes cénicas, como barman, na organização de espectáculos e, também, em design, fizeram-no adquirir novos horizontes que o levaram a experienciar outras técnicas e desafios. Até que ponto essas vivências influíram na criação da uma marca e estilo próprio de trabalho? E quais são essas especificidades?

Paulo Lobo - Essas experiências, gosto pelo design e mundo das artes, levaram-me a projectar e criar o logótipo, bem como o nome Euedito, o que foi um início para embarcar este projecto. Essa experiência ajuda-me bastante na compreensão do autor e resolução e desenvolvimento das várias etapas da sua obra. Rapidamente me identifico com o autor e apresento o que procura. Existe uma relação interpessoal muito forte com o autor, talvez pela passagem profissional como barman.

Qual é o conceito e a filosofia da editora Euedito? Existe uma linha editorial... preferências por algum género de literatura? Que tipo de livros lança no mercado?

Paulo Lobo - Bem, como sabe, passam diariamente muitos trabalhos pela Euedito e, de acordo com a nossa filosofia, não discriminamos as obras apresentadas. Damos sempre a possibilidade ao autor de fazer nascer o livro. A poesia é um dos principais géneros literários editados. Contudo, outros temas



muito interessantes publicados na Euedito se têm revelado surpreendentes nas vendas, por força do dinamismo dos autores. As antologias Sui Generis, por exemplo, organizadas pelo Isidro, vão muito além da poesia...

O Print On Demand veio romper com a tradicional impressão Off Set, trazendo vantagens outrora inexistentes que permitem, aos autores, publicar livros de um modo menos dificultado, por vezes até de uma forma autónoma. O que deve um autor fazer quando recorre a este sistema? Que cuidados a ter antes de apresentar uma obra para impressão?



tores em geral, antes de trazerem um novo livro à estampa? E após o lançamento, quais os procedimentos... que preocupações para comercializar o livro?

Paulo Lobo - Em parte é verdade. Houve um boom de auto-edições, ou a facilidade que até então não existia. Mas abriu a porta a muitos autores que guardavam o sonho numa gaveta. Deu-se um despertar na produção livreira e, embora não seja de todo verdade, qualquer pessoa passou a editar um livro. Esta pergunta recorda-me um episódio de um autor que mencionou precisamente esse aspecto. Ao que respondi que qualquer pessoa pode publicar um livro independentemente das suas capacidades “literárias” e usei como exemplo autores Euedito com deficiência motora, paralisia cerebral e até mesmo invisuais. A Euedito realizou o sonho a estes autores, que iriam encontrar dificuldades numa edição tradicional.

Paulo Lobo - Muitas vezes os autores chegam sem ideias, ou com ideias um pouco fracas, e como sabemos uma capa pode vender por si só. Apesar de o POD não se “preocupar” com o aspecto da obra (limita-se a imprimir os trabalhos submetidos), a Euedito tenta contrariar esse aspecto e encaminha, ajuda o autor a “configurar” a sua obra. No entanto, embora o livro possa ter uma capa muito apelativa, a divulgação e apresentação é um factor essencial. Um dos cuidados importantes a ter, antes de avançar com a edição POD, é saber a tiragem a editar. Fazer uma análise dos exemplares que realmente irá necessitar. Com o apoio da Eu-

edito, o autor tem a possibilidade de começar com poucos exemplares, testar o mercado e reimprimir as vezes que desejar. Muitas vezes os autores, infelizmente, não recorrem a ferramentas comuns, como blogues, para apresentar e divulgar as obras. Ficam na expectativa de vendas milagrosas...

Após a implementação do POD, assistiu-se a um lançamento desenfreado de livros, tanto pelos próprios autores como por pequenas editoras. Dir-se-ia que agora qualquer pessoa lança um livro, desde que haja suporte financeiro. Que cuidados devem ter, autores em particular e edi-

Na sua perspectiva, porque não encontramos mais obras nas grandes livrarias, salvo as dos autores consagrados? Que razões aponta para essa ausência? Haverá algum modo de contorná-la? Como?

Paulo Lobo - Na minha opinião, a principal razão é simplesmente financeira. O autor não consegue, ou não tem meios próprios, para abraçar uma grande edição. Um outro factor poderá ser o anonimato, mas julgo que não será por aí... Com a Euedito, os autores rapidamente abriram uma janela para o seu projecto e com a facilidade de imprimir pequenas tiragens começaram a distribuir os

seus livros e a solicitar reedições com mais frequência.

Tem-se assistido igualmente, nos últimos anos, a um boom de editoras (pequenas empresas). Há as que realmente apresentam boas obras em circuitos alternativos e outras cujo objectivo visa somente o lucro fácil. A Euedito está firme e a sua credibilidade fá-la ser cada vez mais procurada. Em que é que se destaca das editoras congêneres?

Paulo Lobo - Julgo responder a esta pergunta com apenas uma palavra: honestidade! A Euedito prima pela sinceridade junto do cliente/autor. Não o conduz a gastos desnecessários e aconselha-o em todos os aspectos, desde gráficos a financeiros, na edição da obra. Um dos slogans da Euedito é precisamente “Estamos sempre ao seu lado!”.

Enquanto leitor, quais são as suas preferências literárias? Que outros livros lê, além daqueles que lhe passam pelas mãos no âmbito profissional?

Paulo Lobo - Como sabe, passam diariamente muitas obras pelas minhas mãos, permitindo enriquecer o meu “conhecimento”, e verifico – a nível pessoal – um gosto crescente pela ficção.

Para finalizar esta entrevista, o que gostaria de acrescentar que não tenha sido abordado? E como poderão potenciais autores comunicar com a Euedito?

Paulo Lobo - Gostaria de deixar o desafio para que os autores apresentem mais géneros infantis, e até mesmo banda desenhada. Quanto

aos contactos, é simples: podem contactar directamente por email para geral@euedito.com ou por telefone para o (+351) 937 096 641. E também através da nossa página (www.euedito.com).

CONTACTOS DO ENTREVISTADO

Telefone: (+351) 937096641

Email: geral@euedito.com

Website: www.euedito.com

Divulga Escritor: Unindo Você ao Mundo através da Literatura.
<https://www.facebook.com/DivulgaEscritor/>
www.divulgaescritor.com

Livros
EM
FOCO



Parcerias
de sucesso!

DIVULGA★★★★★
ESCRITOR

Eu gosto
de **Livros**



Quer uma ampla divulgação da resenha ou matéria do seu livro?!
Nos encaminhe um email para: divulga@divulgaescritor.com
E conheça a nossa proposta.



LIVROS EM FOCO |

com a Sui Generis, chancela EuEdito

AMARGO AMARGAR

AUTOR ISIDRO SOUSA

As protagonistas deste livro entregam o corpo e a alma ao amor. Porque amar não é pecar. Mas pode ter um sabor a fel... A aristocrata Manuela Valente adocece consumida pelo remorso, após atentar contra a vida da rival. A sofrida Beatriz torna a entregar-se ao amor quando conhece um homem bondoso, porém, misterioso. A camponesa Celina julga-se abandonada pelo namorado rico pouco antes de descobrir que alberga no ventre a semente desse amor. A estudante Helena Reis assume uma atitude surpreendente para restituir a saúde do seu amado. A recatada Matilde, viúva de dois homens que amara em simultâneo, desvenda a sua verdadeira natureza quando é vítima de um assalto. A solitária Eulália Belmonte torna a enviuar no momento em que surpreende o marido numa situação assaz comprometedoras com a sua própria mãe.

Eis a trajectória de seis mulheres... Mulheres que amam. Mulheres que sofrem. Mulheres que amargam amargamente o cálice do sofrimento.

Isidro Sousa nasceu em 1973, numa aldeia remota das Terras do Demo, e vive em Lisboa. Jornalista desde 1996, fundou, dirigiu e editou revistas, jornais e guias turísticos, colaborou com diversas editoras, participou em duas dezenas de obras colectivas, foi distinguido num concurso literário e organiza todos os projectos da Colecção Sui Generis, que criou em finais de 2015. «Amargo Amargar» é o seu primeiro livro.

Informações e Encomendas:

letras.suigeneris@gmail.com

www.euedito.com/livraria.html

<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>



LIVROS EM FOCO |

O PRANTO DO CISNE

Aventuras de Um Fotógrafo Desinibido

AUTOR ISIDRO SOUSA

O futebolista Tádzio Madjer confunde, num balneário penumbroso após um jogo de futebol, o fotógrafo Valero com o pai deste, um treinador de futebol (ainda) no esplendor da juventude. Cedendo à anónima e inusitada investida, Valero descobre o prazer que é a intimidade entre machos e a verdadeira natureza sexual do pai, o seu ídolo. Não tardará a firmar-se um escaldante triângulo amoroso ente eles, cujo desfecho trágico fará verter lágrimas amargas ao jovem fotógrafo. Com a morte do seu amado pai, assassinado pela “puta que o pariu” e o abandonou durante a infância, a alma de Valero enterra-se, em pranto, num luto prolongado. Até ao dia em que o excêntrico estilista Gonçalo Verdades o faz redespertar para a vida. Então, o belo cisne mergulha numa ânsia devoradora de sexo, somando aventuras atrás de aventuras, como que a recuperar o tempo perdido...

Incesto, sexo explícito e futebol... eis uma combinação explosiva capaz de abalar alicerces e estruturas de qualquer sociedade! O autor não recomenda este livro a almas sensíveis. E é proibidíssimo a menores de 18 anos de idade.

Isidro Sousa nasceu em 1973, numa aldeia remota das Terras do Demo, e vive em Lisboa. Jornalista desde 1996, fundou, dirigiu e editou revistas, jornais e guias turísticos, colaborou com diversas editoras, participou em duas dezenas de obras colectivas, foi distinguido num concurso literário e organiza todos os projectos da Coleção Sui Generis, que criou em finais de 2015. «O Pranto do Cisne» é o seu segundo livro.

Informações e Encomendas:

letras.suigeneris@gmail.com

www.euedito.com/livraria.html

<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>



LIVROS EM FOCO |

Um livro Sui Generis disponível na Amazon

DECIFRA-ME.. OU DEVORO-TE!**AUTORA GUADALUPE NAVARRO**

«Decifra-me... ou Devoro-te!» apresenta doze histórias de personagens bastante peculiares. Como, por exemplo, a bela Micaela, uma jovem um tanto maluca que, em primeira instância, pode mostrar-se confusa ou mesmo desequilibrada. Como o belo e bem-sucedido Afonso, cujo segredo, quando revelado, surpreende e choca, e a enigmática e esquiva Rosana, que revela não ser o que aparenta ser. E também Branca, a editora pouco ortodoxa que, depois de aplicar tantas falcaturas, recebe o golpe de misericórdia de quem menos espera. Ou António, cujo inusitado encontro com uma mulher misteriosa o fará embarcar numa viagem surreal. A obra apresenta ainda a tartaruga Totó que, recordando como foi parar ao jardim zoológico, revela as complexas relações de uma família.

Doze enredos absurdamente irrealis, doze narrativas escandalosamente verosímeis. Doze tramas pelas quais desfilam diversos tipos de personagens que vivenciam todas as matizes de sentimentos. São textos escritos com uma sofisticada simplicidade... histórias que divertem, emocionam, surpreendem. E, ao serem decifradas, deleitam mentes devorando corações.

Guadalupe Navarro nasceu em Lima, Peru. Durante a infância, mudou-se, com os pais e os irmãos, para Londres, Inglaterra. E, numa fase posterior, para o Rio de Janeiro, Brasil. Bacharel em Filosofia, editou o seu primeiro livro, «Poemas da Alma», em 2015. «Decifra-me... ou Devoro-te!» reúne todos os textos de sua autoria publicados em diversas antologias, em Portugal e no Brasil.

Informações e Encomendas:**letras.suigeneris@gmail.com****www.euedito.com/livraria.html****<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>**

LIVROS EM FOCO |

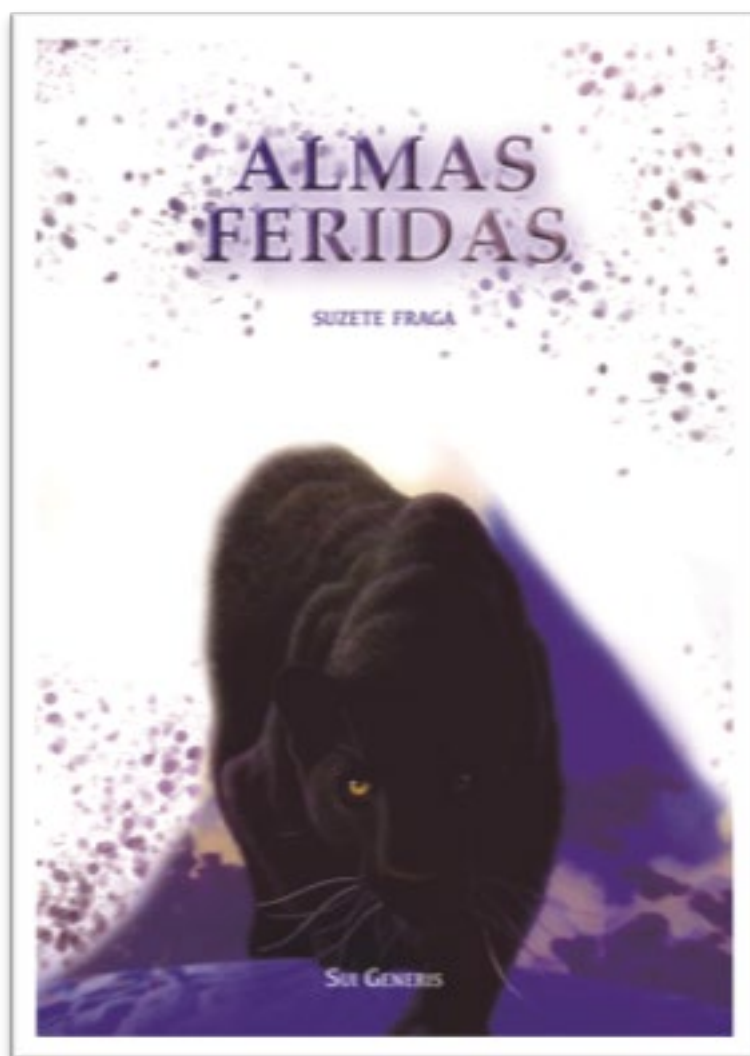
ALMAS FERIDAS

AUTORA SUZETE FRAGA

«Almas Feridas» é a soma dos mais diversos sentimentos que acabam, inevitavelmente, por nos ferir a alma; moldados pela imaginação, os contos apresentados neste livro caminham de mãos dadas com as nossas fragilidades enquanto seres humanos.

Esta obra mergulha a sangue-frio na sede de vingança e nas relações entre irmãos (bem ao estilo de Caim e Abel), passando pelo dilema da fidelidade no matrimónio. Permite-nos ainda viajar para cenários campestres, recuar no tempo até aos anos 80 do século passado, pregar partidas carnavalescas, espreitar vidas desfeitas pelo álcool e pela violência doméstica, desvendar traições, amores desmedidos, reencontros no Além e narcisismos que levam à loucura, encarar a vida com os olhos de quem não vê, herdar veredictos cruéis, testemunhar actos verdadeiramente altruístas, ler cartas de amor, desfolhar sonhos, sentir a emoção da despedida, conviver com sogras encantadoras, descobrir o dom da humildade ou conhecer videntes muito peculiares.

Suzete Fraga nasceu no ano de 1978 em Azurém, Guimarães, e reside em Póvoa de Lanhoso. Experimentou o árduo calejar da lavoura ainda na infância, aprendendo a usar, desde cedo, a escrita e os sonhos como um escape ou até mesmo como um meio de subsistência existencial. Tem textos espalhados em colectâneas e antologias de várias editoras e foi distinguida em três concursos literários. «Almas Feridas» é o seu primeiro livro.

Informações e Encomendas:**letras.suigeneris@gmail.com****www.euedito.com/livraria.html****<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>**

LIVROS EM FOCO |

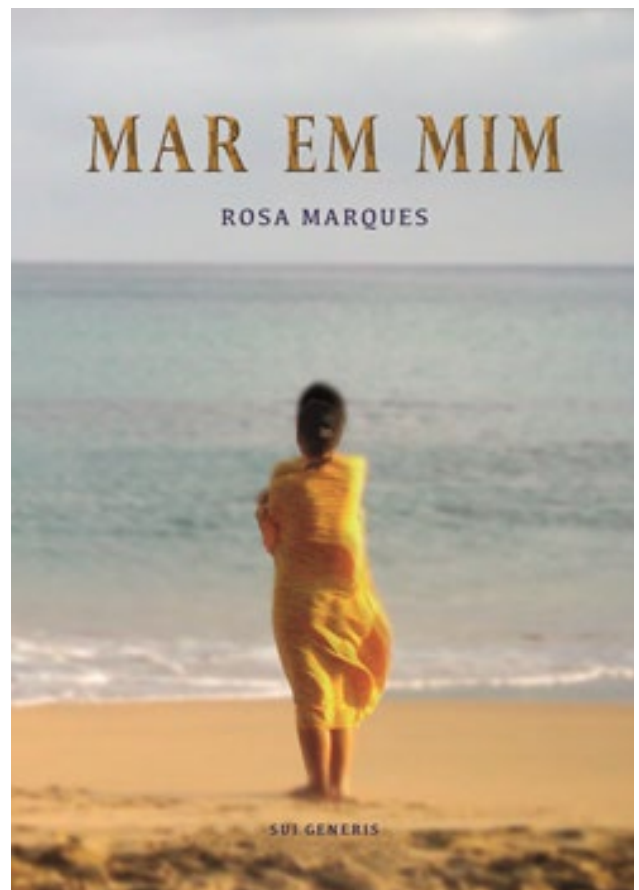
MAR EM MIM

AUTORA ROSA MARQUES

«Mar em Mim» resulta de um conjunto de emoções sentidas perante a beleza de duas ilhas, Madeira e Porto Santo, e o fascínio que o mar e a Natureza exercem na autora. Emoções apreendidas desde a mais tenra idade... quando as brincadeiras ao ar livre eram interrompidas para contemplar o pôr-do-sol, o deslumbramento das árvores recortadas no horizonte em ouro.

A diversidade das flores, os pinheiros altos, os plátanos, as acácias e as giestas em flor alegraram, igualmente, a sua infância. E o canto dos pássaros, a Lua formosa e alva, as mudanças operadas na paisagem em cada estação, e o mar sempre presente... O mar como elo fundamental para quem vive nas ilhas, sendo necessário transpô-lo para vencer as encostas íngremes da solidão. O mar amigo que fascina e atrai, mas também o mar adverso, condicionando e interpondo-se com toda a sua imponência, que é preciso respeitar.

Rosa Marques nasceu em 1959, na Madeira, onde viveu até aos dezoito anos de idade. Após o seu casamento mudou-se para Porto Santo, onde reside e trabalha. Da beleza das ilhas e da necessidade de registar recordações da infância, surgem os poemas reunidos neste volume. Tem participações literárias em diversas obras colectivas, em Portugal e no Brasil. «Mar em Mim» é o seu primeiro livro.

**Informações e Encomendas:**

letras.suigeneris@gmail.com

www.euedito.com/livraria.html

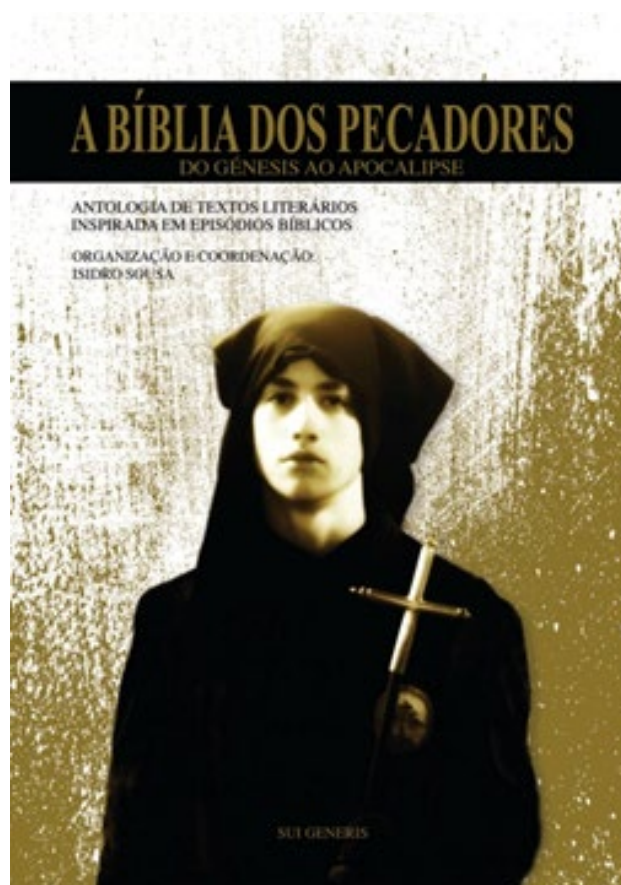
<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>

ANTOLOGIAS SUI GENERIS

A BÍBLIA DOS PECADORES
Do Génesis ao Apocalipse

Esta obra literária revela-se uma Bíblia de pecadores porque as narrativas que a compõem foram inspiradas em passagens ou episódios da Sagrada Escritura e a autoria dos textos é da responsabilidade de 44 humildes pecadores, o que faz desta antologia «A Bíblia dos Pecadores». Os 44 textos que apresenta foram redigidos em diversos géneros literários; da crónica ao conto policial, do drama à comédia, da prosa poética à biografia romanceada, da sátira à ficção científica, da fábula à peça teatral, da tragédia à aventura romântica... Os próprios autores, portugueses e brasileiros, escolheram os temas que desejaram desenvolver, independentemente das suas raças, crenças, orientações sexuais e filosofias de vida. Cada texto inclui uma citação da Bíblia, do episódio em que é inspirado, e o critério de apresentação dos mesmos baseia-se na ordenação bíblica, a partir das citações designadas. Do Génesis ao Apocalipse. Desse modo, surgem, nas primeiras páginas, as narrações inspiradas no Génesis, e nas derradeiras as tramas apocalípticas.

Organização: Isidro Sousa. Autores: Akira Sam, Ana Paula Barbosa, Angelina Violante, Antônio Guedes Alcoforado, Bárbara Baptista, Camilo de Lélis, Carlos Arinto, Daniel Vicente, Edson Amaro de Souza, Eduardo C. Duque, Eduardo Ferreira, Estêvão de Sousa, Fernando Morgado, Guadalupe Navarro, Isa Patrício, Isidro Sousa, Jeracina Gonçalves, Joaquim Bispo, Jonnata Henrique, Jorge Manuel Ramos, Jorge Pincoruja, José Duarte Mateus Beatriz, José Teixeira, Lírio de Xangai, Lia Molina, Lucinda Maria, Manuel Amaro Mendonça, Marcella Reis, Mari Marques, Maria Côrrea, Maria de Fátima Soares, Paula Homem, Paulo Rodrigues, Pedro Miguel Ferreira, Ricardo de Lohem, Robert Mar, Sakura Shounen, Sara Timóteo, Sérgio Sola, Suzete Fraga, Tânia Tonelli, Teresa Morais, Ton Botticelli, Yolanda Silva.

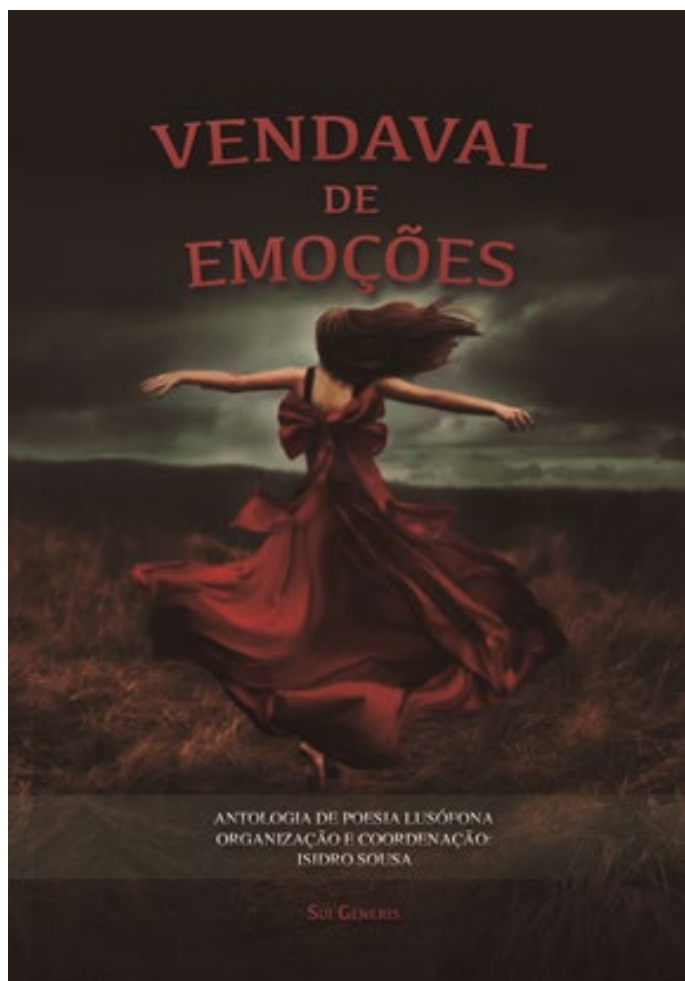


ANTOLOGIA DE POESIA LUSÓFONA

VENDAVAL DE EMOÇÕES

É sobre o tema das emoções que versam os 192 textos poéticos, de 57 autores lusófonos, incluídos neste livro. A emoção é uma experiência subjectiva associada ao temperamento, à personalidade e à motivação, podendo ocorrer em segundos (surpresa) como durar anos (amor). Existe uma distinção entre a emoção e os resultados da emoção, principalmente os comportamentos gerados e as expressões emocionais. As pessoas comportam-se frequentemente de certo modo como um resultado directo dos seus estados emocionais (chorar, lutar, fugir); raiva e desgosto podem ser combinados com desprezo e um homem irritável sente irritação mais facilmente do que outros. Estados afectivos podem também incluir fenómenos relacionados, como o prazer e a dor, estados motivacionais (fome, curiosidade), temperamentos, disposições e particularidades do indivíduo. Cada texto do livro contém uma emoção; alguns abordam várias emoções. Mas podemos considerar: cada poema, uma emoção. O que faz desta antologia um verdadeiro «Vendaval de Emoções».

Organização: Isidro Sousa. Autores: Alexandre Garrett, Amélia M. Henriques, Ana Maria Dias, Ana Paula Barbosa, Anderson Furtado, Andreia Vieira, Ângela Caboz, Angelina Violante, Augusta Silva, Carlos Arinto, Daniel Vicente, Egídio Piteira Santos, Everton Hardt, Fábio De Bari, Fernanda Helena, Fernanda Kruz, Guadalupe Navarro, Helena Lilith, Helena Pinto, Hélio Sena, Hugo Miguel Amaral, Inês Correia de Sá, Isidro Sousa, João Almeida, Joaquim Matias, Jonnata Henrique, Jorge Manuel Ramos, Jorge Pincoruja, José Duarte Mateus Beatriz, Leonor Matos, Lia Molina, Lucinda Maria, Manuel Duran Clemente, Manuel Timóteo de Matos, Marcella Reis, Maria Alcina Adriano,



Maria do Pilar Santos, Maria Isabel Góis, Marizeth Maria Pereira, Mónica Gomes, Nicol Peceli, Pedras Nuas, Pedro Fernandes, Rafa Goudard, Roberto Barreiro, Rosa Maria, Rosa Marques, Ross Freitas, Sandra Rodrigues, Sara Timóteo, Scarleth Menezes, Sidney Rocha, Suzete Fraga, Tiago Gonçalves, Tito Lívio, Tó de Porto d'Ave, Vânia de Oliveira.

ANTOLOGIA DE CONTOS VAMPIRESCOS

O BEIJO DO VAMPIRO

As diversas narrativas que compõem este livro abordam, de um modo ora intenso, excêntrico ou fantasioso, ora superficial ou mesmo subtil, o tema dos vampiros. O repto para organizar esta antologia foi lançado em finais de 2015, sob o lema Terror e Sensualidade, ao qual ninguém mostrou indiferença nas duas margens do Atlântico. Seleccionaram-se 37 textos em diversos géneros; da aventura ao romance, do drama à comédia, do policial à ficção científica, um pouco de tudo! São trechos variadíssimos, escritos por 37 autores portugueses e brasileiros distintos entre si, com diferentes sensibilidades, culturas, idades, experiências de vida e estilos.

«Imortalidade, sedução, mistério, sexualidade, terror e suspense fazem deles [dos vampiros] personagens fascinantes que amedrontam, atraem, seduzem. O vampiro, morto todavia vivo, moldado nas sombras da sociedade, obcecado por sangue, incorpora o lado mais escuro, porém, não menos real da existência humana; por outras palavras, o vampiro literário imediatamente justapõe na sua figura tanto as luzes quanto as sombras que alicerçam a vida humana» (Do Prefácio).

Organização: Isidro Sousa. Autores: Akira Sam, Amélia M. Henriques, Ana Paula Barbosa, Anderson Furtado, Andrea Reis, Angelina Violante, Antônio Guedes Alcoforado, Augusta Silva, Carlos Arinto, Daniel Damien, Estêvão de Sousa, Eugen Weiss, Fábio De Bari, Fernanda Kruz, Flávia Mendes, Guadalupe Navarro, Isidro Sousa, Ivan de Oliveira Melo, João Almeida, Jonnata Henrique, Jorge Manuel Ramos, José Teixeira, Leonor Matos, Leopoldo Pontes, Maicon Ferreira Vale, Marcella Reis, Maria Côrrea, Patheres de Sá Dias, Patrícia Alves, Pedras Nuas, Ricardo de Lohem, Sara Timóteo, Sérgio Sola, Sertorius, Suzete Fraga, Tito Lívio, Wagner S. G. Azevedo.



LIVROS EM FOCO |

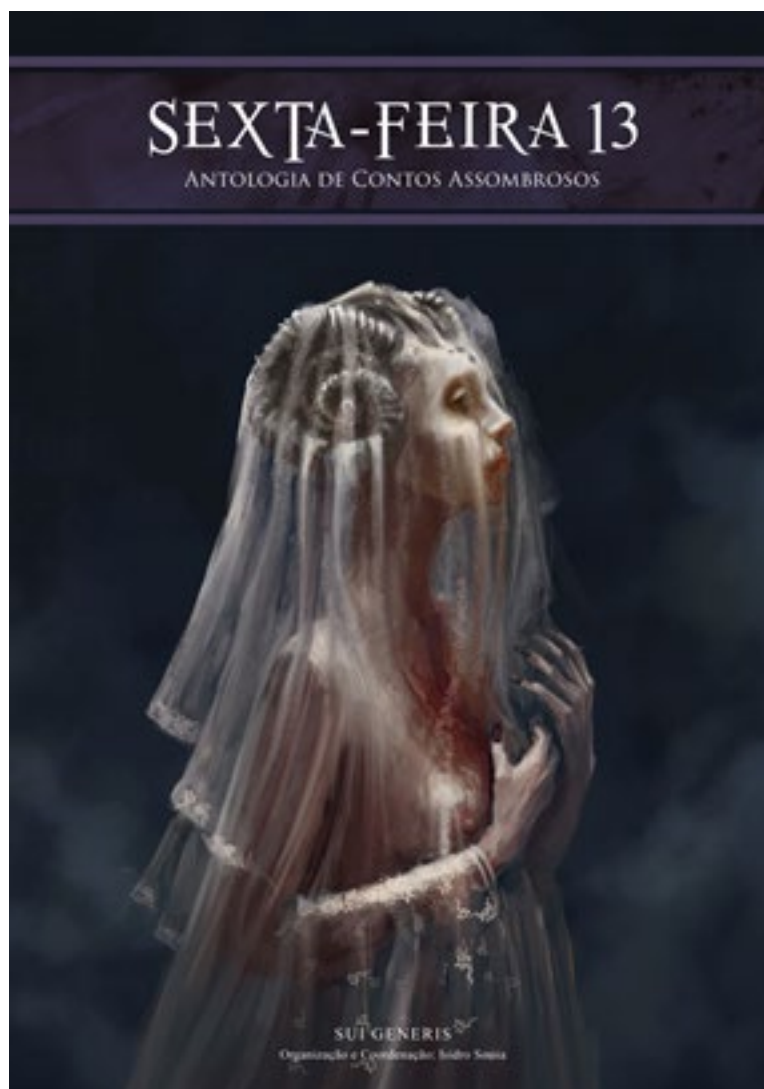
ANTOLOGIA DE CONTOS ASSOMBROSOS

SEXTA-FEIRA 13

Esta obra colectiva reúne três dezenas de textos, de autores lusófonos, subordinados aos Mitos & Superstições. Suspense, mistério, aventura, acção, humor negro, sátira, romance, intriga policial, terror e (muito) horror são os principais ingredientes que dão cor e sabor às diversas narrativas que compõem esta antologia de contos assombrosos... onde não se olvidam fantasmas, espíritos, bruxarias, demónios e eventos satânicos numa “fantástica” Sexta-Feira 13, cujas origens remontam, segundo algumas versões, à época dos Templários.

Organização: Isidro Sousa. Autores: Ademir Pascale, Akira Sam, Ana Paula Barbosa, Angelina Violante, Carlos Arinto, Carmine Calicchio, Everton Medeiros, Fernanda Kruz, Fernando Magalhães, Florizandra Porto, Guadalupe Navarro, Hélio Sena, Isidro Sousa, Jonnata Henrique, José Teixeira, Júlio Gomes, Paula Homem, Manuel Amaro Mendonça, Marcella Reis, Márcio Rafael Lopes, Marizeth Maria Pereira, Ricardo de Lohem, Rosa Marques, Sakura Shounen, Sandra Boveto, Sara Timóteo, Sérgio Sola, Sertorius, Stephanie Donovan, Suzete Fraga, Teresa Faria, Wesley Pio.

Informações e Encomendas:
letras.suigeneris@gmail.com
www.euedito.com/livraria.html
<http://letras-suigeneris.blogspot.pt>



Divulga Escritor – Unindo Você ao Mundo através da Literatura



*Curta nossa
Fan Page no
Facebook*



Eu gosto

de **Livros**



DIVULGA ★★★★★
ESCRITOR

Contato Geral: smccomunicacao@hotmail.com



1º E A F

Encontro de Autores Fluminenses

Muito mais que um Ponto e Vírgula

LOCAL: **CENTRO CULTURAL - RINHA DAS ARTES**
RUA DR. JÚLIO OLIVIER, 633 - MACAÉ RJ

DATA: **20.11.2016**

HORÁRIO: **13:00 ÀS 17:00**

TROQUE ESTE PANFLETO NO POSTO DE COLETA!

Para trocar é necessário a apresentação deste
e mais 1Kg de ração (cão ou gato). Você
receberá uma pulseira que te dará acesso ao evento.
Só temos 200 pulseiras disponíveis.

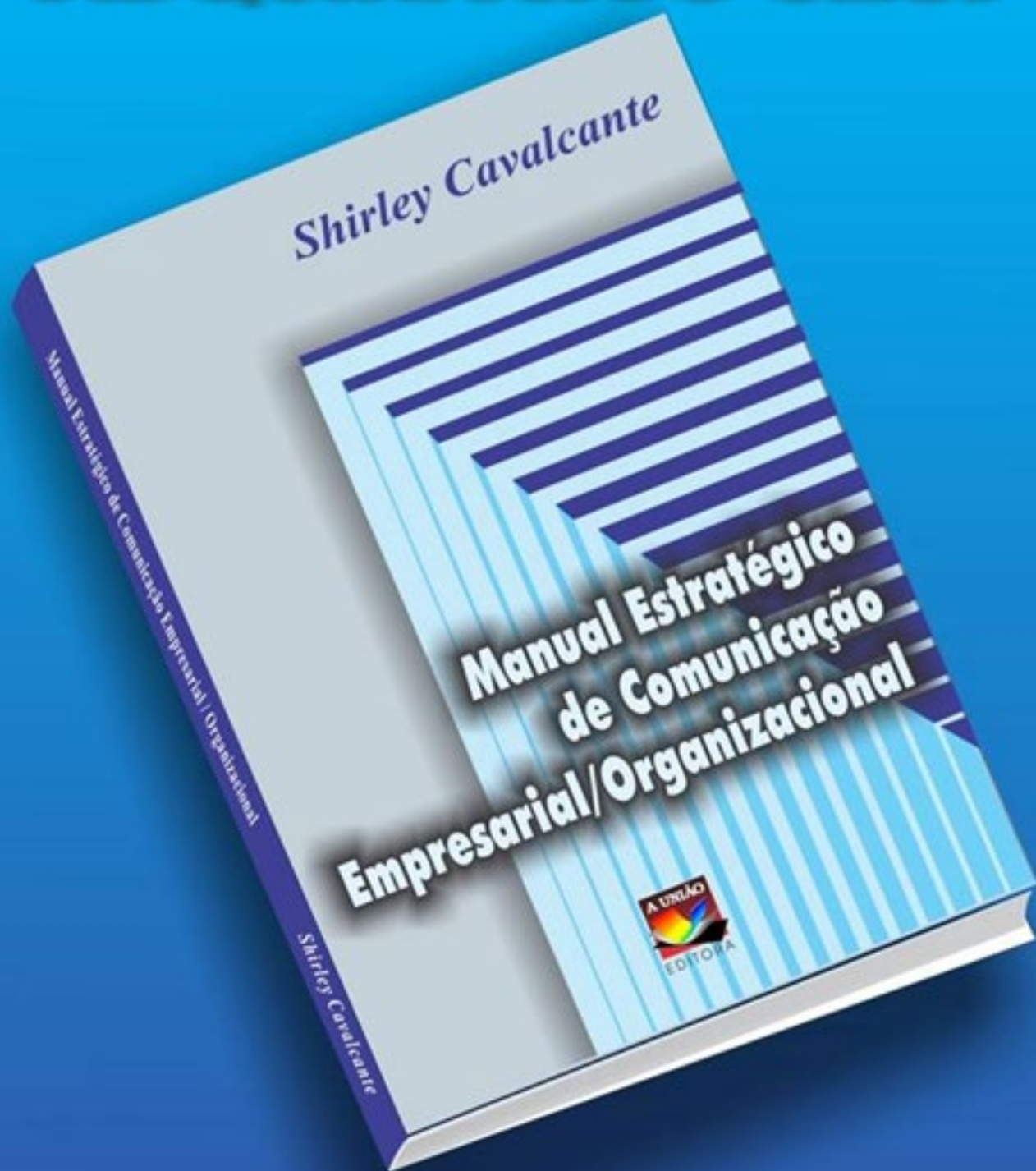
POSTO: **ESSENCIAL**
RUA SECRETÁRIO SALO BRAND 175 VISCONDE DE ARAÚJO - MACAÉ RJ

ATÉ O DIA: **19.11.2016**

HORÁRIO: **09:00 ÀS 11:00 - 14:00 ÀS 17:00** DE SEGUNDA A QUINTA.



ADQUIRA JÁ O SEU!



www.manualdecomunicacao.com.br

Apoio:

Patrocinador Cultural:



ALLIANCE
ADQUIRA SUAS RESERVAS



Obrigada a todos escritores que fazem do Divulga Escritor o maior projeto de divulgação literária da Lusofonia





DIVULGA ★★★★★
ESCRITOR

www.divulgaescritor.com



REVISTA
ACADÊMICA

www.revistaacademicaonline.com

ISSN 2359-5787

DIVULGA ★★★★★
ESCRITOR

www.divulgaescritor.com

Venha divulgar
seu livro conosco!

SHIRLEY M. CAVALCANTE (SMC)
Jornalista - Radialista - Escritora - Editora

